

LUCAS DOS REIS MARTINS

MASSA E HUMANIZAÇÃO: DE CANETTI A SLOTERDIJK

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Filosofia junto ao Programa de Pós-Graduação em Filosofia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação do Prof. Dr. José Oscar de Almeida Marques

BANCA:

Prof. Dr. José Oscar de Almeida Marques (orientador)
Prof. Dr. Ana Thereza de Miranda Cordeiro Dürmaier
Prof. Dr. Laymert Garcia dos Santos
Prof. Dr. Oswaldo Giacoia Júnior (suplente)
Prof. Dr. Róbson Ramos dos Reis (suplente)

CAMPINAS

SETEMBRO DE 2009

**FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA
BIBLIOTECA DO IFCH - UNICAMP
Bibliotecária: Cecília Maria Jorge Nicolau CRB nº 3387**

M366m **Martins, Lucas dos Reis**
Massa e humanização, de Canetti a Sloterdijk / Lucas dos
Reis Martins. - - Campinas, SP : [s. n.], 2009.

Orientador: José Oscar de Almeida Marques.
Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas,
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

1. Sloterdijk, Peter, 1947- 2. Canetti, Elias, 1905-1994.
3. Comportamento de massa. 4. Cultura de massa. 5. Mídia.
6. Humanismo. I. Marques, José Oscar de Almeida.
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Filosofia e
Ciências Humanas. III. Título.

Título em inglês: Mass and humanization, from Canetti to Sloterdijk

Palavras chaves em inglês (keywords) : **Collective behavior**
Culture mass
Media
Humanism

Área de Concentração: Filosofia

Titulação: Mestre em Filosofia

Banca examinadora: José Oscar de Almeida Marques, Ana Thereza de
Miranda Cordeiro Dürmaier, Laymert Garcia dos Santos

Data da defesa: 30-09-2009

Programa de Pós-Graduação: Filosofia

Banca Examinadora

Prof. Dr. José Oscar de Almeida Marques (orientador)

Ass: José Oscar de A. Marques

Prof. Dr. Ana Thereza de Miranda Cordeiro Dürmaier

Ass: Ana Thereza de Miranda

Prof. Dr. Laymert Garcia dos Santos

Ass: Laymert Garcia dos Santos

Agradecimentos

A José Oscar de Almeida Marques, orientador da presente dissertação de mestrado, pela dedicação ao meu trabalho e a paciência com meus eventuais devaneios. Jamais poderei agradecer de maneira suficiente o entusiasmo e a generosidade intelectual com que me proporcionou uma orientação criteriosa e amigável sobre temas e autores tão incomuns quanto necessários em nosso espaço acadêmico.

Aos meus pais, Wagner e Gasparina, pela coragem e determinação com que saíram de Minas Gerais com dois filhos pequenos, enfrentando o desafio de edificar a nossa família em uma nova cidade, Campinas. É o primoroso e árduo trabalho de ambos na rede pública de saúde que permitiu que me dedicasse à faculdade de filosofia.

Ao meu irmão, pelo apoio imutável. Ao meu padrinho Geraldo, pelo diálogo constante e pela presença e ajuda nos momentos difíceis. A Danielle, pelos momentos de alegria que me proporcionou durante os últimos passos do mestrado. Aos amigos, pelas ricas discussões e conversas esclarecedoras.

Ao CNPq pela bolsa concedida, que possibilitou a realização deste trabalho.

Agradeço à UNICAMP, que, desde longa data, tem me proporcionado uma estrutura de excelência para desenvolver meus estudos. À UNICAMP devo minha convicção de que é ao ensino público que cabe a tarefa de mudar nosso país, cabendo a nós, formados nas universidades públicas de excelência, a hercúlea tarefa de melhorar cada vez mais nosso ensino público em todos os seus níveis.

Sumário

Resumo	9
Introdução	13
I. Massa como conceito	17
II. Reconhecimento e Desprezo.....	41
III. O Projeto Moderno: desenvolver a massa como sujeito.....	51
IV. O horizonte dos processos de humanização	89
Pósfacio	111

Resumo

O trabalho propõe-se a analisar o fenômeno das massas humanas e suas implicações culturais, sociais e políticas para o século XXI. Partindo da clássica obra *Massa e Poder* (1960), de Elias Canetti, o estudo prossegue com o exame de dois ensaios de Peter Sloterdijk, *Regras para o Parque Humano* (1999) e *O Desprezo das Massas* (2000), e procura esclarecer as transformações do conceito de massa entre esses dois autores, da massa negra e molar de Canetti à massa colorida e gasosa de Sloterdijk. Sem a pretensão de percorrer o conceito na história da filosofia política, pretende-se fazer notar como a reflexão sobre a natureza, as potencialidades e os riscos das multidões assume um papel cada vez mais importante no pensamento sobre a política e cultura contemporâneas. As catastróficas experiências das grandes guerras mundiais mostraram a urgência de uma análise séria dos comportamentos direcionados ou espontâneos de massa, principalmente para aqueles que desejam pensar sobre o que ainda podem significar, hoje, idéias como *democracia* ou *humanidade*. Se, como nota Sloterdijk, o humanismo não é mais capaz de domesticar o homem contemporâneo, bombardeado cada vez mais intensamente por mídias embrutecedoras, outras antropotécnicas - mais efetivas que o velho humanismo na sua forma de domesticar o homem - deverão substituí-lo em nome de um determinado projeto de humanidade. Massa e humanização apresentam-se hoje como tópicos estreitamente relacionados, e refletir sobre o que significa ser humano hoje e o que poderá significar amanhã exige uma maior compreensão dos fenômenos de massa no século que se inicia.

Abstract

This work proposes to examine the phenomenon of human masses and their cultural, social and political implications for the XXIth century. Taking as its point of depart Elias Canetti's classic essay *Mass und Macht* (1960), the study continues with an examination of two texts by Peter Sloterdijk, *Regeln für den Menschenpark* (1999) and *Die Verachtung der Massen* (2000), and seeks to clarify the transformations of the concept of mass between these two authors, from Canetti's black and molar mass to the gaseous and colorful mass of Sloterdijk. Without the pretension of examining the concept of mass through the whole history of political philosophy, its aim is to make clear how the reflection on the nature, the potential and risks of the masses has an increasingly important role in thinking about contemporary politics and culture. The disastrous experiences of the great world wars has shown the urgency of a serious analysis of the directed or spontaneous conduct of the masses, especially for those who want to think about what the ideas of democracy or humanity can still mean today. If, as Sloterdijk remarked, humanism is no longer capable of domesticating contemporary man, as he is increasingly bombed by brutal media, other antropotechniques – more effective than the old humanism to attain human domesticating – should replace it in the name of a particular project of humanity. Mass and humanization present themselves today as closely related topics, and to reflect about what it means to be human today and what could that mean tomorrow requires greater understanding of the phenomena of mass in the century that begins.

Ich sah Masse um mich, aber ich sah auch Masse in mir

Eu vi a massa ao meu redor, mas eu também vi a massa dentro de mim

*Elias Canetti*¹

Die Wüste wächst: weh Dem, der Wüsten birgt!

O deserto cresce: ai daquele que oculta desertos!

*Nietzsche*²

¹ CANETTI, Elias. *Die Fackel im Ohr. Lebensgeschichte 1921-1931*. Uma luz em meu ouvido. História de uma vida.

² NIETZSCHE, Friedrich. *Also sprach Zarathustra. Ein Buch für Alle und Keinen*. Assim falou Zarathustra. Um livro para todos e para ninguém.

Introdução

O século XXI nasce com o grande desafio de compreender o fenômeno da multidão. Desde o século XIX, com o surgimento da sociedade industrial, o pensamento ocidental enfrenta esse desafio com significativa preocupação. O comportamento das massas humanas instiga os pensadores desde o alvorecer da filosofia ocidental, entretanto, somente há muito pouco tempo tem conseguido angariar o devido reconhecimento. Desde que Platão, olhando para o *demos* ateniense, ressaltava o perigo de uma multidão irracional e ignorante sempre inclinada a transformar a democracia em tirania, os pensadores tendem a reagir com repúdio ao desafio de compreender teoricamente as massas. Uma tentativa de reconhecimento se inicia em meados do século XIX, estendendo-se pelo século XX, em duas frentes: por um lado, surge uma *psicologia das massas* (presente em obras de Gabriel Tarde, Gustave Le Bon, Sigmund Freud, Hannah Arendt, Ortega y Gasset); por outro lado, o tema recebe atenção na literatura³ (Victor Hugo, Charles Baudelaire, Edgar Allan Poe). Mas é apenas em 1960, com a obra *Massa e Poder* de Elias Canetti, que o desafio filosófico de compreender as multidões ganha uma abordagem inovadora. O pensamento de Elias Canetti está ligado as mais tormentosas experiências de multidões da história da humanidade, as grandes guerras do século XX. Peter Sloterdijk, filósofo alemão, em seu ensaio *O Desprezo das Massas* (2000), recupera a preocupação de Elias Canetti na perspectiva do final do século XX. Dessa forma, Sloterdijk nos oferece uma atualização da

³ “Nenhuma questão se apresenta mais carregada de compromissos para os literatos do século XIX do que a *multidão*. Num momento em que o hábito de leitura se espalhava por todas as classes sociais, esse público em formação fazia uma exigência: encontrar sua imagem nos romances que lia. Entre outros, Victor Hugo, Baudelaire, Zola e Eugène Sue, na França, e Charles Dickens e Edgar Allan Poe, na Inglaterra, preencheram essa expectativa oferecendo à sociedade o espetáculo de sua própria vida”. BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*, p 7.

crítica de Canetti, meio século depois, expondo como a direção das massas humanas ainda é um dos problemas centrais da política e da cultura modernas.

A presente dissertação pretende empreender uma análise filosófica do conceito de multidão na atualidade, visando compreender o fenômeno contemporâneo das massas humanas e algumas de suas mais relevantes implicações éticas, culturais e políticas para o século XXI, principalmente no que concerne a conceitos como democracia, identidade e humanidade.

O primeiro capítulo pretende reconstruir o conceito de massa fundamentado prioritariamente na abordagem de Elias Canetti em *Massa em Poder*. Serão analisadas as características sociais e histórias que permitem uma transformação da massa negra e molar da primeira metade do século XX, na massa gasosa e colorida, segundo a interpretação que Sloterdijk propõe em seu livro *O desprezo das massas*, principalmente em sua organização em função de seus diferentes regimes de afeto (descarga e entretenimento). Pretende-se evidenciar a coerência da construção do conceito contemporâneo de massa midiaticizada, e mostrar em que medida sua estrutura já está antecipadamente caracterizada em *Massa e Poder*.

O segundo capítulo apresenta o problema objetivo de reconhecimento que envolve qualquer abordagem do conceito de massa. Ao se constatar a ausência de uma abordagem teórica do conceito de massa no pensamento ocidental, mostrar-se-á de que formas as próprias características da massa contribuem para a recusa de seu reconhecimento. O problema não-resolvido de reconhecimento traduz-se no desprezo da massa como conceito e como problema que deva ser tratado positivamente. Com a revolução industrial e o aumento expressivo e cada vez maior do número das multidões, tornou-se imprescindível aos pensadores buscar compreender as massas. Porém, as tentativas de compreensão não se

mostram suficientemente críticas, de modo que o antigo desprezo das massas é meramente invertido, transformando-se em *adulação* das massas. Ao mobilizar idéias e discursos em favor de tentar superar o desprezo, mas sem uma crítica funcional do fenômeno da massa, acaba-se por iniciar na modernidade um programa de desenvolvimento da própria desprezabilidade.

No terceiro capítulo, analisar-se-á o roteiro histórico do desprezo na modernidade, ou, como Sloterdijk o denomina: o grande projeto moderno de desenvolver a massa como sujeito. Através de um exame dos comentários de Sloterdijk sobre Hobbes, Spinoza, Hegel, Marx, Nietzsche e Heidegger, busca-se esclarecer como o movimento de reconhecimento das massas atinge seu ponto crítico na cultura contemporânea de massas midiáticas, sob a forma de uma aniquilação das diferenças, e em que medida esse processo é tomado como movimento democrático.

No quarto capítulo, pautando-se do texto *Regras do Parque Humano*, de Sloterdijk, examina-se a relação entre a cultura de massas e os processos de humanização. O projeto da modernidade de desenvolver a massa como sujeito está profundamente ligado às definições criadas pelo gênero humano para se autocompreender e gerenciar seu futuro enquanto humanidade.

Em conclusão, espera-se deixar mais evidente a relevância do conceito de massa no século XXI, sem a pretensão de resolver o aparentemente insolúvel problema objetivo do reconhecimento. Pretende-se ter mobilizado, através dos principais autores citados, Canetti e Sloterdijk, um arcabouço teórico suficiente para dar consistência ao desafio filosófico de compreender as multidões humanas.

I - Massa como conceito

Eine ebenso rätselhafte wie universale Erscheinung ist die Masse, die plötzlich da ist, wo vorher nichts war. Einige wenige Leute mögen beisammen gestanden haben, fünf oder zehn oder zwölf, nicht mehr. Nichts ist angekündigt, nichts erwartet worden. Plötzlich ist alles schwarz von Menschen. Von allen Seiten strömen andere zu, es ist, als hätten Straßen nur eine Richtung. Viele wissen nicht, was geschehen ist, sie haben auf Fragen nichts zu sagen; doch haben sie es eilig, dort zu sein, wo die meisten sind. Es ist eine Entschlossenheit in ihrer Bewegung, die sich vom Ausdruck gewöhnlicher Neugier sehr wohl unterscheidet. Die Bewegung der einen, meint man, teilt sich den anderen mit, aber das allein ist es nicht: sie haben ein Ziel. Es ist da, bevor sie Worte dafür gefunden haben: das Ziel ist das schwärzeste – der Ort, wo die meisten Menschen beisammen sind.

Elias Canetti, *Mass und Macht* ⁴

Die aktuellen Massen haben im wesentlichen aufgehört, Versammlungs- und Auflaufmassen zu sein; sie sind in ein Regime eingetreten, in dem der Massencharakter nicht mehr im physischen Konvent, sondern in der Teilnahme an Programmen von Massenmedien zum Ausdruck kommt.

Peter Sloterdijk, *Die Verachtung der Massen* ⁵

A aglutinação, a multidão que surge do nada, é o fenômeno da *massa*. Entretanto, esse fenômeno libertou-se, por assim dizer, de seu aspecto físico nos dias atuais. Segundo

⁴ “Um fenômeno tão enigmático quanto universal é o da massa que repentinamente se forma onde, antes, nada havia. Umhas poucas pessoas se juntam – cinco, dez ou doze, no máximo. Nada foi anunciado; nada é aguardado. De repente, o local preteja de gente. As pessoas afluem, provindas de todos os lados, e é como se as ruas tivessem uma única direção. Muitos não sabem o que aconteceu e, se perguntados, nada têm a responder; no entanto, têm pressa de estar onde a maioria está. Em seu movimento, há uma determinação que difere inteiramente da expressão da curiosidade habitual. O movimento de uns – pode-se pensar – comunica-se aos outros; mas não é só isso: as pessoas têm uma meta. E ela está lá antes mesmo que se encontrem palavras para descrevê-la: a meta é o ponto mais negro – o local onde a maioria encontra-se reunida”. CANETTI, Elias. *Masse und Macht*, Hamburg, Claassen, 1960, p 10-11. Tradução brasileira de Sérgio Tellaroli: *Massa e Poder*, São Paulo, Companhia das letras, 1995, p 14-25.

⁵ “As massas atuais pararam essencialmente de ser massas de reuniões e ajuntamentos; elas entraram num regime no qual o caráter de massa não se expressa mais na reunião física, mas na participação em programas de meios de comunicação de massa”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen: Versuch über Kulturkämpfe in der modernen Gesellschaft*, Frankfurt, Suhrkamp, p 16. Tradução brasileira de Claudia Cavalcanti: *O Desprezo das Massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*, São Paulo, Estação Liberdade, 2002, p 20-21.

Sloterdijk, as massas da atualidade não têm mais como característica principal a reunião física de muitos, mas sim a participação desses muitos em programas de meios de comunicação de massa. Aparentemente, essa multidão moderna parece um conceito vazio, visto que o fenômeno da massa nos dias atuais perde sua característica essencial de visibilidade, o *pretume* de gente, como descreve Canetti. A visibilidade da massa diminuiu, mas essa propriedade não é mais essencial para o conceito. Ou seja, a massa existe na atualidade sem que seja necessário que uma multidão se reúna em um lugar físico. Com esta alteração do conceito perdem-se, também, várias outras características apontadas por Canetti, o que é compreensível, pois a sociedade da primeira metade do século XX apresenta grandes diferenças em relação à atual, e é justo que o conceito de massa seja reformulado, sem, entretanto, deixar de corresponder a uma multidão de pessoas.

Para Canetti, o principal sentimento experimentado por um indivíduo no interior da massa é o de pertencer a um corpo único. Quanto mais densa a massa, quanto maior o número de pessoas se reunindo em um lugar, maior é esse sentimento, que tem como principal orientação as próprias experiências corporais das pessoas. Contudo, hoje, o indivíduo não precisa mais do contato físico para sentir-se parte de um único corpo. Neste sentido, diz Sloterdijk:

Aus der Auflaufmasse ist eine programmbezogene Masse geworden – und diese hat sich definitionsgemäß von der physischen Versammlung an einem gemeinsamen Ort emanzipiert. In ihr ist man als Individuum Masse. Man ist jetzt Masse, ohne die anderen zu sehen. Die Folge davon ist, daß sich die heutigen, wenn man so will: die postmodernen Gesellschaften nicht mehr primär an Körpererfahrungen ihrer selbst orientieren, sondern sich nur über massenmediale Symbole, über Diskurse, Moden, Programme und und Prominenzen selbst beobachten. Hierin hat der Massenindividualismus unserer Epoche seinen systemischen Grund.

Er ist der Reflex dessen, daß man heute mehr als je zuvor Masse ist, auch ohne sich als solche zu versammeln.⁶

Não existe mais a necessidade de um lugar físico para a reunião de todos para a constituição da massa, pois a massa de ajuntamento tornou-se uma massa relacionada a um programa. A participação nos programas de comunicação em massa permite uma interiorização desta, ou seja, agora é-se massa sem que se veja os outros (*man ist jetzt Masse, ohne die anderen zu sehen*). Dessa forma, as multidões não são mais orientadas pelas experiências corporais dos indivíduos, mas sim por meio de símbolos das mídias de massa, de modas, programas e celebridades. É através desses programas de comunicação que percebemos a quase onipresença de um pensamento característico de massa (ainda aos moldes de Canetti) nas sociedades pós-modernas (usando o termo do próprio Sloterdijk), constituindo, entretanto, uma multidão invisível na rua, não necessariamente reunida em um local.

Em Canetti, temos a massa como pretume de gente, como um ajuntamento molar e negro. Sloterdijk aponta essas características para contrapô-las, dizendo que a massa pós-moderna é, ao contrário, gasosa e colorida. Para definir com clareza a diferença entre esses conceitos de *massa*, citamos o próprio Sloterdijk:

Will man die Differenz zwischen dem Zeitalter Canettis und der Gegenwart auf einen Begriff bringen, so ließe sich sagen: Weil heute die Masse über das Stadium ihrer Versammlungsfähigkeit hinaus ist, hat das Programm-Prinzip das Führer-Prinzip ersetzen müssen. Folglich genügt es, den Unterschied zwischen einem Führer und einem Programm zu erklären, um offenzulegen, was die klassisch-

⁶ “A massa de ajuntamento tornou-se uma massa relacionada a um programa – e este se emancipou, de acordo com a definição, de reunião física num local comum a todos. Nela, como indivíduo, se é massa. Agora se é massa sem que se veja os outros. A consequência disso é que as sociedades de hoje – ou se pode dizer, as pós-modernas – não mais se orientaram primariamente pelas suas próprias experiências corporais, mas se observam apenas por meio de símbolos das comunicações de massa, de discursos, modas, programas e celebridades. Aqui o individualismo de massa de nossa época tem seu motivo sistêmico. É o reflexo daquilo que hoje, mais do que nunca, é massa, também sem se reunir como tal”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 16. Tradução: p 20-21.

moderne versammelte schwarze Masse von der post-modernen mediatisierten, aufgesplitterten bunten Masse unterscheidet. Es geht hier um den Unterschied zwischen Entladung und Unterhaltung. Dieser ist es, der auch die Differenz zwischen dem faschistoiden und dem massendemokratischen Modus der Affekt-Regie von kommunikationsintensiven Großgesellschaften mitbestimmt.⁷

O princípio do programa (*Programm-Prinzip*) substitui para as massas contemporâneas o papel exercido pelo princípio do líder (*Führer-Prinzip*) nas massas clássico-modernas. Ao perder a capacidade de reunião (ou melhor, ao superá-la), as massas perdem as orientações corporais como principal característica de sua constituição. Por isso, a descarga (*Entladung*) tem que ser substituída pelo entretenimento (*Unterhaltung*). A importância da descarga para a constituição da massa havia sido apresentada no seguinte trecho de Canetti:

Der wichtigste Vorgang, der sich innerhalb der Masse abspielt, ist die *Entladung*. Vorher besteht die Masse eigentlich nicht, die Entladung macht sie erst wirklich aus. Sie ist der Augenblick, in dem alle, die zu ihr gehören, ihre Verschiedenheiten loswerden und sich als *gleiche* fühlen.⁸

A *descarga* é a eclosão do sentimento de ausência de distâncias entre os indivíduos, ausência de diferenças (determinadas pela hierarquia, posição social, propriedade), ou ainda, sentimento de tornar-se uma multidão de iguais. Na vida ordinária, as diferenças existem por toda parte, criando *distâncias* entre os indivíduos, criando *cargas*. Apenas na

⁷ “Caso se queira definir a diferença entre a época de Canetti e o presente, então poderia dizer o seguinte: como hoje a massa ultrapassou o estágio de capacidade de reunião, o princípio do programa teve de substituir o princípio do líder. Por conseqüência, é suficiente explicar a diferença entre um líder e um programa para evidenciar o que diferencia a massa preta clássico-moderna reunida da massa pós-moderna midiaticizada, estilhaçada e colorida. Trata-se aqui da diferença entre descarga e entretenimento. É também ela que determina a diferença entre o modo fascistóide e o democrático de massa da direção de afetos que vivenciam as grandes sociedades de comunicação intensa.”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 20. Tradução: p 24.

⁸ “O mais importante acontecimento a desenrolar-se no interior da massa é a *descarga*. Anteriormente a ele, a massa ainda não existe de fato. É somente a descarga que efetivamente a constitui. Trata-se do momento em que todos os que a compõem desvencilham-se de suas diferenças e passam a sentir-se *iguais*”. CANETTI, Elias. *Masse und Macht*, p 12. Tradução: p 16.

multidão é possível prover um alívio dessas cargas (por mais que possa ser uma ilusão meramente momentânea). A descarga é o que transforma a reunião de seres humanos em massa, como escreve Canetti:

Nur alle zusammen können sich von ihren Distanzen befreien. Genau das ist es, was in der Masse geschieht. In der *Entladung* werden die Trennungen abgeworfen und alle fühlen sich *gleich*. In dieser Dichte, da kaum Platz zwischen ihnen ist, da Körper sich an Körper presst, ist einer dem anderen so nahe wie sich selbst. Ungeheuer ist die *Erleichterung* darüber. Um dieses glücklichen Augenblickes willen, da keiner *mehr*, keiner besser als der andere ist, werden die Menschen zur Masse.⁹

O momento de descarga é essencial para que o ajuntamento de pessoas torne-se realmente massa e esse momento só esse possível graças à *inversão do temor do contato* vivenciada pelo ajuntamento físico das pessoas. Canetti inicia *Massa e Poder* descrevendo o temor do contato como um dos maiores medos humanos:

Nichts fürchtet der Mensch mehr als die Berührung durch Unbekanntes. Man will *sehen*, was nach einem greift, man will es erkennen oder zumindest einreihen können. Überall weicht der Mensch der Berührung durch Fremdes aus. Nachts oder im Dunkel überhaupt kann der Schrecken über eine unerwartete Berührung sich ins Panische steigern. Nicht einmal die Kleider gewähren einem Sicherheit genug, wie leicht sind sie zu zerreißen, wie leicht ist es, bis zum nackten, glatten, wehrlosen Fleisch des Angegriffenen durchzudringen.¹⁰

⁹ “Somente a união de todos é capaz de promover-lhes a libertação das cargas da distância. E é precisamente isso o que acontece na massa. Na *descarga*, deitam-se abaixo as separações, e todos se sentem *iguais*. Nessa sua concentração, onde quase não há espaço entre as pessoas, onde os corpos se comprimem uns contra os outros, cada um encontra-se tão próximo do outro quanto de si mesmo. Enorme é o *alívio* que isso provoca. É em razão desse momento feliz, no qual ninguém é *mais* ou melhor que os outros, que os homens transformam-se em massa”. CANETTI, Elias. *Masse und Macht*, p 13. Tradução: p 17.

¹⁰ “Não há nada que o homem mais tema do que o contato com o desconhecido. Ele quer ver aquilo que o está tocando; quer ser capaz de conhecê-lo ou, ao menos, de classificá-lo. Por toda a parte, o homem evita o contato com o que lhe é estranho. À noite ou no escuro, o pavor ante o contato inesperado pode intensificar-se até o pânico. Nem mesmo as roupas proporcionam segurança suficiente – quão facilmente se pode rasgá-las, quão fácil é avançar até a carne nua, lisa, indefesa da vítima”. CANETTI, Elias. *Masse und Macht*, p 9. Tradução: p 13.

Para Canetti, o medo capital do ser humano é o medo do contato com o desconhecido, a tal ponto que todas as distâncias estabelecidas pelo homem em torno de si têm como origem esse temor. Mesmo no contato com pessoas desejadas, sendo desconhecidas, esse medo deve ser constantemente superado. O fundamento do fenômeno da massa está na inversão desse medo, como descreve Canetti:

Es ist die *Masse* allein, in der der Mensch von dieser Berührungsfurcht erlöst werden kann. Sie ist die einzige Situation, in der diese Furcht in ihr Gegenteil umschlägt. Es ist die *dichte* Masse, die man dazu braucht, in der Körper an Körper drängt, dicht auch in ihrer seelischen Verfassung, nämlich so, daß man nicht darauf achtet, wer es ist, der einen „bedrängt“. Sobald man sich der Masse einmal überlassen hat, fürchtet man ihre Berührung nicht. In ihrem idealen Falle sind sich alle gleich. Keine Verschiedenheit zählt, nicht einmal die der Geschlechter. Wer immer einen bedrängt, ist das gleiche wie man selbst. Man spürt ihn, wie man sich selber spürt. Es geht dann alles plötzlich wie *innerhalb eines Körpers* vor sich. Vielleicht ist dies einer der Gründe, warum die Masse sich so dicht zusammenzuziehen sucht: sie will die Berührungsfurcht der einzelnen so vollkommen wie nur möglich loswerden. Je heftiger die Menschen sich aneinanderpressen, um so sicherer fühlen sie, daß sie keine Angst voreinander haben. Dieses *Umschlagen der Berührungsfurcht* gehört zur Masse.¹¹

A inversão do temor do contato propicia o momento de descarga, nas qual os seres humanos efetivamente se tornam massa. Quanto mais densa a massa, mais forte é esse sentimento de estar no interior de um único corpo. Assim como subitamente “tudo preteja de gente” (*Plötzlich ist alles schwarz von Menschen*), subitamente tudo se passa como

¹¹ “Somente na *massa* é possível ao homem liberta-se do temor do contato. Tem-se aí a única situação na qual esse temor transforma-se no seu oposto. E é da massa *densa* que se precisa para tanto, aquela na qual um corpo comprime-se contra o outro, *densa* inclusive na sua constituição psíquica, de modo que não atentamos para quem é que nos ‘comprime’. Tão logo nos entregamos à massa não tememos o seu contato. Na massa ideal, todos são iguais. Nenhuma diversidade conta, nem mesmo a dos sexos. Quem quer que nos comprima é igual a nós. Sentimo-lo como sentimos a nós mesmos. Subitamente, tudo que se passa então como que no *interior de um único corpo*. Talvez essa seja uma das razões pelas quais a massa busca concentrar-se de maneira tão densa: ela deseja libertar-se tão completamente quanto possível do temor individual do contato. Quanto mais energicamente os homens se apertarem uns contra os outros, tanto mais seguros eles se sentiram de não se temerem mutuamente. Essa *inversão do temor do contato* é característica da massa”. CANETTI, Elias. *Masse und Macht*, p 10. Tradução: p 14.

dentro de um único corpo (*Es geht dann alles plötzlich wie innerhalb eines Körpers vor sich*). Sem a reunião física das pessoas em um pretume de gente, já não é mais possível o momento de descarga. Possivelmente, essa constatação seria suficiente para se afirmar que não existe o fenômeno de massa sem o momento da descarga, e que, portanto, esse seria um fenômeno social que teve seu apogeu no século XX, chegando a seu fim quando a massa já não conseguia mais se reunir na rua. Porém, seguindo a perspectiva de Sloterdijk, convém analisar se é possível que algo diferente seja capaz de proporcionar a uma multidão de pessoas o alívio obtido no momento de descarga. Se for possível que algo substitua esse momento essencialmente corporal, será possível caracterizar um fenômeno de massa sem que seja necessário que esta apareça fisicamente, ou seja, que as pessoas comprimam, de fato, seus corpos uns nos outros.

O princípio de líder (*Führer-Prinzip*) é uma identificação subjetiva da massa em um indivíduo, que cumpre seu papel como símbolo. Os líderes fascistas ou os populistas são grandes exemplos desse processo de identificação, que não surge, necessariamente, do interior da massa. A multidão pode ser conduzida (ou mesmo, manipulada) a se reconhecer subjetivamente em seus líderes. Sloterdijk destaca esse princípio da seguinte forma:

Für keinen Personenkult dieses Jahrhunderts gilt die Formel von der horizontalen Idealisierung mehr als für die Hitlermanie, die ihrer Substanz nach nie etwas anderes war als eine Selbstanbetung der lüsternten Mittelmäßigkeit mit Hilfe der Führergestalt als eines öffentlichen Kultmediums.¹²

A vulgaridade de Hitler e, ainda assim, a sua posição destacada de liderança, constituía quase que um espelho para a massa, um narcisismo vulgar. O partido nazista

¹² “Para nenhum culto à personalidade deste século vale mais a fórmula da idealização horizontal do que para a hitlermania, que, de acordo com a sua substância, nunca foi outra coisa senão uma auto-adoração da mais lasciva mediocridade, com ajuda da figura do líder como um meio público de culto”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 23-24. Tradução: p 28.

fazia questão de afirmar e divulgar para o povo alemão que, onde Hitler está, *preteja de gente*, criando assim, nas imaginações da massa, um reconhecimento do líder como sublimação da nação. As manifestações em Nurembergue são mais que evidentes quanto a este ponto, encontrando na obra cinematográfica *Triumph des Willens* (O Triunfo da Vontade, 1935), de Leni Riefenstahl, sua ilustração midiática. O esforço de criação de imagens capazes de reforçar a identificação das massas com o *Führer* é a principal característica de *Triumph des Willens*, acentuando sua relevância como primeira obra cinematográfica de propaganda política ao modo de uma produção horizontal dos meios de comunicação (trataremos da diferença entre horizontalidade e verticalidade dos meios de comunicação mais a frente). Sloterdijk enfatiza o papel midiático de Hitler no seguinte trecho:

Hans Pfitzner hat das Hitler-Phänomen abschließend begriffen, als er wie beiläufig von dem Führer als einem „entfesselten Prometheus“ sprach – ein Wort, in dem die Affaire der Massen mit ihrem Helden unter den richtigen, den endgültigen und den hinreichend komischen Titel gebracht ist. Hitler war in der Tat das unverwechselbare Produkt einer Figurenerfindung nach dem massenmedialen, horizontal projektiven Modus – und genau in dieser Eigenschaft, als carlylisches Phantom, bleibt er zu erkennen als Träger einer Funktion, die auch nach der Umstellung von politischer Entladung auf unpolitische Unterhaltung für den Affekhaushalt liberaler Massendemokratien charakteristisch geblieben ist.¹³

A imagem do *Führer* é produto de um modo horizontal de comunicação de massa.

O fascínio que essa imagem exerce sobre a multidão funciona como um espectro carlylico

¹³ “Hans Pfitzner compreendeu definitivamente o fenômeno Hitler quando, quase acidentalmente, falou do Führer como um ‘Prometeu desacorrentado’ – uma palavra na qual o caso de amor das massas com seu herói é mostrado com seu título correto, definitivo e suficientemente cômico. De fato, Hitler foi o inconfundível produto de uma invenção de figuras do modo de projeção horizontal dos meios de comunicação de massa – e justamente nessa qualidade, como espectro carlylico, ele permanece reconhecível como portador de uma função que também, depois da conversão da descarga política para o entretenimento não-político, permaneceu característica da administração dos afetos de democracias de massa liberais”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 28. Tradução: p 34.

(*als carlylisches Phantom*). A referência feita aqui a Thomas Carlyle remete a uma afirmação de Robert Michels acerca do fascismo:

Der Fascismus ist absolut carlylisch. Selten hat die lange und krause Geschichte des modernen Parteienwesens uns ein so prototypisches Beispiel für die inneren Bedürfnisse der Masse zu hero worship gegeben, wie es der Fascismus bietet. Absolutes, blindes Vertrauen und glühende Verehrung bringt diese Partei ihrem Führer, dem Duce, entgegen.¹⁴

Segundo Michels, o fascismo é um excelente exemplo da função do *Hero-worship* como necessidade interna da massa. *Hero-worship* (culto ao herói) é uma expressão de Thomas Carlyle usada para identificar a adoração dos heróis na história¹⁵. Para Carlyle, a história do mundo é feita apenas por alguns grandes heróis¹⁶. A perspectiva de Carlyle é semelhante a uma característica da massa negra e molar de Canetti, que pode fazer da figura de um líder sua meta, o ponto mais negro para onde a multidão se dirige. A

¹⁴ “O fascismo é absolutamente carlylico. Raramente a longa e confusa história do sistema partidário moderno nos deu um exemplo tão prototípico das necessidades internas da massa para o *hero worship* como oferece o fascismo. Confiança absoluta, cega, e adoração ardente levam esse partido de encontro ao seu líder, o Duce”. MICHELS, Robert. *Masse, Führer, Intellektuelle. Politisch-soziologische Aufsätze 1906-1933*, Frankfurt e Nova Iorque, 1987, p 293. Tradução IN: *Desprezo das Massas*, p 26-27.

¹⁵ “Faith is loyalty to some inspired Teacher, some spiritual Hero. And what therefore is loyalty proper, the life-breath of all society, but an effluence of Hero-worship, submissive admiration for the truly great? Society is founded on Hero-worship (...) Society everywhere is some representation, not insupportably inaccurate, of a graduated Worship of Heroes—reverence and obedience done to men really great and wise. Not insupportably inaccurate, I say! They are all as bank-notes, these social dignitaries, all representing gold;—and several of them, alas, always are *forged* notes. We can do with some forged false notes; with a good many even; but not with all, or the most of them forged! No: there have to come revolutions then; cries of Democracy, Liberty and Equality, and I know not what:—the notes being all false, and no gold to be had for *them*, people take to crying in their despair that there is no gold, that there never was any! "Gold," Hero-worship, is nevertheless, as it was always and everywhere, and cannot cease till man himself ceases.” CARLYLE, Thomas. *On Heroes, Hero-Worship, and the Heroic in History*, § 1, IN Project Gutenberg: <http://www.gutenberg.org/files/1091/1091-h/1091-h.htm>. O *culto ao herói* é fundamental para Carlyle, de tal forma que a própria sociedade é fundada em função de um *culto ao herói*, que, segundo ele, existe sempre e em qualquer lugar, e só acabaria quando o próprio homem acabasse.

¹⁶ “For, as I take it, Universal History, the history of what man has accomplished in this world, is at bottom the History of the Great Men who have worked here. They were the leaders of men, these great ones; the modelers, patterns, and in a wide sense creators, of whatsoever the general mass of men contrived to do or to attain; all things that we see standing accomplished in the world are properly the outer material result, the practical realization and embodiment, of Thoughts that dwelt in the Great Men sent into the world: the soul of the whole world's history, it may justly be considered, were the history of these” CARLYLE, Thomas. *On Heroes, Hero-Worship, and the Heroic in History*, § 16, IN Project Gutenberg: <http://www.gutenberg.org/files/1091/1091-h/1091-h.htm>.

necessidade da massa de fazer sobressair o herói como um símbolo avança por sobre qualquer percepção da realidade, transformando seu *Führer*, por mais medíocre que pudesse ser em suas reais aptidões, em um titã desacorrentado. Esse idealismo de massa é a sujeição da percepção à projeção, um regime de afetos narcisista. A massa, em busca da *descarga*, não precisa se ater as qualidades reais do objeto admirado, basta que ele sirva como símbolo para que a massa possa idealizá-lo e, em certo sentido, transfigurá-lo. O *absolutamente carlylico* é o elo de ligação da massa negra e molar para a massa contemporânea e o *Hero-worship* é a característica que vai permitir substituir a descarga política pelo entretenimento não-político, de tal modo que toda a cultura das mídias de massa possa ser classificada como *absolutamente carlylica*, como produtora de celebridades, símbolos que atentem ao desejo da massa pelo seu herói.

O predicado *absolutamente carlylico* continuará sendo válido para o que Sloterdijk denomina a administração dos afetos levada a cabo pelas democracias de massa liberais (*Affekhaushalt liberaler Massendemokratien*). Neste sentido, os meios de comunicação adulam a massa negra e molar por meio do princípio de líder. A massa colorida e gaseiforme dos dias atuais é influenciada por esse mesmo “modo de produção horizontal”, entretanto, o princípio é outro: o *entretenimento*.

Na ausência da presença física da massa, o entretenimento não-político deverá substituir a descarga política. Sloterdijk destaca como apenas um indivíduo pode ser a meta para onde a massa se dirige:

Wenn die erregten Massen ihrem Helden nachliefen, so glichen sie den Menschen im Auflaufsog, von denen Canetti sagte: „... sie haben ein Ziel. Es ist da, bevor sie Worte dafür gefunden haben: das Ziel ist das schwärzeste ...“ Auch ein Einzelner vermag das Dasein der Masse so bündig darzustellen, daß er zum Kern des Auflaufs

werden kann. In einem Einzigen, einem solchen Führer, einem Medienstar, ist in der Tat alles schwarz von Menschen.¹⁷

As pessoas que formam a massa têm uma mesma meta, um objetivo (*sie haben ein Ziel*), diz Canetti. O objetivo é o pretume, o ponto mais negro, que para Canetti é o lugar onde há mais seres humanos juntos (*das Ziel ist das schwärzeste – der Ort, wo die meisten Menschen beisammen sind*). Se um único indivíduo pode apresentar o ser-o-aí da massa (*das Dasein der Masse*), ele pode se tornar esse objetivo, ou seja, esse indivíduo se torna o próprio lugar de referência para os muitos que constituem a massa humana. A massa corre para seu herói, seja ele um líder político ou um astro da mídia (*Medienstar*). Esse culto ao herói se mantém na massa contemporânea, porém o que se perde é a característica eminentemente política do culto ao herói como líder pela massa negra e molar de Canetti, como diz Sloterdijk:

In Horizontalresonanzen der genannten Art gründet die funktionale Kontinuität zwischen dem Führerkult der Entladungsmassen in der ersten und dem Starkult der Unterhaltungsmassen in der zweiten Hälfte unseres Jahrhunderts.¹⁸

O *Hero-worship* carlylico da massa da primeira metade do século XX é um culto ao líder das massas em descarga (*Führerkult der Entladungsmassen*). Na segunda metade do século XX, o *Hero-worship* se mantém, porém despolitizado, ou seja, torna-se um culto as estrelas das massas de entretenimento (*Starkult der Unterhaltungsmassen*). As massas que

¹⁷ “Quando as massas agitadas correram atrás de seu herói, equipararam-se às pessoas na sucção do ajuntamento, sobre as quais Canetti disse: “(...) elas têm um objetivo. Ele existe antes que tenham encontrado palavras para ele: o objetivo é o mais negro (...)” Um indivíduo único também pode apresentar o estar-aí [*Dasein*] da massa de forma tão concisa que pode tornar-se cerne do ajuntamento. Num único indivíduo, num tal *Führer*, num astro da mídia, de fato fica tudo preto de gente”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 28-29. Tradução: p 34-35.

¹⁸ “Em ressonâncias horizontais do tipo citado fundamenta-se a continuidade funcional entre o culto ao líder pelas massas em descarga da primeira metade do século XX e o culto ao estrelismo pelas massas do entretenimento na segunda metade”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 25. Tradução: p 30.

não são mais capazes de se reunir na rua correm (ou escorrem) em direção ao seu herói, o ponto mais negro, mediante a participação nos meios de comunicação em massa.

Portanto, é o princípio do programa que rege as massas coloridas e gasosas da contemporaneidade, em contraste com as massas negras e molares que são regidas pelo princípio de líder. Muda-se o regime de afetos para a formação da massa, não há mais descarga política, e sim entretenimento despolitizado. É através desse entretenimento que é possível surgir o fenômeno da massa ao modo contemporâneo. O culto ao herói permite que o lugar mais negro para onde as pessoas se dirigem seja um indivíduo, porém, para as massas contemporâneas, esse indivíduo não precisa mais ser um líder assim como ela não precisa mais necessariamente se reunir. Com a participação das pessoas em mídias de comunicação de massa, o lugar mais negro para onde a massa se dirige não precisa mais ser visto pelas pessoas na rua, ele pode *aparecer* para as pessoas sem que elas necessariamente estejam reunidas corpo a corpo. Através dos meios de comunicação de massa, o *Hero-Worship* é exercido muito mais intensamente de forma inversamente proporcional ao sentimento que a massa tem si mesma enquanto uma multidão de pessoas com o mesmo objetivo. Quem faz parte da massa contemporânea está virtualmente muito mais próximo do lugar mais negro da aglomeração do que nunca seria possível estar na massa que se reúne de fato. Dessa forma, o culto as estrelas das massas de entretenimento (*Starkult der Unterhaltungsmassen*), onde o astro da mídia é o lugar mais negro, exerce um poder muito mais intenso em detrimento do sentimento que a massa tem de si mesma enquanto uma multidão.

Neste sentido, as mídias de massa permitem a formação de multidões com números nunca antes imaginados e sequer possíveis para reuniões físicas. Porém, os milhões que participam de um mesmo programa de comunicação em massa não são capazes de possuir

o mesmo sentimento de si enquanto multidão que aqueles milhares que participam de um ajuntamento corpo a corpo, mesmo que cada uma das dezenas ou centenas de milhares de pessoas esteja virtualmente muito mais próxima do seu herói, do seu astro da mídia, do que a grande maioria dos que se reúnem na rua conseguem estar do ponto mais negro para onde se dirigem, do seu objetivo, do seu líder. Sloterdijk expõe algumas conseqüências de uma sociedade formada por mídias de massa:

Die durchmediatisierte Gesellschaft vibriert in einem Zustand, in dem die Millionen nicht mehr als aktuell versammelte Totalität, nicht mehr als konspiratives, zusammenströmendes und losbrechendes Kollektivlebewesen schwarz, dicht, heftig in Erscheinung treten können. Vielmehr erlebt sich heute die Masse selbst nur noch in ihren Partikeln, den Individuen, die sich als Elementarteilchen einer unsichtbaren Gemeinheit genau den Programmen hingeben, in denen ihre Massenhaftigkeit und Gemeinheit vorausgesetzt wird. Die Mehrheit der zeitgenössischen Soziologen läßt sich von diesem Befund zu der Meinung verführen, daß das Zeitalter abgelaufen sei, in dem die Regie der Masse das Zentralproblem moderner Politik und Kultur darstellte. Nichts könnte falscher sein als diese Ansicht. Allerdings sind die Medienmassen unter dem Einfluß der Massenmedien zu bunten oder molekularen Massen geworden. Es hat daher einen guten Sinn, wenn die summarische wie die elaborierte Kulturkritik unserer Tage sich vor allem mit dem Wechselspiel von Fernsehmassen und Massenfernsehen anlegt.¹⁹

A massa atual só vivencia a si mesma através dos indivíduos que a constituem, perdendo assim a sensação de ser um só corpo vivo da massa negra e molar. Esses indivíduos são como partículas elementares de uma mesquinhez invisível (*als*

¹⁹ “Uma sociedade por demais midiaticizada vibra num estado no qual os milhões não podem mais aparecer negra, densa e impetuosamente como totalidade efetivamente reunida, não mais como seres vivos de um coletivo que conspira, conflui e irrompe. Mais do que isso, hoje a massa vivencia a si própria somente em suas partículas, os indivíduos, que como partículas elementares de uma vilania invisível se entregam exatamente aos programas nos quais é pressuposto seu caráter de massa e vilania. A maioria dos sociólogos contemporâneos deixa-se seduzir por essa averiguação achando que teria passado a época em que a direção da massa representaria o problema central da política e da cultura modernas. Nada poderia ser mais errôneo do que essa visão. Entretanto, as massas da mídia, sob a influência das mídias de massa, tornaram-se massas coloridas ou moleculares. Por isso, faz sentido que tanto a sumária quanto a elaborada crítica cultural de nossos dias se organize sobretudo com a reciprocidade das massas da televisão e televisões de massa”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 19. Tradução: p 22-23.

Elementarteilchen einer unsichtbaren Gemeinschaft), procurando participar justamente dos programas de comunicação que assumem seu caráter de massa (*Massenhaftigkeit*) e reforçam suas características mesquinhas (*Gemeinheit*). A massa negra e molar vivencia a si mesma como algo que transcende a mera individualidade das pessoas que a formam. Quando a massa surge, ela surge como que um outro ser com apetites e características identificáveis para além da singularidade histórica ou social das pessoas que estão se reunindo. Segundo Canetti, é o momento de descarga que propicia o aparecimento do fenômeno (*Erscheinung*) de massa, é ele que faz desaparecer as diferenças verticais entre os indivíduos, ou, ao menos, engendra a sensação de que essas diferenças desapareceram e que todos são iguais. A massa atual se forma em função do entretenimento: na participação em programas de entretenimento de mídias de massa nos quais o indivíduo sente desaparecer as diferenças verticais. Através do culto as celebridades da mídia (*Starkult der Unterhaltungsmassen*), sejam modas, programas, astros *pop*, o indivíduo se torna massa, sem necessariamente ver algum dos milhões de outros indivíduos (*man ist jetzt Masse, ohne die anderen zu sehen*) que constituem a multidão da qual participa.

Esse *desaparecer* da massa como pretume de gente, como multidão reunida e vivenciada corporalmente, leva a maioria dos sociólogos contemporâneos a desacreditar que a direção da massa ainda seja um dos principais problemas da política e da cultura contemporânea, o que seria um erro grosseiro de percepção, afirma Sloterdijk. Segundo ele, a massa não se retirou do palco nem deixou de ser um dos personagens principais da sociedade contemporânea, ela se tornou invisível metamorfoseando-se, sob a influência determinante das mídias de massa (*Massenmedien*), em uma massa colorida, molecular (ou gasosa), em massas da mídia (*Medienmassen*). É por essa razão, prossegue Sloterdijk, que toda a crítica cultural contemporânea (sucinta ou sofisticada) tem que lidar com a interação:

massas da televisão / televisões de massa. Neste sentido, a direção das massas teria se tornado um problema ainda mais relevante e complexo na atualidade. A massa molecular permite que números cada vez maiores de pessoas façam parte dela, ao mesmo tempo em que entorpece cada vez mais os indivíduos no seu entretenimento não-político, como escreve Sloterdijk:

Bei Massen, die nicht mehr als aktuell versammelte zusammenkommen, liegt es nahe, daß ihnen mit der Zeit das Bewußtsein ihrer politischen Potenz verloren geht. Sie empfinden das Gefühl ihrer Schlagkraft, den Rausch ihres Zusammenströmens und ihrer Vollmacht, zu fordern und zu stürmen, nicht mehr so wie damals in den Hochzeiten der Aufläufe und Aufmärsche. Die postmoderne Masse ist Masse ohne Potential, eine Summe aus Mikroanarchismen und Einsamkeiten, die sich kaum noch erinnert an die Zeit, in der sie – angereizt und zu sich gebracht durch ihre Vorsprecher und Generalsekretäre – als ausdruckschwangeres Kollektiv Geschichte machen wollte und sollte.²⁰

Assim, para Sloterdijk, a massa pós-moderna é massa sem potencial. A ausência da reunião física da massa a faz esquecer de que ela, uma multidão de milhares ou milhões, possui força e capacidade de ação política. Inversamente, é a recordação do tempo em que as massas tinham potencial de fazer história que contribui para as afirmações daqueles que dizem que a era das massas encontrou seu fim. Seus motivos são perceptíveis, já que a massa contemporânea é irreconhecível enquanto massa negra e molar, principalmente no que concerne ao seu potencial político. A massa colorida e gasosa, como diz Sloterdijk, é apenas uma soma de microanarquias e solidões moleculares, sem comparação com a massa de outrora que se vivenciava de fato como ajuntamento na rua. Mas não se pode perder de

²⁰ “Massas que não se reúnem mais efetivamente tendem com o tempo a perder a consciência de sua potência política. Elas não sentem mais como antes sua força de combate, o êxtase de sua confluência e de seu pleno poder de exigir e tomar de assalto, como nos tempos áureos dos ajuntamentos e concentrações. A massa pós-moderna é massa sem potencial, uma soma de microanarquias e solidões que mal lembra o tempo em que – incitada e conscientizada pelos seus porta-vozes e secretários-gerais – deveria e queria fazer história como coletivo prenehe de expressão”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 18. Tradução: p 22.

vista que essa massa contemporânea é resultado de um processo de transformação social e cultural, portanto histórico, da massa clássico-moderna.

Não foge à percepção de Canetti, já em *Masse und Macht*, em uma rápida observação, a forma do fenômeno de massa que se tornou a regra nos dias atuais, as *Medienmassen*, embora ele não a tenha caracterizado como invisível (que seria a conseqüência de uma massa *gasosa*) e não tenha se demorado em sua análise. Convém, primeiramente, examinar o que Canetti designou por “massas invisíveis” (*unsichtbaren Massen*) para diferenciar essa sua caracterização da que Sloterdijk aplica às massas contemporâneas. Algumas das massas invisíveis em Canetti são as massas imaginadas, não propriamente existentes: os mortos invisíveis (*unsichtbaren Toten*), as multidões de demônios ou anjos presentes em diversos credos religiosos. Sobre o uso que as religiões fazem dessas concepções de massas invisíveis, Canetti escreve:

Von solchen Vorstellungen unsichtbarer Massen ist der Geist der Gläubigen erfüllt. Ob es die Toten oder die Heiligen sind, man denkt sie sich in großen, konzentrierten Scharen. Man möchte sagen, daß die Religionen mit diesen unsichtbaren Massen *beginnen*. [...] An die unsichtbaren Massen, die sie durch ihre Predigt am Leben erhalten, hängen sich die Ängste und Wünsche der Menschen. Das Blut des Glaubens sind diese Unsichtbaren.²¹

A crença nessas massas invisíveis e místicas é fundamental para as religiões, mas vão perdendo sua força à medida que as sociedades tornam-se secularizadas. Canetti afirma que os bacilos recém descobertos herdaram, na consciência dos homens, o papel da multidão de demônios. Ainda assim, são massas não-humanas. Portanto, as massas invisíveis em Canetti ou são místicas, possuindo uma função explícita na manutenção da crença nas

²¹ “A mente dos crentes apresenta-se povoada dessas noções de massas invisíveis. Sejam elas de mortos, de diabos, ou de santos, são imaginadas como grandes bandos concentrados. Poder-se-ia dizer que as religiões *principiam* com essas massas invisíveis. [...] Às massas invisíveis que mantêm vivas através de sua pregação encontram-se atrelados os medos e os desejos dos homens. Esses seres invisíveis são o sangue da fé”. CANETTI, Elias. *Masse und Macht*, p 46. Tradução: p 44.

diversas religiões, ou não são propriamente humanas. Em uma interessante observação de uma massa invisível, secularizada e quase-humana, Canetti discorre sobre os espermatozóides:

Eine unsichtbare Masse, die immer bestand, aber als soche erst erkannt wurde, seit es Mikroskope gibt, ist die des *Sperma*. Zweihundert Millionen dieser Samantierchen machen sich zugleich auf den Weg. Sie sind untereinander gleich und in größter Dichte beisammen. Sie haben alle ein Ziel, und bis auf ein einziges unter ihnen gehen alle auf dem Weg zugrunde. Es ließe sich sagen, daß sie keine Menschen sind und daß man von Masse im beschriebenen Sinne hier eigentlich nicht sprechen sollte. Aber dieser Einwand bringt alles mit, was von den Ahnen erhalten bleiben wird. Es enthält die Ahnen, *es ist die Ahnen*. Es ist eine Überraschung ungeheuerlichster Art, sie hier wiederzufinden, zwischen einem Menschendasein und dem anderen, in gründlich veränderter Gestalt: alle von ihnen in *einem* winzigen, unsichtbaren Geschöpf, und dieses Geschöpf in solchen unermeßlichen Zahlen.²²

Canetti enfatiza que a massa dos espermatozóides não é uma massa de seres humanos, porém não esconde seu deslumbramento com esse fenômeno: onde todas as pequenas criaturas correm para um mesmo objetivo (*Sie haben alle ein Ziel*), carregando cada uma a informação dos antepassados (*Es enthält die Ahnen, es ist die Ahnen*) e um fenômeno observado justamente entre a existência de um ser humano (*Menschendasein*) e outro. Canetti demonstra que, por um processo de secularização, as massas invisíveis, antes humanas e irrealis, tornam-se reais, porém não-humanas. A concepção da massa dos mortos invisíveis, dos antepassados, pode ser assemelhada à concepção dos

²² “Uma massa invisível que sempre existiu, mas que somente foi reconhecida como tal a partir do microscópio, é a massa dos *espermatozóides*. Duzentos milhões desses bichinhos põem-se a um só tempo a caminho. São todos iguais entre si, reunidos em grande densidade. Todos têm uma meta, mas, à exceção de um único, perecem todos no caminho. Poder-se-ia dizer que eles não são seres humanos e que, no seu caso, não se deveria falar propriamente em massa, no sentido em que o termo foi descrito aqui. Tal objeção, porém, não atinge o fulcro da questão. Cada bichinho desses traz consigo tudo quanto se conservará dos antepassados. Cada um contém os antepassados: *é, ele próprio*, esses antepassados. Trata-se de uma enorme surpresa reencontrá-los aqui, entre uma existência humana e outra, e sob uma forma inteiramente diversa: todos os antepassados numa *única* e minúscula criatura invisível – e tal criatura, em quantidades tão imensuráveis.”. CANETTI, Elias. *Masse und Macht*, p 48. Tradução: p 46.

espermatozóides, invisíveis ao olho nu, mas reais, embora não-humanos. Poder-se-ia dizer que, para Canetti, massas invisíveis são massas não-existentes, e mesmo quando existentes não são propriamente humanas. Ainda assim, para Canetti, pode haver, na sociedade secularizada, uma concepção de massa invisível e humana, porém não-existente no presente, a massa dos seres humanos que ainda estão por vir, a descendência:

Das Gefühl für die Nachkommenschaft ist heute so lebendig, wie es immer war. Doch hat sich die Vorstellung des massenhaften von der eigenen nachkommenschaft abgelöst und auf die zukünftige Menschheit als Ganzes übertragen. Für die meisten von uns sind die Heere der Toten ein leerer Aberglaube geworden. Doch gilt es als edle und keineswegs müßige Bemühung, die Masse der Ungeborenen vorauszufühlen, ihnen wohlzuwollen und ein besseres und gerechteres Leben für sie vorzubereiten. In der allgemeinen Bangigkeit um die Zukunft der Erde ist dieses Gefühl für die Ungeborenen von der größten Bedeutung. Es könnte sein, daß der Abscheu von ihrer Verstümmelung, der Gedanke daran, wie sie aussehen möchten, wenn wir heute unsere neuartigen Kriege führen, mehr als alle privaten Ängste um uns selbst zur Abschaffung dieser Kriege und des Krieges überhaupt führen.²³

A massa dos não-nascidos (*Masse der Ungeborenen*) é considerada uma massa invisível apenas porque ela ainda está por vir, portanto, não existe de fato. O que existe realmente é um grande sentimento em relação ao devir dessa massa, segundo Canetti, capaz de influenciar decisivamente nossos cuidados para com o futuro do mundo muito mais do que nossos próprios medos.

A visibilidade ou invisibilidade da massa faz parte de classificações quanto aos formatos da massa, portanto, de seus princípios formais. Além disso, Canetti empreende

²³ “O sentimento da descendência encontra-se hoje tão vivo quanto sempre esteve. O caráter de massa, porém, desvinculou-se da descendência própria, transferindo-se para a humanidade futura como um todo. Para a maioria de nós, os exércitos de mortos transformaram-se em superstição vazia. Mas tem-se por um empenho nobre e nada ocioso pensar na massa dos que ainda não nasceram, querer-lhe bem e preparar-lhe uma vida melhor e mais justa. Esse sentimento em relação aos que ainda não nasceram é de grande importância no medo de todos quanto ao futuro da terra. É possível que o repúdio a sua mutilação, que a preocupação quanto a que aspecto terão, se hoje deflagrarmos nossas guerras modernas, contribuam mais para a abolição dessas guerras, e da guerra em si, do que todos os nossos medos individuais”. CANETTI, Elias. *Masse und Macht*, p 47. Tradução: p 45.

uma investigação acerca do conteúdo das massas, ou seja, o sentimento dominante em função do qual as massas se formam. Tal classificação das massas segundo o afeto dominante ²⁴ (*Einteilung nach dem tragenden Affekt*) revela que Canetti considera que determinados conteúdos afetivos que formam a massa são tão antigos quanto a própria humanidade:

Die affektiven Hauptformen der Masse aber gehen viel weiter zurück. Sie treten sehr früh auf, ihre Geschichte ist so alt wie die der Menschheit selbst und in zwei dieser Formen noch älter. Jede von ihnen zeichnet sich durch eine einheitliche Färbung aus, eine einzige Hauptpassion beherrscht sie. Hat man sich einmal Klarheit über sie verschafft, so ist es unmöglich, sie je wieder miteinander zu verwechseln.

[...] Die Hetz- und die Fluchtmasse sind die beiden ältesten von ihnen. Sie kommen unter Tieren so gut wie beim Menschen vor, und es ist wahrscheinlich, daß im einzelnen ihre Ausbildung unter Menschen sich immer wieder von tierischen Vorbildern genährt hat.²⁵

O escândalo sociológico do fenômeno da massa se expressa de forma peculiar no trecho citado: os mais primitivos conteúdos afetivos das multidões humanas podem ser encontrados em multidões animais, e é provável que os homens tenham seguido os modelos dos animais nas massas de acossamento (*Hetzmassen*) e nas massas de fuga (*Fluchtmassen*). O arrebatamento ao qual o ser humano está sujeito na massa fica claro

²⁴ “Die Massen, die man kennengelernt hat, sind von den verschiedenartigsten Affekten erfüllt. Von der Art dieser Affekte war noch kaum die Rede. Die erste Absicht der Untersuchung ging auf eine Einteilung nach formalen Prinzipien. Ob die Masse offen oder geschlossen ist, langsam oder rasch, unsichtbar oder sichtbar, sagt über das, was sie empfindet, über ihren Gehalt, nur wenig aus”. [As massas que conhecemos estão repletas dos mais variados afetos. Mal se falou aqui, porém, da natureza de tais afetos. O propósito inicial desta investigação voltou-se para uma classificação da massa segundo princípios formais. Se ela é aberta ou fechada, lenta ou veloz, invisível ou visível – o que pouco nos diz acerca daquilo que ela sente, de seu conteúdo] CANETTI, Elias. *Masse und Macht*, p 48. Tradução: p 46.

²⁵ “Os conteúdos afetivos principais da massa remontam a um passado bem mais distante. Eles surgem bem cedo; sua história é tão antiga quanto a da própria humanidade, e, no caso de dois desses conteúdos, mais antiga ainda. Um colorido homogêneo caracteriza cada um deles; uma só paixão principal os domina. Uma vez tendo sido discernidos com clareza, torna-se impossível voltar a confundi-los. [...] As mais antigas são a massa de acossamento e a massa de fuga. Estas verificam-se tanto em meio aos animais quanto entre os homens, e é provável que, isoladamente, seu desenvolvimento entre os homens se tenha sempre nutrido entre os animais”. CANETTI, Elias. *Masse und Macht*, p 49. Tradução: p 47.

quando a multidão humana se entrega a um comportamento animal, desinibido, desumanizado. Torna-se ainda mais clara a potência de arrebatamento das massas mais primitivas pela descrição que Canetti fornece da massa de acossamento (*Hetzmasse*):

Die Hetzmasse bildet sich im Hinblick auf ein rasch erreichbares Ziel. Es ist ihr bekannt und genau bezeichnet, es ist auch nah. Sie ist aufs Töten aus, und sie weiß, wen sie töten will. Mit der Entschlossenheit ohnegleichen geht sie auf dieses Ziel los; es ist unmöglich, sie darum zu betrügen. Es genügt, dieses Ziel bekanntzugeben, es genügt zu verbreiten, wer umkommen soll, damit eine Masse sich bildet. Die Konzentration aufs Töten ist eine besonderer Art und an Intensität durch keine andere zu übertreffen. Jeder will daran teilhaben, jeder schlägt zu. Um seinen Schlag führen zu können, drängt sich jeder in die nächste Nähe des Opfers. Wenn er nicht treffen kann, will er sehen, wie es von den anderen getroffen wird. Alle Arme kommen wie aus ein und demselben Geschöpf. Doch die Arme, die *treffen*, haben mehr Wert und Gewicht. Das Ziel ist alles. Das Opfer ist das Ziel, doch es ist auch der Punkt der größten Dichte: es vereinigt die Handlungen aller in sich. Ziel und Dichte fallen zusammen.²⁶

O ponto mais negro para onde todos se dirigem é a vítima. Ela é a meta para onde a multidão escorre, sua destruição é seu objetivo. Posteriormente, Canetti descreve como o matar coletivamente da massa de acossamento vai ganhando outras formas de representação, como a do carrasco²⁷. A sentença da pena de morte é mais do que uma

²⁶ “A massa de acossamento se forma tendo em vista uma meta que se pode atingir rapidamente. Esta é-lhe conhecida e definida com precisão; é-lhe também próxima. Seu objetivo é matar, e ela sabe quem quer matar. Munida de uma determinação sem par, a massa de acossamento lança-se sobre sua meta; é impossível enganá-la. Para que uma tal massa se constitua, basta anunciar a meta e propagar o nome daquele que deve morrer. A concentração no matar é de natureza especial, insuperável por qualquer outra em intensidade. Todos querem participar; cada um quer desferir seu golpe. A fim de poder fazê-lo, comprimem-se todos o mais próximo possível da vítima. Se alguém não logra golpeá-la, ele desejará vê-la sendo golpeada pelos demais. É como se os braços todos saíssem de uma única e mesma criatura. Mas aqueles que *acertam* têm maior peso e valor. A meta é tudo. A vítima é a meta, mas é também o ponto de máxima densidade: ela reúne em si as ações de todos. Meta e densidade coincidem”. CANETTI, Elias. *Masse und Macht*, p 49-50. Tradução: p 47-48.

²⁷ “Der wahre Henker ist die Masse, die sich um das Blutgerüst versammelt. (...) Das Gericht, das sich für gewöhnlich vor einer beschränkten Gruppe von Menschen abspielt, steht für die große Menge, die dann der Hinrichtung beiwohnt. Das Todesurteil, das, im Namen des Rechtes abgegeben, abstrakt und unwirklich klingt, wird wahr, wenn es vor der Menge ausgeführt wird. Denn für sie wird eigentlich Recht gesprochen, und mit der Öffentlichkeit des Rechtes meint man die Masse”. [O verdadeiro carrasco é a massa, que se reúne ao redor do cadafalso. (...) O julgamento, que em geral se dá diante de um grupo limitado de pessoas, representa a grande multidão que, mais tarde, assiste à execução. A pena de morte, que pronunciada em nome

abstração do direito, antes, é o conteúdo afetivo da massa e é em função dela que o mesmo direito é dito público, segundo Canetti. Mas não devemos considerar que a inclinação para o “matar coletivamente” se desvaneceu com o tempo, e é exatamente ao descrever uma forma moderna da massa de acossamento que Canetti traz à luz características viscerais da massa da mídia (*Medienmasse*):

Der *Abscheu* vor dem Zusammentöten ist ganz modernen Datums. Man überschätze ihn nicht. Auch heute nimmt jeder an öffentlichen Hinrichtungen teil, durch die *Zeitung*. Man hat es nur, wie alles, viel bequemer. Man sitzt in Ruhe bei sich und kann unter hundert Einzelheiten bei denen verweilen, die einen besonders erregen. Man akklamiert erst, wenn alles vorüber ist, nicht die leiseste Spur von Mitschuld trübt den Genuß. Man ist für nichts verantwortlich, nicht fürs Urteil, nicht für den Augenzeugen, nicht für seinen Bericht und auch nicht für die Zeitung, die den Bericht gedruckt hat. Aber man weiß mehr darüber als in früheren Zeiten, da man stundenlang gehen und stehen mußte und schließlich nur wenig sah. Im Publikum der Zeitungsleser hat sich eine gemilderte, aber durch ihre Distanz von den Ereignissen um so verantwortungslosere Hetzmasse am Leben erhalten, man wäre versucht zu sagen, ihre verächtlichste und zugleich stabilste Form. Da sie sich nicht einmal zu versammeln braucht, kommt sie auch um ihren Zerfall herum, für Abwechslung ist in der täglichen Wiederholung der Zeitung gesorgt.²⁸

do direito, soa abstrata e irreal, torna-se real ao ser executada na presença da massa. É, afinal, para ela que a sentença é pronunciada, e quando se diz que o direito é público, é a massa que se tem em mente]. CANETTI, Elias. *Masse und Macht*, p 52. Tradução: p 49

²⁸ “A *repugnância* ao matar coletivamente é origem assaz moderna. Não se deve superestimá-la. Ainda hoje, pelos *jornais*, todos participam das execuções públicas. Como tudo, também isso fez-se apenas mais confortável. Sentado tranquilamente em casa, o homem pode, dentre centenas de detalhes, deter-se naqueles que mais o excitam. A aclamação só se dá depois de tudo terminado; nem o mais leve vestígio de culpa turva o prazer. Não se é responsável por coisa alguma: nem pela sentença, nem pelo jornalista que testemunhou-lhe a execução, nem por seu relato, nem mesmo pelo jornal que publicou tal relato. Mas sabe-se mais a respeito do ocorrido do que em tempos passados, quando se tinha de caminhar e permanecer de pé durante horas para, por fim, ver apenas muito pouco. No público formado pelos leitores de jornal conservou-se viva uma massa de acossamento abrandada, mas, em função de sua distância dos acontecimentos, ainda menos responsável; conservou-se aí, é-se tentado a dizê-lo, a sua forma ao mesmo tempo mais desprezível e estável. Como sequer precise reunir-se, ela evita também sua desagregação; a repetição cotidiana do jornal a provê de variedade”. CANETTI, Elias. *Masse und Macht*, p 54. Tradução: p 51.

Canetti traz à luz a *Medienmasse* em uma forma quase embrionária ressaltando suas extraordinárias e terríveis consequências. Ao afirmar que uma das mais primitivas massas humanas, a massa de acossamento (*Hetzmasse*), permanece viva na figura moderna do público dos leitores de jornais, Canetti revela que o papel da modernidade foi apenas o de tornar tudo mais confortável. O homem não precisa mais ir à rua para participar da massa de acossamento, não precisa mais ir à praça para ver a execução pública do condenado, não precisa mais aparecer negra e densamente junto com os outros. A meta da massa, a destruição da vítima, está descrita no jornal que ele lê confortavelmente toda manhã com maiores detalhes do que jamais conseguiria observar se estivesse no meio de uma multidão. Da mesma forma, ele não sente culpa pela destruição da vítima, nem a massa se dispersa depois que o objetivo é alcançado. A massa não se dispersa porque ela não se reúne. Mas estão lá, milhares, todas as manhãs, lendo o mesmo fato no jornal. Nem o jornal, nem o repórter, se sentem responsáveis pela participação na execução da vítima. Segundo Canetti, o que se conservou da massa de acossamento na massa de leitores de jornal é o seu caráter mais desprezível, embora mais estável. Uma massa que não precisa se reunir, não se desagrega, e, por estar mais distantes dos fatos, não se sente responsável por eles.

Portanto, já em *Mass und Macht*, Canetti identifica a existência de um público formado em função de uma participação em um programa midiático (os leitores de jornais) que se comporta como massa, de tal forma que esse público é uma massa de acossamento abrandada (*verantwortungslosere Hetzmasse*). Ela pode existir como milhares ou milhões de pessoas, muito mais do que seria possível imaginar juntas no mesmo local, mas não é visível como massa. O abrandamento da modernidade tornou a massa gasosa, portanto, invisível. Não mais se vê a massa negra e molar que dá forma a algum conteúdo afetivo arrebatador. O indivíduo da massa da mídia está virtualmente muito mais próximo da meta,

do ponto mais negro, ainda que efetivamente mais longe das partículas que compõem a multidão que se reúne em torno de determinado acontecimento midiático. Neste breve trecho citado, Canetti desvela as principais características que norteiam a mudança da massa negra e molar para a massa gasosa e colorida da contemporaneidade: o *abrandamento* e a *estabilidade*. A massa torna-se cada vez mais menos consciente de sua força, mas torna-se, em contrapartida, cada vez mais estável, e diminuem suas possibilidades de desagregação. É nesta direção que se alinham as observações de Sloterdijk em relação à sociedade contemporânea regida pelas mídias de massa:

Die unversammelte und unversammelbare Masse in der postmodernen Gesellschaft besitzt darum kein Eigenkörper- und kein Eigenraum-Gefühl mehr; sie sieht sich selbst nicht mehr zusammenströmen und agieren, sie spürt ihre pulsierende Physis nicht mehr; sie bringt keinen gemeinsamen Aufschrei mehr hervor. Sie entfernt sich immer mehr von der Möglichkeit, aus ihren praktisch-trägen Routinen in eine revolutionäre Zuspitzung überzugehen.²⁹

Ou, como escreve Canetti: “a repetição cotidiana do jornal a provê de variedade”. Dessa forma, as massas das mídias de massa são capazes de ser quase infinitamente maiores que as massas de reunião, porém, há características muito relevantes que se perdem com a ausência da reunião física, como a própria possibilidade de desagregação dessa massa. A desinibição momentânea que o homem experimenta ao participar de uma massa de acossamento e da qual pode vir a se envergonhar depois que a massa se desagrega torna-se abrandada. A execução é feita em função do seu público, a mídia de massa alimenta os conteúdos afetivos de seu

²⁹ “A massa não reunida e não reunível da sociedade pós-moderna não possui mais, por essa razão, um sentimento de corpo e espaço próprios; ela não se vê mais confluir e agir, não sente mais sua natureza pulsante; não produz mais um grito conjunto. Distancia-se cada vez mais da possibilidade de passar de suas rotinas práticas e indolentes para um aguçamento revolucionário”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 17-18. Tradução: p 21.

público, mas os milhares ou milhões que participam de um mesmo programa midiático não se sentem minimamente responsáveis por ele. Ninguém se envergonha porque ninguém fez nada³⁰.

A massa negra e molar da primeira metade do século XX, que encontra seu apogeu no *carlylico* culto ao líder político, transforma-se em uma massa de partículas dispersas, formada segundo o princípio do entretenimento não-político, com possibilidades de crescimento infinitamente maiores, e de desagregação quase nulas. Conseqüentemente, se a massa pós-moderna perde em liderança demagoga, ela ganha em inocuidade.

³⁰ Segundo Sloterdijk, Heidegger também se ocupa de uma análise de um modo de existência que se dissolve na publicidade midiática vulgar através da análise do *Man* feita no parágrafo 27 de *Ser e Tempo*. Tratar-se-á brevemente deste tópico mais frente.

II - Reconhecimento e desprezo

Se a massa é um fenômeno social importante e característico do gênero humano, a ausência de atenção teórica a esse conceito ao longo da história do pensamento ocidental traz à luz um problema de reconhecimento. Há dificuldades semânticas, desde os textos da Antiguidade, na diferenciação de usos de termos como multidão, povo, plebe, turba. Identifica-se essa dificuldade (para ficar com um exemplo) na crítica de Platão à democracia. Na *República*, referindo-se ao povo ateniense, Platão aponta o perigo de uma multidão irracional e ignorante, sempre inclinada a transformar a democracia em tirania:

ὁ δῆμος φεύγων ἄν καπνὸν δουλείας ἐλευθέρων εἰς πῦρ
 δούλων δεσποτείας ἄν ἐμπεπτω κῶς εἶη, ἀντὶ τῆς πολλῆς
 ἐκείνης καὶ ἀκαίρου ἐλευθερίας τὴν χαλεπωτάτην τε καὶ
 πικροτάτην δούλων δουλείαν μετ ἀμπισχόμενος.³¹

Platão descreve como a liberdade despropositada na democracia (a escravatura dos homens livres) leva a sociedade à tirania (a escravatura dos escravos). Para Platão, essa multidão irracional que degenera em tirania não deixa de ser o próprio povo (δῆμος). Em Aristóteles, a democracia não é caracterizada como um simples governo do δῆμος, mas como o governo dos ‘οἱ πολλοί (o governo dos Muitos). Por outro lado, o termo grego ὄχλος, usado em outras passagens, possui o sentido de multidão com a conotação inglesa da palavra *mob*, uma multidão violentamente ativa, uma turba (não é o caso de *crowd*, do inglês, ou *foule*, do francês, que também podem ser traduzidos como multidão, embora com

³¹ “o povo, ao tentar escapar ao fumo da escravatura de homens livres, há-de cair no fogo do domínio dos escravos, revestindo, em vez daquela liberdade ampla e despropositada, a farda mais insuportável e mais amarga, a da escravatura de escravos” PLATÃO. *Platonis Opera*, ed. John Burnet, Clarendon Press Oxford, 1902. Tradução portuguesa: *A República*. Maria Helena da Rocha Pereira, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1973. 569c.

uma conotação neutra). Os autores romanos empregam diversos termos³²: *populus*, *plebs*, *turba*, *vulgus*, *multitudo*. Embora não seja objeto do presente texto empreender uma *Wortstudie* das diferentes possibilidades de designar uma multidão humana ao longo da história do pensamento ocidental, esses diferentes usos e sentidos que o termo multidão (ou *massa*) pode possuir em diferentes contextos histórico-filosóficos evidenciam uma lacuna teórica, pois tais termos nunca foram objeto de uma definição precisa, sendo tratados como algo marginal, como se a percepção de que uma aglutinação de pessoas ora é o povo, ou uma turba, ou os Muitos, fosse algo dado, imediato (ou melhor, algo que não merece um trabalho de reconhecimento teórico). Stephan Günzel, em seu artigo »*Massa*« *como problema estético*, já distante da antiguidade e referindo-se ao século XX, escreve sobre a dificuldade teórica de se lidar com o conceito de massa:

Faktisch stellt die ›Masse‹ ein Problem für die theoretische Reflexion dar: Ohne auf die Modelle philosophischer und kulturwissenschaftlicher Theoriebildung an dieser Stelle im Einzelnen eingehen zu können, ist augenfällig, dass ›Masse‹ in allen namhaften Fällen nur negativ, mittels Reklamation einer ihr gegenüberstehenden, älteren – quasi ›adeligen‹ – Elite, bestimmt wird. Die Einheitlichkeit, mit der konservative wie kritische Kulturtheoretiker vor allem in der ersten Hälfte des letzten Jahrhunderts eine Abneigung gegenüber der Masse entwickelt haben, ist frappierend. Der Grund dafür ist nicht bloß der geläufige Kurzschluss, dass Massen als aktive Träger der totalitären Regime auch deren alleinige Ursache waren. Der Grund ist auch eine bezeichnende Leerstelle im theoretischen Gerüst, die ihre Entsprechung im Realen hat: Epistemologisch ist der Zugang zum Innenraum der Masse, also zur Masse als solcher, dem distanzierenden Blick der Analyse unweigerlich entrückt – und zwar gemäß der Definition von Masse: Im Masse-Sein ist der Mensch nicht mehr Mensch, sondern eben Masse. In der Masse ist dieser

³² “Lorsqu’ils parlent du peuple, les auteurs romains emploient divers termes, parfois *populus*, d’autres fois *plebs*, mais, le plus souvent : *turba*, *vulgus*, *multitudo*. Chez Dion Cassius et Appien, les expressions les plus courantes sont: *hoi polloi*, *homilos*, *ochlos*, *plèthos*, *dèmos*, *hoi en tòi astei*, *hoi en tèi polei*” YAVETZ, Zvi. *La plèbe et le prince: foule et vie politique sous le haut-empire romain*. Ed. La Découverte, Paris, 1984, p 189.

Massemensch, oder genauer: dieses Masseteil, nicht mehr in Besitz eines irgendwie gearteten freien Willens. Er ist vielmehr bar jeder Selbstbeherrschung und wird in der Masse mit ihr bewegt, geformt und gelenkt. Mit herkömmlicher philosophischer Rhetorik oder kulturgeschichtlichen Modellen ist dem Massephänomen per se also nur in der Weise der Ablehnung beizukommen oder mit Ignoranz zu begegnen.³³

Segundo o autor, na ausência de um reconhecimento teórico específico, a definição do conceito é feita apenas de forma negativa: massa é aquilo que não corresponde, em nenhuma de suas características, ao que se entende por elite. Günzel classifica como surpreendente a concordância com que se desenvolveu uma aversão pela massa (*Abneigung gegenüber der Masse*) entre as várias tentativas de esboçar um reconhecimento do fenômeno na primeira metade do séc. XX, tanto por parte de conservadores quanto de teóricos críticos. Um dos motivos dessa aversão seria a manifesta e fácil aproximação, principalmente nesse período, do fenômeno de massas às experiências totalitárias. As análises correntes permitiam que a mesma aversão aos regimes totalitaristas fosse transferida de forma imediata as massas, elegendo-as como as grandes culpadas pelo surgimento de tais regimes. Günzel propõe que o principal motivo dessa aversão não seria apenas essa fácil aproximação das massas com o totalitarismo, mas sim a inexistência de um reconhecimento teórico das massas. Tal lacuna no quadro teórico surge devido à

³³ “Sem poder mencionar aqui, em detalhes, os modelos da construção da teoria filosófica e científico-cultural, é evidente que ›massa‹ é definida, em todos os casos conhecidos, apenas de forma negativa, através de reclamação de uma elite antiga – quase “nobre” – em oposição àquela. A coerência com que os conservadores, assim como os teóricos críticos, acima de tudo na primeira metade do último século, desenvolveram uma aversão contra a massa é surpreendente. O motivo não é simplesmente o familiar curto-circuito, em que a massa é tida como portadora ativa e única causa dos regimes totalitários. O motivo é uma lacuna significativa no quadro teórico que tem sua correspondência na realidade: o acesso ao interior da massa é epistemológico, ou seja, o olhar distanciado da análise apanha a massa como tal - e de acordo com a definição de massa: No ser-massa o humano não é mais humano, mas apenas a massa. Na massa está esse humano-massa, ou mais precisamente: esse pedaço da massa que não está mais na posse de qualquer tipo de livre arbítrio. Ele é muito mais desprovido de autocontrole e será movido, moldado e guiado com a massa. Com o discurso filosófico tradicional, ou com os modelos histórico-culturais, só se pode alcançar o fenômeno de massa por si no sentido de rejeição ou enfrentá-lo com a ignorância.”. GÜNZEL, Stephan. *“Masse” als ästhetisches Problem*, in: *Ästhetik. Ephemeres und Historisches*, hg. v. Renate Resche, Hamburg: Kovac, 2002, p 125-142.

tentativa de lidar com a massa de forma epistemológica, ou seja, tentar reconhecer a massa através do olhar distanciado da análise. Quem analisa o fenômeno da massa humana à distância só é capaz de inferir a desumanidade dos indivíduos que a formam, pelo modo como estes são movidos, moldados e guiados por ela, comportando-se não mais segundo suas aspirações individuais (de certa forma, não são mais indivíduos propriamente, mas sim partículas integrantes de uma mesma massa). Portanto, a via epistemológica, sob a qual se fundamenta os modelos do discurso filosófico tradicional acerca da massa, só poderá resultar em sua rejeição, ou seja, no seu desprezo.

O caminho epistemológico, tal como designado por Günzel, tem como ícones cardinais *La psychologie des foules* (1895), de Gustave Le Bon, e *Massenpsychologie und Ich-Analyse* (1921), de Sigmund Freud (o texto de Freud retoma o problema seguindo a mesma abordagem do texto de Le Bon). Gustave Le Bon, Gabriel Tarde, Sigmund Freud, entre outros, buscaram compreender o fenômeno da massa humana à distância, buscando leis de comportamento que lhes permitissem desenvolver uma psicologia descritiva das massas. Porém, de uma forma geral, suas considerações não escapam de definir a massa sempre negativamente. Não é mais possível, principalmente a partir do séc. XIX, ignorar a presença e a força das multidões na sociedade. A atenção teórica dispensada às massas é o reflexo dessa impossibilidade de simplesmente ignorá-las³⁴. Ainda que o presente texto não pretenda analisar em pormenores o tratamento dado as massas pelos autores citados, vale ressaltar que a literatura lidou de forma menos contraproducente com o conceito de massa por não pretender palmilhar o caminho epistemológico, mas sim a via estética,

³⁴ Não se ignora a atenção dada às massas na literatura, através de autores como Charles Baudelaire, Edgar Allan Poe, Émile Zola, que, sem a pretensão de preencher a lacuna teórica sobre as massas, puderam esboçar um quadro das massas mais interessante que aqueles que tentaram enfrentar o problema com pretensões científicas.

embora, como lhe é próprio, sem se interessar em oferecer um trabalho teórico sobre as massas³⁵. Canetti, ao descrever a massa aberta, descreve uma das características da sua época que não permitem mais que se desvie a atenção dos fenômenos de massa:

Die *offene* Masse ist die eigentliche Masse, die sich ihrem natürlichen Drang zu wachsen frei überläßt. Eine offene Masse hat kein klares Gefühl oder Bild davon, *wie* groß sie werden könnte. Sie hält sich an kein Gebäude, das ihr bekannt ist und das sie zu erfüllen hätte. Ihr Maß ist nicht festgelegt; sie will ins Unendliche wachsen, und was sie dazu braucht, sind mehr und mehr Menschen. In diesem nackten Zustand fällt die Masse am meisten auf. Doch behält sie etwas Außergewöhnliches und wird, da sie immer zerfällt, nicht ganz voll genommen. Sie wäre vielleicht auch weiterhin nicht mit dem Ernste betrachtet worden, der ihr gebührt, hätte nicht die ungeheuerliche Zunahme der Bevölkerungszahl überall und das rapide Wachstum der Städte, die unser modernes Zeitalter kennzeichnen, zu ihrer Bildung immer häufiger Gelegenheit gegeben.³⁶

O fato da massa sempre se desintegrar é uma das características que faz com que ela não seja levada a sério (que contribuem, portanto, para a dificuldade de seu reconhecimento). Porém, o rápido crescimento das cidades, o aumento populacional, portanto, o aumento das aglomerações humanas, faz com que esse fenômeno seja cada vez mais presente e visível no cotidiano. Por mais que se rejeite o reconhecimento ao

³⁵ É importante citar que existe uma abordagem distinta e contemporânea do conceito de massa feita por Michael Hardt e Antonio Negri em *Empire* (2000) e *Multitude: War and Democracy in the Age of Empire* (2004). Embora esses autores declarem que existe uma diferença crucial entre multidão e massa (e no conceito de multidão encontram elementos de resistência para o domínio do capitalismo universal), não trataremos deles no presente texto. Ao partir do conceito de massa em Canetti, dificilmente se encontrará pontos satisfatórios para a construção do conceito de *multidão* em Negri e Hardt. Portanto, para evitar conclusões insatisfatórias, evitar-se-á essa aproximação no presente texto, que demandaria um trabalho maior e mais atencioso as obras citadas de Negri e Hardt.

³⁶ “A massa *aberta* é a massa propriamente dita, que se entrega livremente a seu ímpeto de crescimento. Uma massa aberta não tem uma idéia ou sensação clara de *quão* grande poderá vir a ser. Ela não se atém a nenhum edifício que conheça e deva preencher. Sua medida não se encontra fixada; ela deseja crescer até o infinito, e aquilo de que precisa para tanto são mais e mais pessoas. É nesse seu estado nu e cru que a massa mais chama a atenção. Ainda assim, ela conserva algo de extraordinário e, visto desintegrar-se sempre, não é levada totalmente a sério. Talvez se persistisse não a encarando com a seriedade com que lhe é devida, não fosse pelo fato de o aumento vertiginoso da população mundial e o rápido crescimento das cidades, ambos característicos desta nossa época moderna, terem propiciado oportunidades cada vez mais frequentes para sua formação”. CANETTI, Elias. *Masse und Macht*, p 16. Tradução: p 19.

fenômeno de massa, sua freqüência e intensidade maiores requerem e exigem atenção (a literatura, sensível a essa exigência estética, oferece às multidões um esboço delas em suas obras). Segundo Günzel, a única forma de escapar a rejeição da massa seria abordá-la sob a perspectiva estética (este será o aspecto inovador da abordagem de Canetti, como veremos mais a frente).

Por meio de uma reconstrução da história do conceito de desprezo, Sloterdijk busca esclarecer o fundamento do que nomeia como grande projeto da modernidade, no início da segunda parte de *O desprezo das massas*, sob o título “Desprezo como conceito” (*Verachtung als Begriff*):

In dem Projekt der Moderne, die Masse als Subjekt zu entwickeln, sammelt sich, soviel wir verstanden haben, leicht entzündlicher psychopolitischer Sprengstoff an. Er kann durch Funken von oben wie von unten detonieren.

Wie alle Entwicklungsprogramme muß auch dieses seinen Adressaten beleidigen, sobald es ihm zu verstehen gibt, er sei noch nicht, was er werden soll.³⁷

O projeto da modernidade de desenvolver a massa como sujeito constitui, segundo Sloterdijk, um programa de desenvolvimento, portanto, seu primeiro passo deve ser rejeitar o não-desenvolvido. Negar a esse projeto seu caráter progressista significa rejeitar a imposição de qualquer exigência às massas, como observa Sloterdijk:

Will man dieser prekären Implikation des Fortschritts-, Heraufhebungs- und Emporziehungsdenkens ausweichen, so muß man die Masse auf der Stelle von Entwicklungszumutungen freisprechen und ihr versichern, sie sei, so wie sie ist, schon ganz am Ziel. In der Alternative zwischen Entwickeln und Verwöhnen

³⁷ “No projeto da modernidade de desenvolver a massa como sujeito, acumulam-se, tanto quanto podemos entender, material explosivo psicopolítico e facilmente inflamável. Ele pode detonar por meio de faíscas tanto de cima quanto de baixo. Como todos os programas de desenvolvimento, este também deve ofender seu destinatário tão logo o faça entender que ele não é o que deve ser”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 30. Tradução: p 37.

bewegen sich die modernen Diskurse über den Menschen als ein Ende in sich selbst.³⁸

Para Sloterdijk, os discursos modernos sobre o homem como fim em si movem-se em duas possibilidades: desenvolver (*Entwickeln*) ou mimar (*Verwöhnen*) a massa. O programa que visa desenvolver a massa tem, necessariamente, que ofender sua atual situação não-desenvolvida; já a alternativa de mimar a massa, que prescinde dessa pretensão de ascensão, não precisa dessa rejeição e pode buscar meios de dizer que a massa já é o que deve ser. Esse binômio (*Entwickeln* x *Verwöhnen*) é uma das formas que Sloterdijk usa para expressar a diferença entre comunicação horizontal e vertical, como o faz no seguinte trecho:

Wo man in bezug auf ein Kollektiv zwischen Vertikalkommunikation (Beleidigen) oder Horizontalkommunikation (Schmeicheln) wählen muß, dort liegt etwas vor, was man ein objektives Anerkennungsproblem nennen muß. Im Begriff der Masse sind Merkmale mitgesetzt, die *per se* zu einer Vorenthaltung der Anerkennung geneigt machen. Verweigerte Anerkennung heißt Verachtung – so wie verweigerte und verworfene Berührung Ekel heißt.³⁹

Sloterdijk identifica um problema objetivo de reconhecimento (*ein objektives Anerkennungsproblem*) na escolha da abordagem para se lidar com um coletivo, portanto, com a massa. Trata-se da escolha entre comunicação vertical (ofender - *Beleidigen*) e comunicação horizontal (adular - *Schmeicheln*). Como o próprio conceito de massa carrega consigo características que conduzem a uma privação do reconhecimento (*Vorenthaltung*

³⁸ “Caso se queira distanciar dessa implicação precária do pensamento de progresso, ascensão e elevação, então se deve imediatamente absolver a massa das exigências de desenvolvimento e assegurar-lhe ter ela, assim como é, atingido sua meta. Na alternativa entre desenvolver e mimar movem-se os discursos modernos sobre o homem como um fim em si mesmo”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 30. Tradução: p 37-38.

³⁹ “Lá onde se deve escolher em relação a um coletivo entre comunicação vertical (ofender) e comunicação horizontal (adular), existe algo que se deve chamar de problema objetivo de reconhecimento. No conceito de massa estão incluídas características que *per se* tendem a uma retenção do reconhecimento. Reconhecimento recusado chama-se desprezo – assim como contato físico recusado e repudiado se chama nojo”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 31. Tradução: p 38-39.

der Anerkennung), o problema objetivo de reconhecimento torna-se um problema objetivo de reconhecimento recusado, portanto, um problema objetivo de desprezo (*Verweigerte Anerkennung heißt Verachtung*). É necessário frisar que Sloterdijk não aceita que o desprezo seja uma questão meramente subjetiva, que seria superada pelo desenvolvimento da massa como sujeito na modernidade. Ao contrário, trata-se de uma questão objetiva, pois a escolha entre a abordagem vertical (desenvolver, ofender – *Entwickeln, Beleidigen*) e abordagem horizontal (mimar, adular – *Schmeicheln, Verwöhnen*) é determinante para a definição do conceito de massa. Segundo Sloterdijk, a modernidade é a arena em que se trava o conflito entre esses dois lados:

Wer immer sich einmischt in den Betrieb der Diskurse über aktuelle Gesellschaftssysteme und ihre Populationen, die Eliten und die Massen, die Gleichen und die Gleichenen, die Vielen und die sehr Vielen, hat sich bereits, wissend oder nicht, entschieden, ob er die große Zahl entwickeln und beleidigen oder ihr schmeicheln und sie verführen will. Was man in der Moderne an Kulturkämpfen und ideologischen Parteigefechten wahrnimmt, ist meistens nichts als der Streit zwischen den Beleidigern und den Schmeichlern.⁴⁰

A disputa entre ofensores (*Beleidigern*) e adultores (*Schmeichlern*) tem origem em um problema objetivo de reconhecimento. O tema principal dessa arena de conflito resume-se a uma questão de reconhecimento. Sloterdijk ressalta isso descrevendo conseqüências relevantes desse conflito para a sociedade:

Wenn die moderne Welt, wie manche Hegel-Interpreten mit guten Argumenten dargelegt haben, eine Arena von generalisierten Kämpfen um Anerkennung ist, so muß sie unausweichlich zu einer Gesellschaftsform führen, in der die Verachtung epidemisch wird – zum einen deswegen, weil Anerkennung – wie Aufmerksamkeit –

⁴⁰ “Não importa quem se intrometa na fabricação de discursos sobre os atuais sistemas sociais e suas populações, as elites e as massas, os iguais e os mais iguais, os muitos e os muito muitos, já se decidiu, esteja-se ciente ou não, se quer desenvolver ou ofender um grande número de pessoas, ou adulá-las e seduzi-las. O que na modernidade se percebe nas lutas culturais e nos combates partidários ideológicos, na maior parte das vezes não passa de disputa entre ofensores e adultores”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 30-31. Tradução: p 38.

eine Ressource ist, deren Wert mit ihrer Knappheit korreliert; zum anderen weil die Prätendenten auf Anerkennung, indem sie sich unaufhörlich vermehren, sich notwendigerweise gegenseitig überfordern; und schließlich weil die Masse als solche ein Pseudo-subjekt darstellt, zu dem man sich nicht in Beziehung setzen kann, ohne ein Element von Verachtung ins Spiel zu bringen, wobei ich die Schmeichelei als eine invertierte Verachtung mitrechne.⁴¹

A principal conseqüência do mundo moderno enquanto arena de conflitos por reconhecimento é o desenvolvimento epidêmico de recusas de reconhecimento, ou seja, de desprezo (*Verachtung*). Sloterdijk destaca três razões para esse desenvolvimento epidêmico do desprezo: primeiro, a fonte de reconhecimento (assim como o da atenção - *Aufmerksamkeit*) na sociedade é diretamente relacionada à ausência de reconhecimento, na medida em que algo reconhecido tem seu valor destacado em contraste com aquilo que não alcança reconhecimento. Segundo, os pretendentes a reconhecimento se multiplicam, e, sempre aumentando em número, passam a elevar as exigências de reconhecimento mutuamente. Por fim, ao se lidar com a massa, sempre surge um elemento de desprezo. Neste ponto, Sloterdijk esclarece que considera a adulação (*Schmeichelei*) um desprezo invertido (*invertierte Verachtung*). Portanto, a adulação da massa, a comunicação horizontal, não resolve de forma positiva o problema de reconhecimento. Ao contrário, é exatamente ao fazer um elogio da massa que se abdica de enfrentar o problema de reconhecimento em outras bases que não as mesmas do desprezo.

⁴¹ “Se o mundo moderno, como alguns intérpretes de Hegel expuseram com bons argumentos, é uma arena de lutas generalizadas por reconhecimento, então inevitavelmente ele deve levar a uma forma de sociedade na qual o desprezo se torna epidêmico – por um lado, porque reconhecimento, assim como atenção, é uma fonte cujo valor está correlacionado com sua escassez; por outro lado, porque os pretendentes a reconhecimento, na medida em que se multiplicam ininterruptamente, necessariamente se superexigem de forma recíproca; e por fim porque a massa como tal representa um pseudo-sujeito com o qual não se pode travar relações sem trazer à baila um elemento de desprezo, e incluo a adulação como um desprezo invertido”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 31-32. Tradução: p 39.

III - O Projeto Moderno: desenvolver a massa como sujeito

No intento de esclarecer o papel do desprezo das massas no problema moderno de reconhecimento, Sloterdijk propõe-se a destacar alguns momentos relevantes da história do desprezo na modernidade. O caminho de trazer à luz uma história do desprezo é uma forma de buscar outra abordagem do reconhecimento do fenômeno de massa. Se as características do fenômeno de massa levam ao desprezo, a história da idéia de desprezo pode revelar uma imagem mais precisa desse fenômeno, que é, ele próprio, o responsável pela ausência de estudos sobre o tema das massas na história do pensamento ocidental. Neste sentido, Sloterdijk refere-se ao desprezo como uma doença hereditária:

Von der Geschichte und der Logik dieses Verachtungsdrama, das der Neuzeit im ganzen wie ein intimes Erbleiden anhaftet, ist wenig bekannt.⁴²

O desprezo, que se torna epidêmico na contemporaneidade, comporta-se como uma doença íntima hereditária de cuja história e funcionamento pouco se conhece. Sloterdijk afirma que a filosofia acadêmica afastou-se do tema, e que a opinião pública, por estar incessantemente envolvida em conflitos por reconhecimento, fica impossibilitada de ter uma visão coerente da situação em que se encontra. Neste sentido, o problema do desprezo torna-se cada vez mais evidente na medida em que diversos sujeitos coletivos começam a exigir reconhecimento na história da modernidade:

Das Drehbuch der Neuzeit sieht vielmehr vor, daß nichthochadlige Kollektivsubjekte, der mittlere und der höfische Adel zuerst, sodann das Bürgertum, das Kleinbürgertum, die Arbeiterschaft und die sogenannten Minderheiten in der Folge, eine historisch beispiellose Leidenschaft der Selbstachtung an der Tag zu legen beginnen und

⁴² “Pouco se conhece sobre a história e a lógica desse drama do desprezo que adere aos tempos modernos em seu todo como uma doença hereditária íntima”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 32. Tradução: p 39.

sich zu deren Befriedigung in die politische und literarische Arena begeben. (...) Die authentisch politischen Gruppen sind immer zugleich Kraftfelder, in denen sich Leidenschaften der Selbstachtung formieren. Sie wollen von nun an die Geschichtsbücher füllen und als öffentliche Größen gewürdigt werden, denen der Aufschwung von der gekränkten Trägheit in die ausdrucks mächtige Subjektivität gelungen ist. Man darf bemerken, daß die aufsteigenden Gruppen der neueren Zeit nicht nur ein autobiographisches Pathos an der Tag legen; sie entwickeln auch ohne Ausnahme einen philanthropischen, genauer einen autophilanthropischen Affekt. Vergessen wir nicht, daß auch die Nationalstaaten des 19. und 20. Jahrhunderts nur als massenmedial gesteuerte Experimente kollektiver Selbstachtung und Selbsterhöhung Form annehmen konnten – uns daß die sogenannte Außenpolitik zwischen diesen, sofern sie Konkurrenzen im Imaginären einschloß, unweigerlich stets von Achtungs- und Mißachtungsspannungen dramatisiert wurde.⁴³

Segundo Sloterdijk, o roteiro histórico gerado pelo projeto de desenvolver a massa como sujeito compreende sucessivas buscas de reconhecimento por diferentes sujeitos coletivos (*Kollektivsubjekte*), que buscam se afirmar, tanto na política como na literatura, movidos por inéditas paixões de dignidade (ou paixões de auto-estima - *Leidenschaft der Selbstachtung*). Sloterdijk afirma que os Estados nacionais dos séculos XIX e XX formaram-se pelas paixões de auto-estima e auto-elevação (*Selbstachtung und Selbsterhöhung*) coletivas dirigidos pelas mídias de massa. O imaginário midiático da época regulava-se por tensões de atenção e desprezo (*Achtungs- und Mißachtungsspannungen*) em relação a outros Estados. Tal roteiro de buscas de

⁴³ “O roteiro dos tempos modernos prevê (...) que sujeitos coletivos que não pertencem à alta nobreza – primeiramente a nobreza média e a cortesã, depois a burguesia, a pequena burguesia, a classe trabalhadora e as chamadas minorias – sucessivamente, comecem a manifestar uma paixão da dignidade, historicamente inédita, e para a sua satisfação, se dirijam a arena política e literária (...). Os grupos autenticamente políticos são sempre ao mesmo tempo campos de força nos quais se formam paixões de dignidade. Desde então eles querem encher os livros de história e ser enaltecidos como grandezas públicas, às quais logrou a evolução da indolência ofendida para a subjetividade de expressão poderosa. Deve-se notar que os grupos em ascensão dos tempos recentes não apenas manifestam um *pathos* autobiográfico; eles desenvolvem, também sem exceção, um afeto filantrópico, mais exatamente autofilantrópico. Não esqueçamos que também os Estados nacionais dos séculos XIX e XX só puderam tomar forma como experimento de dignidade coletiva e auto-elevação conduzidos pela mídia de massa – e que a chamada política externa foi sempre necessariamente dramatizada entre essas tensões de atenção e desprezo, contanto que incluíssem concorrências no imaginário”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 32-33. Tradução: p 40.

reconhecimento pareceria desembocar em um reconhecimento geral de todos, portanto, na dissolução do problema de reconhecimento, mas a análise feita por Sloterdijk da idéia de desprezabilidade ao longo desse projeto da modernidade pretende revelar que o problema objetivo de reconhecimento não se resolve, como antecipa nesta observação:

Doch der Pfad zur Subjektwürde für alle ist einer, der zunächst eher nach unten als nach oben zu führen scheint.⁴⁴

O projeto moderno de desenvolver a massa como sujeito é esse atalho (*Pfad*) para a dignidade do sujeito para todos (*Subjektwürde für alle*). Sloterdijk destacará as contribuições mais relevantes ao longo da implantação desse projeto moderno, tecendo uma pequena história do conceito de desprezabilidade no pensamento moderno ocidental. Nesse sentido, cria um roteiro do desenvolvimento filosófico desse conceito destacando os seguintes pensadores e suas principais contribuições nesse campo: Hobbes dá início às antropologias modernas e políticas, fundamentando o igualitarismo antropológico (a convicção da natureza igualitária psicológica das pessoas). A seguir, Spinoza, o descobridor filosófico da massa e primeiro antropólogo da democracia moderna, intui os moldes da cultura de massa ao lidar com problema do autogoverno da multidão. Em Hegel esclarece-se o projeto da modernidade, enquanto desenvolvimento da substância como sujeito, sendo a dialética entre senhor e escravo o padrão lógico do roteiro das lutas por reconhecimento na modernidade. Marx contribui para a disposição ofensiva da necessidade de desenvolver a massa como sujeito, fundamentando a exigência de abolir todo o sistema de relações que envolve o desprezo do gênero humano. Nietzsche constata que o pretensão subjetivo da desprezabilidade não abole o problema objetivo do desprezo e o projeto moderno deságua em uma sociedade do “último homem”, a imagem da

⁴⁴ “Mas o atalho da dignidade do sujeito para todos parece antes levar mais para baixo do que para cima”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 34. Tradução: p 42.

objetificação do próprio desprezo. Por fim, Heidegger revela o ser-aí [*Dasein*] no modo “impessoal” [*Man*], que abarca todos os indivíduos em uma desprezabilidade mútua; uma ditadura sem dono à qual todos estão primariamente subjugados. É em Nietzsche que se torna mais evidente que esse caminho da dignidade do sujeito para todos conduz antes para baixo do que para cima, ou seja, mais reforça o desprezo do que resolve positivamente o problema de reconhecimento. Analisaremos cada passo desse roteiro histórico para depois ratificar o diferencial de Elias Canetti, na obra *Massa e Poder*, em relação à abordagem da massa nesse contexto.

Sloterdijk, no trecho a seguir, qualifica Hobbes como um dos pioneiros do que chama de nova psicopolítica:

Schon in der Frühzeit der neuen Psychopolitik, in jenem 17. Jahrhundert, in dem gleichzeitig mit dem religiös motivierten Bürgerkrieg auch die Idee des Politischen als einer eigenständigen staatstechnischen Kunstsphäre entstand, hat sich Thomas Hobbes an die zukunftsweisende Aufgabe gemacht, die Masse als Untertan zu entwickeln. Seinem theoretischen Genie und seiner praktischen Härte verdanken wir die Einsicht, daß Subjektivität und Untertänigkeit konvergieren, etymologisch wie real (...). Die als Subjekt zu entwickelnde Masse tritt demnach auf die Theorbühne der Neuzeit in Gestalt einer homogenisierten Menge von Untertanen unter einem staatstechnisch modernisierten Souverän.⁴⁵

A massa, em Hobbes, adquire reconhecimento como uma multidão homogeneizada de súditos (*homogenisierten Menge von Untertanen*) subjugada por um soberano técnico-estatal moderno. Esse reconhecimento serve ao seu interesse principal, que seria reconstruir radicalmente a máquina estatal. Porém, para o perfeito funcionamento do Estado, Hobbes

⁴⁵ “Já nos primórdios da nova psicopolítica, naquele século XVII no qual, concomitante a guerra civil motivada pela religião, também surgiu a idéia do elemento político como uma esfera artística autônoma e técnico-estatal, Thomas Hobbes se propôs a tarefa promissora de desenvolver a massa como súdita. Ao seu gênio teórico e sua dureza prática somos gratos pela idéia de que subjetividade e servidão convergem tanto etimologicamente quando na realidade (...). A massa a ser desenvolvida como sujeito, conseqüentemente, surge na tribuna teórica dos tempos modernos na figura de uma multidão homogeneizada de súditos sob um soberano estatal e tecnicamente modernizado”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 34. Tradução: p 42.

tem que neutralizar as lutas por reconhecimento na sociedade. Sloterdijk expõe a forma com que Hobbes resolve o conflito por reconhecimento para poder alcançar seu objetivo teórico:

Um dies zu erreichen, schien es Hobbes nötig, alle Prätendenten auf Anerkennung, virtuell die gesamte Population des absolutistischen Staates (...). Der ideale Untertan wäre jener, der endlich verstanden hat, daß es nur einen einzigen Souverän noch geben soll, den real amtierenden Träger aller legitimen Gewalt, und daß er, als bekennender Untertan, seine rebellischen und „protestantischen“ Regungen bei diesem künstlichen Herrn aus Einsicht abgegeben hat.⁴⁶

O reconhecimento dado por Hobbes à massa pressupõe não apenas um reconhecimento recusado (desprezo) aos indivíduos, mas uma proibição ativa de lutarem por qualquer reconhecimento. Portanto, segundo Sloterdijk, é imprescindível para Hobbes construir uma descrição de um súdito ideal para o Estado e, para esse fim, torna-se necessário empreender uma investigação radical do ser humano:

Wer den Untertanen sucht, muß den Menschen bei der Wurzel fassen. Zu der Untertänigmachung aller unter dem einen Souverän dient dem Staatslogiker eine anthropologische Reduktion sämtlicher Individualitäten auf eine stabile natürliche gemeinsame Motivbasis. (...)

Thomas Hobbes war als Staatstheoretiker optimistisch genug, ein solches zur Untertänigkeit geneigt machendes Motiv in der menschlichen Natur aufweisen zu können, weil er als Anthropologe pessimistisch genug war, um sämtlichen Menschen gemeinsame Voraussetzungen der Niedrigkeit oder Gewöhnlichkeit zu unterstellen.⁴⁷

⁴⁶ “Para alcançá-lo, pareceu necessário a Hobbes castrar politicamente todos os pretendentes a reconhecimento (...). O submisso ideal seria aquele que finalmente entendeu que ainda só deve existir um único soberano, o portador realmente em exercício de todo poder legítimo, e que ele, como súdito confesso, sensatamente entregou suas emoções rebeldes e ‘protestantes’ ao soberano artificial”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 35. Tradução: p 43.

⁴⁷ “Quem procura o súdito deve entender o homem em sua raiz. Para que todos se submetam a um soberano, serve ao lógico do Estado uma redução antropológica de todas as individualidades sob uma base de motivo estável, natural e comum. (...) Com teórico do Estado, Thomas Hobbes era suficientemente otimista para poder mostrar na natureza humana um tal motivo que tende a levar à submissão, porque, como antropólogo,

Para Sloterdijk, a principal contribuição do autor do *Leviathan* ao roteiro filosófico do desprezo é feita enquanto antropólogo, e não enquanto teórico do Estado. Hobbes diz que a motivação humana que prevalece sobre todas as outras disposições humanas é o medo, e mais precisamente o medo da morte (*fear of death*). A igualdade antropológica hobbesiana é edificada sobre a redução radical do comportamento humano ao medo da morte. Essa operação básica de uma antropologia especificamente moderna e política, como diz Sloterdijk, leva mais para baixo o reconhecimento de valor do homem do que para cima:

Die Hobbessche Grundoperation, die Reduktion menschlichen Verhaltens auf ein letztes Bewegendes, die Furcht, setzt epochale Folgen frei. Mit ihr beginnt ein Zeitalter, das „den Menschen“ systematisch verdächtig macht und ihn darum von unten her denkt. (...) Um zu begreifen, wie die Kraftmaschine Mensch abläuft, ist Einsicht in ihr Triebfederwerk vonnöten (...). Ist es Gemeinheit, hat es doch Methode – ein Weltalter lang werden in Menschensachen erklären, verstehen und herabsetzen auf dasselbe hinauslaufen. Demnach wären nun Bedingungen gegeben, unter denen der Satz: *Tout comprendre c'est tout pardonner* ohne Einschränkung wahr würde? Nicht ganz, denn man muß hinzufügen, daß alles verstehen nun in Wahrheit alles verachten heißt. Das Zeitalter der Entvertikalisierung beginnt damit, daß man den Menschen immer unten sucht. Eine methodisch kontrollierte Neigung zu einer Verachtung aller durch alle sickert in die Prämissen der modernen politischen Lehre vom Menschen ein. (...) Im Blick auf diese Verhältnisse läßt sich zudem notieren, daß Egalität nach-christlich nie einen Wert an sich bedeutete, sondern ein Mittel des dynamisierten modernen Staats darstellte, sich selbst auf der Basis einer fest angenommenen gemeinsamen und zuverlässig niederen Menschennatur zu organisieren.⁴⁸

era suficientemente pessimista para atribuir a todos os homens pressupostos comuns de baixaza ou ordinariade”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 36. Tradução: p 44.

⁴⁸ “A operação básica hobbesiana, a redução do comportamento humano a um último móvel, o medo, libera conseqüências de época. Com ela começa uma era que torna ‘o homem’ sistematicamente suspeito e por isso o pensa a partir de baixo. (...) Para compreender como funciona a máquina de força ‘homem’, é necessário conhecer seu mecanismo de propulsão (...). Se é vilania, então tem método. – durante toda uma era explicar, compreender e difamar dão no mesmo no que diz respeito ao homem. Conseqüentemente estariam dadas as condições sob as quais a frase ‘*Tout comprendre c'est tout pardonner*’ seria verdadeira, sem ressalvas? Não inteiramente, pois deve-se acrescentar que tudo compreender em verdade significa tudo desprezar. A era da

O programa de desenvolvimento da massa como sujeito, semelhante aos momentos pelo qual a aglomeração humana se torna massa em Canetti, tem que passar pelo momento de descarga (*Entladung*). Esse momento, que cria um sentimento de igualdade entre os indivíduos na massa (como foi exposto no primeiro capítulo do presente texto), encontra seu análogo no programa de desenvolvimento da massa com o sujeito mediante o que Sloterdijk chama de processo de desverticalização (*Entvertikalisierung*). No contexto hobbesiano, para se aniquilar as diferenças verticais entre os indivíduos (ou, para usar as palavras de Canetti, as distâncias, as cargas) busca-se uma homogeneização do ser humano por baixo. O momento de descarga traduzido em doutrina política moderna torna-se um desprezo de todos por todos (*einer Verachtung aller durch alle*). Neste início da era da desverticalização, compreender, explicar e reduzir (*erklären, verstehen und herabsetzen*) têm os mesmos resultados no que diz respeito ao ser humano. Neste sentido, diz Sloterdijk, a igualdade humana secular (ou pós-cristã) não é um valor em si, mas um conceito construído com vistas a oferecer ao Estado moderno um fundamento na natureza humana confiável para que a multidão possa e necessite ser governada⁴⁹. Tal redução antropológica estabelece o que é o empreendimento propriamente moderno da era da desverticalização, como expõe Sloterdijk:

Wer nämlich die Furcht als universalen Motor proklamiert, hebt die traditionelle Selbstbegründung des Adels, seine Verwerfung der Todesangst, auf und holt auch die aristokratischen Verächter des Allzumenschlichen zurück in eine mittlere Humanität, die in der

desverticalização começa com o fato de que se busca o homem sempre embaixo. Uma tendência metodicamente controlada de um desprezo de todos por todos infiltra-se nas premissas da doutrina política moderna do homem. (...) A respeito dessas relações pode-se notar, além disso, que igualdade pós-cristã nunca significou um valor em si, mas representou um meio de o Estado moderno dinamizado se organizar na base de uma natureza humana comum e confiável, firmemente abraçada”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 39-40. Tradução: p 48-50.

⁴⁹ Sobre a reflexão política como justificações de necessidades de governo da massa, tratar-se-á ao fim do presente capítulo.

Motivallianz von Vernunft, Furcht und Selbsterhaltung gründet. In dieser Mittellage ist die Moderne als Programm und Betrieb verankert. Hier wird jeder menschliche Exzeß und Überstieg nach oben *a priori* verworfen. Die Pflicht, sich in der Mitte zu halten, bildet die unausgesprochene Über-Regel des In-der-Welt-Seins als Bürger, Untertan und Mensch.⁵⁰

A redução antropológica hobbesiana engendra uma sobre-regra tácita do ser-no-mundo (*In-der-Welt-Seins*) como cidadão, súdito e ser humano: toda diferença vertical deve ser repudiada *a priori* no fundamento da natureza humana. Portanto, para o projeto de desenvolvimento da massa como sujeito, a grande contribuição de Hobbes é a fundamentação do igualitarismo antropológico, porém, uma igualdade esquadrihada por baixo, através de um desprezo homogeneizante.

Se, para Sloterdijk, Hobbes é o responsável pela fundamentação radical da igualdade entre as pessoas, Spinoza será o primeiro antropólogo da democracia moderna, como escreve no trecho:

Wenn man in Hobbes den Ahnherrn der bis heute dominierenden politischen Anthropologie erkennen kann, so darf Spinoza als der philosophische Entdecker der Masse gelten. Spinoza ist der erste Anthropologe der modernen Demokratie, insofern er ursprünglich die Frage aufwart, wie die Selbstregierung der Menge möglich sei angesichts der Tatsache, daß diese – er nennt sie der Tradition folgend den *vulgus* – sich stets an sinnlichen Vorstellungen, an Bildern und Sensationen, an *imaginationes*, sowie an Begierden wie der Habsucht, dem Zorn, dem Neid und der Ehrsucht orientiert und nicht an rationalen Einsichten. Spinoza verliert keine Zeit mit der später so erfolgreich gewordenen Schmeicheltheorie, die Menge als ganze auf den Standpunkt der Vernunft oder der logischen

⁵⁰ “Pois quem proclama o medo como motor universal abole a tradicional autofundamentação da nobreza- seu repúdio do medo da morte – e relega também os aristocratas que desprezam o demasiadamente humano a uma humanidade intermediária, que se fundamenta na aliança por interesse entre razão, medo e autoconservação. Nessa situação intermediária a modernidade está consolidada como programa e empreendimento. Aqui, todo excesso humano para cima *a priori* é repudiado. O dever de se manter no centro constitui a impronunciada sobre-regra do ser-no-mundo como cidadão, súdito e homem”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 42. Tradução: p 51.

Mündigkeit heben zu wollen. Spinoza ist der ewige Anti-Journalist. Er lügt auch nicht für das große Publikum.⁵¹

Sloterdijk considera Spinoza o descobridor do filosófico da massa, na medida em que ele reconhece (ineditadamente de forma positiva) que a multidão é dirigida por imaginações. Neste sentido, ele apresenta o problema fundamental de uma proposta de democracia moderna: como seria possível o autogoverno da multidão (*Selbstregierung der Menge*) se é sua característica essencial não se deixar conduzir prioritariamente pela Razão? Apesar de árduo defensor de seu projeto democrático, Spinoza não cai no simples elogio das massas, não as adula. Embora Sloterdijk destaque sua contribuição ao projeto de desenvolvimento da massa como sujeito, ele reconhece que a filosofia de Spinoza propõe o inverso: desenvolver a massa como substância (na medida em que a multidão também é uma modificação da substância divina, mesmo que sua característica principal seja a vida em imaginações).

Caracterizar as limitações da multidão e propor um sistema democrático constituem o reconhecimento de um problema político central em Spinoza, como escreve Sloterdijk:

Soll aber die Menge je Gewalt über sich selbst gewinnen – und nichts anderes meint die von Spinoza erhobene avantgardistische Forderung nach der demokratischen Staatsform –, so muß die Frage geklärt sein, wie eine Selbstregierung der Vielen auf der Basis von Imaginationen möglich wäre. Dazu ist die Annahme erforderlich, daß es unter den Imaginationen solche gibt, die imstande sind, die Vernunft so gut zu ersetzen, wie diese in einem anderen Register denn überhaupt ersetzt werden kann. Die spinozanische Demokratie ist jene Gesellschaftsordnung, die es vermöchte, die Menge mit

⁵¹ “Caso se possa reconhecer em Hobbes o senhor da antropologia política dominante até hoje, então Espinosa pode ser considerado o descobridor filosófico da massa. Espinosa é o primeiro antropólogo da democracia moderna visto que originalmente propôs a questão de como o auto-governo da multidão seria possível diante do fato de que esta – seguindo a tradição ele a chama de *vulgus* – se orienta constantemente por noções morais, imagens e sensações, em *imaginationes*, assim como por manifestações como avidez, ira, inveja e anseio por honra, e não por idéias racionais. Espinosa não perde tempo com a teoria da adulação, que mais tarde alcançou tanto sucesso, a de querer alçar a multidão sob o ponto de vista da razão ou da maioria lógica. Espinosa é o eterno antijornalista. Ele também não mente para o grande público”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 43. Tradução: p 52-53.

wirksamen Vernunftanalogien oder wohltätigen Simulationen zu versorgen. (...)

Es handelt sich bei diesen Überlegungen um eine großzügige Vorausahnung der Massenkultur, weil Spinoza den von pararationalen Imaginationen gesteuerten *modus vivendi* der Vielen als solchem die Anerkennung nicht verweigert.⁵²

O reconhecimento das massas é pressuposto para que elas possam ganhar poder sobre si mesmas (*Gewalt über sich selbst*), ou seja, para a efetividade do conceito de democracia. Spinoza propõe que se poderia selecionar um conjunto de imaginações pararacionais que fossem benéficas para as multidões e, ao mesmo tempo, substituísse funcionalmente a Razão (Sloterdijk destaca a relevância dessa tese para as reflexões sobre os mitos na democracia baseada em nações). Substituir o discurso racional por imagens é característica distinta do que denominamos cultura de massas (*Massenkultur*), porém, em Spinoza, não há a adulação das massas (atributo comum na cultura de massas contemporânea), ou seja, ele não se recusa a reconhecer limitações no *modus vivendi* das multidões. Porém, segundo Sloterdijk, o desenvolvimento histórico desse reconhecimento concedido por Spinoza as massas mostra que o problema objetivo do desprezo não é superado, mas se configura de uma forma diversa:

Tatsächlich stellt Spinozas Theorie der Menge ein nahezu singuläres Zeugnis dafür dar, daß es auch einen nicht-heuchlerischen Umgang mit den beschränkteren Formen der menschlichen Bildung geben kann – einen Umgang, der das Leben, das auf der Ebene der Imaginationen verbleibt, als eben das anerkennt, was es ist, als eine lokale Kristallisation des Unendlichen oder der Gott-Natur. Die Wirkungsgeschichte des Spinozismus zeigt freilich, daß Menschen

⁵² “Mas se um dia a multidão ganhar poder sobre si mesma – e não significa outra coisa que a enaltecida exigência vanguardista de Espinosa pela forma democrática de Estado -, então deve ser esclarecida a questão de como seria possível um autogoverno dos muitos baseado em imaginações. Para tal é necessário supor que entre as imaginações existam aquelas capazes de substituir tão bem a razão como essa pode então ser substituída em outro registro. A democracia espinosiana é aquela ordem social que pode abastecer a multidão com eficazes analogias da razão ou simulações caritativas. (...) Trata-se aqui, com estas reflexões, de um generoso pressentimento da cultura de massas, porque Espinosa não repudia o reconhecimento ao *modus vivendi* dos muitos como tal, conduzido por imaginações pararacionais”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 43-44. Tradução: p 53-54.

nicht nur durch verweigerte Anerkennung gekränkt, sondern auch durch gewährte Anerkennung in Verlegenheit gebracht werden können.

Darf Spinoza als der Entdecker des politischen Problems der Menge in ihrer neuzeitlichen Bedeutung von Masse gelten, so ist er zugleich der Autor, der zuerst die ästhetische und moralische Verlegenheit offengelegt hat, die mit dem Bemerkbarwerden des Nicht-Bewerkenswertes im öffentlichen Raum auftaucht.⁵³

Há um constrangimento gerado pelo reconhecimento concedido que é diferente da ofensa pelo desprezo gerado pelo que antes era reconhecimento recusado. Embora Sloterdijk reconheça que o reconhecimento concedido por Spinoza ao conceito de massa abre a possibilidade de uma abordagem não-hipócrita (*nicht-heuchlerischen Umgang*), ele também aponta que, em consequência desse reconhecimento, Spinoza é o primeiro a ter de explicitar o constrangimento estético e moral associado à empreitada de tornar perceptível a massa. Segundo Sloterdijk, é possível encontrar essa explicitação nas definições dos afetos feita por Spinoza na *Ética*. Para construir essa argumentação, Sloterdijk se pauta por dois pontos: Primeiro, ressalta que as pessoas, no contexto da *Ética* de Spinoza, ainda são compreendidas no esquema da teoria da coisa (*Schema der Ding-Theorien*). Segundo, recorre à definição do desprezo (*contemptus*) feita na terceira parte da *Ética*, que seria o fracasso de um objeto em sua tentativa de ganhar a atenção da mente (*Achtung des Geistes*):

⁵³ “De fato, a teoria da multidão de Espinosa representa um testemunho quase singular do fato de que pode existir também um trato não-hipócrito com as formas mais limitadas da formação humana – um trato que reconhece a vida que permanece no plano das imaginações, como justamente aquilo que é, como uma cristalização local do infinito ou da natureza-Deus. A história do efeito do espinosismo evidentemente mostra que pessoas não apenas podem ofender-se com o reconhecimento recusado, mas também podem embarçar-se com o reconhecimento concedido. Se Espinosa pode ser considerado o descobridor do problema político da multidão em seu significado moderno de massa, ele é ao mesmo tempo o autor que primeiramente explicitou o embaraço estético e moral que surge com o tornar-se perceptível do não-digno de ser perceptível no espaço público”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 44-45. Tradução: p 55.

Contemptus est rei alicujus imaginatio, quæ Mentem adeo parum tangit, ut ipsa Mens ex rei præsentia magis moveatur ad ea imaginandum, quæ in ipsa re non sunt, quam quæ in ipsa sunt.⁵⁴

Sloterdijk se vale da definição de Spinoza como uma fórmula, sugerindo a substituição da palavra coisa (*res*) por massa. Seguindo este raciocínio, a massa seria definida como algo impossibilitado de atrair a atenção da mente. Neste sentido, Sloterdijk desenvolve as seguintes conseqüências:

... weil die Masse, insofern sie – zunächst und zumeist – das Nicht-Besondere verkörpert, das Unbeachtliche als solches ist. Die entdeckung der Masse bringt die Erhebung des Uninteressanten in den Rang des Interessanten mit sich. (...) Das Uninteressante, das als solches auffällig wird, ist somit die logische Form des Verächtlichen – in ihm drängt sich die real existierende Nichtigkeit ins Blickfeld. (...) In der Verlängerung dieser Überlegung findet sich die Evidenz, warum die Massenkultur für alle Zeit an den Versuch gebunden sein wird, das Uninteressante als das Auffälligste zu entfalten. (...) Kein Zufall, daß Massenkultur überall, wo sie sich geltend macht, auf die Verbindung von Trivialität mit Spezialeffekten setzen wird.⁵⁵

A multidão, por definição, não pode ser compreendida segundo as distinções características de um indivíduo, e, enquanto se constitui como fenômeno de massa, torna-se uma multidão em que o indivíduo experimenta um sentimento de igualdade com os demais, como apenas mais uma parte da massa. É neste sentido, portanto, que a massa, por constituir-se no não-específico (*das Nicht-Besondere*), é o não-perceptível (*das Unbeachtliche*) enquanto tal. Conseqüentemente, reconhecer a massa é tornar interessante

⁵⁴ “Desprezo é a imaginação de uma coisa que toca tão pouco a mente, que a mente, pela presença da coisa, é mais movida antes a imaginar aquilo que não está na coisa do que aquilo que está”. SPINOZA, Baruch. *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata*, parte 3, definição 5. IN: “Spinoza Opera”, vol.II ed. Carl Gebhardt, Heidelberg 1925.

⁵⁵ “porque a massa, na medida em que – primeira e geralmente – encarna o não-particular, é o não perceptível como tal. A descoberta da massa acarreta a elevação do desinteressante ao plano do interessante. (...) O desinteressante, que como tal se torna visível, é portanto a forma lógica do desprezível – nele avança para o campo visual a nulidade realmente existente. (...) No prolongamento dessa reflexão se encontra a evidência de como a cultura de massa estará sempre ligada à tentativa de desenvolver o desinteressante como o mais perceptível. (...) Não é por acaso que a cultura de massas, em toda parte onde prevalece, aposta na ligação de trivialidade com efeitos especiais”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 46. Tradução: p 56-57.

o não-interessante. Sloterdijk qualifica esse processo como a forma lógica do desprezível (*logische Form des Verächtlichen*) que é, propriamente, o método de tornar visível o desinteressante: empurrar para o palco da visibilidade o vazio real existente (*die real existierende Nichtigkeit*). A forma lógica do desprezível revela a principal diretriz da cultura de massa: sempre tentar desenvolver o desinteressante como o mais impressionante. É por essa característica que, em qualquer lugar que se identifique a cultura de massas, esta sempre lida com a mistura de trivialidade e efeitos especiais.

A aplicação da forma lógica do desprezível à história dos tempos modernos revela a estrutura do roteiro das sucessivas lutas por reconhecimento. Sloterdijk descreve como se dá tal processo na seguinte passagem:

Es ist kaum zu verkennen, daß die Geschichte der Neuzeit eine Sequenz Von Aufständen der vormals uninteressant scheinenden Gruppen gegen die Verachtung oder nicht-Beachtung darstellt. Die jüngere Sozialgeschichte hat ihre Substanz – besser ihr Drehbuch – in einer Serie von Kampagnen zur Aufrichtung der Selbstachtung, in der immer neue Kollektive sich mit ihren Ansprüchen auf Anerkennung nach vorne wagen. (...) Jedes neu auftretende politische Subjekt verschafft sich Bedeutung und Beachtung zum einen, indem es sich als Aktionszentrum gebärdet, das wie ein Herr auch drohen und den Ernstfall erklären kann, zum anderen, indem es in sich selbst eine Gipfelposition der wahren Menschlichkeit erkennt. Damit ist klar, daß es bei solchen Reklamationen stets um die Erstürmung der Höhen von gestern zu tun ist – um die Eroberung der Position, die bisher Achtung in Fülle besaß und daher Achtung zu vergeben hatte.⁵⁶

⁵⁶ “Não há como não ver que a história dos tempos modernos apresenta uma seqüência de revolta de grupos antes aparentemente desinteressantes contra o desprezo ou não-atenção. A história social mais recente tem sua substância – melhor dizendo, seu roteiro – numa série de campanhas para a elevação da dignidade, na qual sempre novos coletivos ousam tomar a dianteira com suas reivindicações de reconhecimento. (...) Cada novo sujeito político que surge alcança importância e consideração, por um lado na medida em que se mostra com centro de ação, que como um senhor também pode ameaçar e decretar emergência, e por outro, na medida em que atribui a si mesmo uma posição elevada de verdadeiro humanitarismo. Com isso torna-se claro que, em tais reclamações, sempre nos deparamos com a tomada de assalto dos elevados de ontem – para a conquista da posição que até então despertava atenção em abundância e por essa razão tinha atenção a dar”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 46-47. Tradução: p 58.

O projeto moderno de desenvolver a massa enquanto sujeito implica na aplicação da lógica do desprezível ao tempo. Enquanto processo em construção, o projeto se desenvolve através dos sucessivos levantes de diferentes sujeitos coletivos em lutas pela elevação de sua auto-estima (*Kampagnen zur Aufrichtung der Selbstachtung*). O antes desinteressante quer tornar-se interessante. O roteiro dessas lutas por reconhecimento possui um *modus operandi*: o coletivo desprezado deve mostrar sua força impondo-se como centro da ação (*Aktionszentrum*), como sendo capaz de ameaçar e decretar emergência, e, ao mesmo tempo, mostrar que é o real defensor do verdadeiro humanitarismo (*Menschlichkeit*). Essas duas ações são os passos do sujeito coletivo para a conquista de importância (*Bedeutung*) e atenção (*Beachtung*), ou seja, a negação da recusa de reconhecimento com que se deparou.

A próxima contribuição ao projeto moderno de desenvolver a massa como sujeito virá de Hegel. Em sua análise da dialética entre senhor e servo, Sloterdijk encontrará a descrição mais precisa do roteiro das tomadas de assalto dos sujeitos políticos em busca de reconhecimento:

Mit einer verwandten Denkbewegung wird Hegel in seiner Analyse der Dialektik von Herr und Knecht zeigen, wie aus dem unterworfenen und verachteten Teil von gestern der herrschende und sich selber achtende Teil von heute werden können. Im Anfang hatte der Kontrahent, der in die Knechtsposition geraten sollte, beim Kampf um Anerkennung auf Leben und Tod gezittert; er hatte in dem Tod, der ihm am Ende des ersten Zweikampfs vor Augen stand, seine Grenze gefunden, und in dem, der ihn geben konnte, seinen Herrn erblickt. Infolge seines Zitterns hatte der Verlierer sich unterworfen und mit dem Flehen um sein Leben das Beten gelernt, mit dem Beten die Sklavensprache als das Herrscherlob, den willig-willigen Gehorsam und die Zeichen der alleuntertänigsten Demut vor den Siegern, den Gewaltigen und den hohen Erben. Aber indem nun der Knecht unter Verzicht auf direkten Selbstgenuß ein Weltalter lang die reale Arbeit tut, wächst in ihm das praktische Können, das die Welt aufschließt. Er gewinnt die Vollmacht, die im Handanlegenkönnen und im Wissen-Wie besteht, während sich der

Herr mehr und mehr in ein impotentes Genießen von Resultaten fremder Leistung verschließt, bei dem er den operativen Griff auf die Dinge verliert. Am Ende bleibt vom Herrn nur eine sensualistische Hülse übrig; der polytechnisch tätige Knecht ist es, der sich als der neue Meister der Welt und seiner selbst zu genießen anschickt. Wenn Hegel, Spinozas Doktrin umkehrend, die Substanz als Subjekt entwickeln will, so hat dieses Unternehmen in der unaufhaltsamen Emanzipation des Knechts die Quelle seiner Plausibilität. Wo Knechte waren, werden Ingenieure, Beamte, Unternehmer, Wähler sein; wo Herren waren, müssen neue Aufgabe definiert werden.⁵⁷

Hegel inverte a doutrina de Spinoza, tornando explícito o projeto da modernidade: desenvolver a substância como sujeito (seguindo Sloterdijk, a massa é essa substância ainda não-reconhecida). A busca por reconhecimento e liberdade da massa servil segue a estrutura da celebre dialética hegeliana do senhor e do servo. O caminho do reconhecimento, e, portanto, da superação do desprezo, passaria pelo poder operativo que a massa ganhou sobre o mundo:

Die verdunkelte Teil der vormaligen Substanz, die knechtische Masse, ist nicht länger verächtlich, wenn sie durch die Bearbeitung und Meisterung aller Materien die Macht ergreift. Mag sie auch am Beginn der geschichtemachenden Kämpfe in die entwürdigte Position geraten sein, denn wer um sein Leben gefleht hat, ist nicht mehr satisfaktionsfähig, so will sie doch am Ende der Geschichte zu der universalen Klasse werden, die sich selbst befriedigt. Der Grund

⁵⁷ “Com movimento de pensamento semelhante, em sua análise da dialética entre senhor e servo Hegel mostrará como a parte subjugada e desprezada de ontem pôde tornar-se a parte dominante e auto-estimada de hoje. No início o contraente, que deveria cair a posição de servo, tremera na luta por reconhecimento de vida ou morte; na morte, que estava diante dele no final do primeiro duelo, ele encontrara seu limite, e naquele que pôde dar-lho, avistou seu senhor. Em consequência de seu estremecimento, o perdedor se submetera e aprendera a rezar ao implorar pela sua vida, e, com a reza, a língua dos escravos como sendo o elogio do senhor, a obediência solícita e sem vontade e os sinais da maior humildade possível diante dos vencedores, dos poderosos e dos herdeiros importantes. Mas na medida em que então que o servo executa o trabalho verdadeiro sob renúncia ao autodesfrute direito durante toda uma era, cresce nele o poder prático que lhe revela o mundo. Ele conquista o pleno poder que consiste no poder-ajudar e no saber-como, enquanto o senhor cada vez mais se tranca num desfrute impotente de resultados de méritos alheios, no qual perde o alcance **operativo** [~~imperativo~~] das coisas. No fim resta do senhor apenas um invólucro sensualista; é o servo politeticamente ativo que, como novo mestre do mundo e de si mesmo, se dispõe ao prazer. Quando Hegel, invertendo a doutrina de Espinosa, quer desenvolver a substância como sujeito, esse empreendimento tem a fonte de sua plausibilidade na incessante emancipação do servo. Onde havia servos, haverá engenheiros, funcionários, empresários, eleitores; onde havia senhores devem ser definidas novas tarefas”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 48-49. Tradução: p 59-60 (correção nossa).

der Gleichheit aller erscheint jetzt als ihr gemeinsames Heraufgekommensein aus der Uninteressantheit ins „Licht der Öffentlichkeit“. Wer gearbeitet hat, darf sich auch sehen lassen. Doch eben mit dieser Möglichkeit eines allgemeinen Hervortretens macht sich eine neue, für die Zukunftswelt entscheidende grelle Differenz bemerkbar: Infolge der Aufklärung klafft auf, was über die Aufklärung hinausdeutet – die politische Lichtung, der Unternehmungsspielraum, die Marktlücke und die historische Chance dessen, der wagt, um zu gewinnen, und der gewinnt, weil er sein Glück festhielt, als es sich eine Sekunde lang günstig zeigte.⁵⁸

O desfecho do roteiro histórico do drama do desprezo é o momento em que a massa servil torna-se classe universal e auto-satisfatória. Assim, a resolução hegeliana do problema objetivo do reconhecimento é o desenvolvimento final de toda substância desprezada como sujeito. Mas a construção da prática de um reconhecimento de todos (a evidenciação geral – *allgemeinen Hervortretens*), que seria uma consequência direta do Iluminismo (*Aufklärung*), abre possibilidades que vão muito além das pretensões iluministas: a clareira política (*politische Lichtung*), o espaço de empreendimento (*Unternehmungsspielraum*), a lacuna de mercado (*Marktlücke*) e a chance histórica em um oportunismo súbito de sorte. A implantação da igualdade pós-servil gera esses efeitos, que extrapolam pretensões meramente iluministas, porque tem de ser construída no tempo histórico:

Daß die nach-knechtische Selbstbefriedigung nicht auf der Stelle erfolgen kann, sondern die Feschichte der Arbeit und die Arbeit der Geschichte zur Voraussetzung hat – diese Mahnung zu historischer

⁵⁸ “A parte obscurecida da substância anterior, a massa serva, não será por muito tempo desprezível se, por meio da elaboração e do domínio de todas as matérias, tomar o poder. Pode ela, no início das lutas que fazem história, ter caído para a posição aviltante, pois quem implorou pela sua vida não é mais capaz de satisfazer-se, então quer tornar-se uma classe universal que se auto-satisfaça. A razão da igualdade de todos agora aparece como a sua ascensão conjunta a partir da desinteressância rumo à ‘luz da opinião pública’. Quem trabalhou também pode deixar-se ver. Mas, justamente com essa possibilidade de uma evidenciação geral faz-se notar uma nova diferença gritante, decisiva para o mundo do futuro: em consequência do esclarecimento abre-se aquilo que aponta para além do esclarecimento – a clareira política, o espaço de empreendimento, a lacuna de mercado e a chance histórica daquilo que ousa para ganhar, e ganha porque segurou firme a sua sorte quando ela se mostrou favorável por um único segundo”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 49-50. Tradução: p 60-61.

Geduld geht schon aus der Hegelschen Untersuchung hervor. Die selbstbefriedigende Masse wird durch einen unvermeidlichen Aufschub vom definitiven Selbstgenuß getrennt. (...) Vor dem Genuß, die Umverteilung; vor der Umverteilung, die Mehrheitsherrschaft. Für dieses Programm ist Zeit vonnöten, und nur in dieser zielgerichteten Zeit, der eigentlichen Fortschrittsperiode, kann die geduldige Ungeduld mit den Gründen, die den Aufschub erzwingen, zur Triebfeder der weiterführenden Geschichtsaktionen werden. Die Zeit soll reif werden, für das, was kommen soll, doch kann, was kommen wird, zugleich nur durch die Ungeduld mit dem Bestehenden dazu gebracht werden einzutreten. Tatsächlich wird die Unzufriedenheit im 18. Jahrhundert gelehrt und im 19. militant; mit Hilfe derer, die als Sprecher der informierten Empörung die Intellektuellen heißen, gibt sie sich eine offensive Verfassung.⁵⁹

É no tempo que o problema objetivo do desprezo tem de ser resolvido. Mas coloca-se a questão de se a aplicação no tempo desse roteiro moderno não mudaria a própria estrutura da desprezabilidade. Antes de abordar esse ponto, Sloterdijk cita o jovem Karl Marx como um dos que mais contribuíram para as disposições ofensivas da indignação informada militante. Segundo Sloterdijk, a ofensiva do jovem Marx pode ser sintetizada em uma afirmação que faz a respeito de um trecho da *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*:

Die Kritik der Religion endet mit der Lehre, daß der *Mensch das höchste Wesen für den Menschen* sei, also mit dem *kategorischen Imperativ, alle Verhältnisse umzuwerfen*, in denen der Mensch ein erniedrigtes, ein geknechtetes, ein verlassenes, ein verächtliches Wesen ist (...)⁶⁰

⁵⁹ “O fato de que auto-satisfação pós-servil não se dê imediatamente, mas tem como pressuposto a história do trabalho e o trabalho da História, tal exortação à paciência histórica já aparece na investigação de Hegel. A massa que se auto-satisfaz é separada pelo definitivo autodesfrute por meio de uma inevitável prorrogação. (...) Diante do desfrute, a redistribuição, diante da redistribuição, o domínio da maioria. Para esse programa é necessário tempo, e somente nesse tempo objetivo definido, o verdadeiro período de progresso, a paciente impaciência com os motivos que forcem a prorrogação pode tornar-se a razão das continuadas ações na História. (...) De fato, ensina-se a insatisfação século XVIII e, no XIX, ela se torna militante; com ajuda daqueles que, porta-vozes da indignação informada, se chamam intelectuais, ela apresenta uma disposição ofensiva”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 49-50. Tradução: p 50.

⁶⁰ “A crítica da religião termina com a tese de que *o homem seria o ser supremo para o homem*, portanto com *o imperativo categórico de derrubar todas as relações* nas quais o homem é um ser rebaixado, servil, abandonado, desprezível (...)”. MARX, Karl. *Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie*, IN: SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 51. Tradução: p 63.

Sobre esta passagem, escreve Sloterdijk:

Sie gründet in der Forderung, das gesamte System der Verhältnisse aufzuheben, das zur Erniedrigung von Menschen und ihrem Reflex in der Verachtung führt.⁶¹

Para Sloterdijk, a frase de Marx é a mais perfeita expressão da ética dos jovens hegelianos. A necessidade de desenvolver a massa como sujeito encontra seu imperativo: derrubar todas as relações (*alle Verhältnisse umzuwerfen*) que levam ao desprezo do ser humano, e, portanto, das massas. Sloterdijk destaca as relações de desprezo enfatizadas por Marx:

Verächtlich gemacht oder entmenschet werden die Mehrheiten in den traditionellen Klassengesellschaften nach der Einsicht von Marx auf zweifache Weise – politisch in den Ordnungen der verkrümmenden Herrschaft, deren Resultat der herabgedrückte, der servile Mensch ist; gesellschaftlich im System der entleerenden Arbeit, deren Resultat die proletarische Psyche ist. Die beiden Deformationen fließen jedoch – das haben die hellen Autoren des Bürgertums und der Linken nicht gewußt oder nicht wissen wollen – in einem unstillbaren Bedürfnis nach Kompensation und Rache zusammen – einem Bedürfnis, zu dessen Befriedigung die Unterhaltungs- und Erniedrigungsindustrien des 20. Jahrhunderts angetreten sind. Die dritte Verächtlichkeit des Menschen, seine Bloßstellung im System vulgarisierender, prostituierender und flexibilisierender Kommunikationen – dieser interaktive Krebs des Medienzeitalters ist für die Revolutionäre des 19. Jahrhunderts noch außer Sichtweite, nur einige eminente Künstler, Baudelaire und Mallarmé in erster Linie, haben auf die zunehmende Fixierung des Menschen in der Erniedrigung durch Trivialkommunikationen mit prophetischer Heftigkeit reagiert.⁶²

⁶¹ “Ela se fundamente na exigência de abolir todo o sistema das relações que leva ao rebaixamento de pessoas e ao seu reflexo no desprezo”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 51. Tradução: p 63.

⁶² “Tornadas desprezíveis ou desumanas, as maiorias nas tradicionais sociedades de classe, segundo Marx, são divididas de duas formas: politicamente, em ordens de dominações em processo de deformação, cujo resultado é o homem oprimido, servil; e socialmente, no sistema de trabalho esvaziante, cujo resultado é a psique proletária. As duas deformações, porém – isto os autores iluminados da burguesia e da esquerda não souberam ou não quiseram saber – confluem, numa necessidade insaciável, para compensação e vingança – uma necessidade para cuja satisfação surgiram as indústrias do entretenimento e do rebaixamento do século XX. A terceira forma de desprezo do homem, sua exposição no sistema de comunicações vulgarizantes, prostituintes e flexibilizantes – esse câncer interativo da mídia – ainda está fora do campo de visão dos revolucionários do século XIX; somente alguns artistas eminentes, Baudelaire e Mallarmé sobretudo,

Neste trecho, Sloterdijk identifica três relações de desprezo. A terceira forma, vulgarização do homem nos sistemas de comunicação (câncer interativo da mídia - *interaktive Krebs des Medienzeitalters*), esteve longe de ser pensada pelos revolucionários do século XIX; apenas na arte surgem reações contra ela (Baudelaire e Mallarmé). A primeira forma de desprezo é a política, produzindo o homem servil e oprimido. Segundo Sloterdijk, não falta clareza a Marx quanto a essa forma de desprezo. A segunda forma de desprezo é social: o sistema de trabalho esvaziante (*entleerenden Arbeit*) que produz a psique proletária. Contudo, Sloterdijk observa que as duas formas de desprezo (política e social) levam a um reforço da terceira forma (midiática), que passou despercebida aos teóricos do século XIX e foi apenas intuída quase que profeticamente por alguns artistas eminentes. O sistema de dominação que gera o homem servil e o sistema social que gera a psique proletária produzem juntos uma necessidade de compensação e vingança (*Kompensation und Rache*), visando atender a essa demanda que surgem as indústrias do entretenimento e do rebaixamento (*Unterhaltungs- und Erniedrigungsindustrien*) do século XX. Portanto, a indignação informada das massas em função das relações de desprezo, tanto social quanto política, encontra seu alívio justamente em outra espécie de desprezo do homem, o entretenimento midiático vulgar. Marx, preocupado com seu imperativo revolucionário, embora com uma clara posição em relação a forma de desprezo político, manteve uma postura ambivalente em relação à forma de desprezo social, como afirma Sloterdijk:

In bezug auf die zweite Form der Verächtlichkeit, die aus der Gefangenschaft der Mehrheiten im system entfremdender Arbeit entspringt, blieb Marx einer verführerischen Ambivalenz verhaftet, weil seine Doktrin unfähig war, zu entscheiden, ob sie für die

reagiram com profética veemência à crescente fixação do homem no rebaixamento por meio de comunicações triviais”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 52. Tradução: p 63-64.

Milderung oder die Verschärfung der proletarischen Misere plädieren wollte. Zu sehr war sie interessiert an dem Trugbild des selbsterlösenden Klassenzorns, der nur aus der tiefsten Verelendung aufsteigen könnte.⁶³

O agravamento da fúria de classe (*Klassenzorn*) foi o impulso necessário para derrubar as relações de desprezo do homem, e, nesse sentido, desenvolver a massa como sujeito e, portanto, reconhecida como senhor, não mais como serva. Mas essa fúria dilui-se no entretenimento ordinário das massas com seu reflexo na mídia. Assim, ao contrário de ser um impulso destruidor de todas as relações de desprezo do homem em vista da conquista por reconhecimento, torna-se o criador de uma nova forma de desprezo. Sloterdijk observa essa nova situação de perigo imposta aos teóricos “protetores” das massas:

Doch schon zu Marxens Zeiten haben die pragmatischen Kräfte der Arbeiterbewegung sich dafür stark gemacht, auch stetige kleine Verbesserungen der proletarischen Situation als Erfolge in dem Langzeitprojekt der Massenkultivierung hoch zu schätzen. Niemand wird dem sozialdemokratischen Pragmatismus seine Wahrheitmomente abstreiten. Und doch, aus der „verführten“ Satisfaktion über kleine Schritte zum limitierten Konsum erwächst der Masse und ihren theoretisierenden Schutzherren eine neue Gefährdung: Wie, wenn solcher Fortschritt in der Ebene nur der Strukturwandel der Verächtlichkeit wäre?⁶⁴

A mudança de estrutura da desprezabilidade é uma nova configuração do desprezo em uma forma midiática com vistas a atender as necessidades geradas pelo desprezo social

⁶³ “Com respeito a segunda forma de desprezo, que surge do cativo das maiorias no sistema de trabalho alienado, Marx permaneceu preso a uma ambivalência sedutora, porque sua doutrina era incapaz de decidir se queria defender o abrandamento ou o agravamento da miséria proletária. Ela estava por demais interessada na ilusão da fúria de classe auto-redentora, fúria que só podia ascender partindo do mais profundo empobrecimento.”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 53. Tradução: p 65.

⁶⁴ “Mas já nos tempos de Marx as forças pragmáticas do movimento dos trabalhadores se empenharam em também defender constantes e pequenas melhoras da situação proletária como êxitos no projeto de longo prazo do refinamento das massas. Ninguém contestará os momentos de verdade do pragmatismo social-democrata. Contudo, da satisfação ‘prematura’ com os pequenos passos para o consumo limitado nasce para a massa e seus protetores teorizantes uma nova situação de perigo: mas como, se tal progresso estivesse no plano apenas da mudança de estrutura da desprezabilidade?” SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 54. Tradução: p 66.

e político das massas. Para Sloterdijk, Friedrich Nietzsche foi o primeiro a reconhecer o problema dessa nova estrutura do desprezo:

Auch der Autor des Zarathustra hat – hierin dem Real-Idealisten Hegel ähnlicher, als die meisten Exegeten beider zugeben – darauf bestanden, daß Verächtlichkeit etwas Objektives sei, das nicht durch bloßes subjektives Aufhören mit dem Verachten aufgehoben werden kann. Die sozialdemokratische Gutmütigkeit kann das Problem des Widerstreits von Vertikalität und Horizontalität im Ringen um Anerkennung nicht lösen. Ja, die von Verachtung scheinbar freie Selbstgefälligkeit des letzten Menschen wird von Nietzsche geradewegs als Inbegriff des objektiv Verächtlichen bestimmt.⁶⁵

Nietzsche, para Sloterdijk, é quem mais claramente percebeu que o moderno projeto de desenvolver a massa como sujeito não resolve o problema de reconhecimento (isto é, não acaba com o desprezo). A nova estrutura da desprezabilidade é encarnada no conceito de último homem (*letzte Mensch*) de Nietzsche, apresentado em *Assim falou Zarathustra*:

Wehe! Es kommt die Zeit, wo der Mensch keinen Stern mehr gebären wird. Wehe! Es kommt die Zeit des verächtlichsten Menschen, der sich selber nicht mehr verachten kann.
 Seht! Ich zeige euch *den letzten Menschen*.
 »Was ist Liebe? Was ist Schöpfung? Was ist Sehnsucht? Was ist Stern« - so fragt der letzte Mensch und blinzelt.
 Die Erde ist dann klein geworden, und auf ihr hüpfet der letzte Mensch, der Alles klein macht. Sein Geschlecht ist unaustilgbar, wie der Erdfloh; der letzte Mensch lebt am längsten.
 »Wir haben das Glück erfunden« - sagen die letzten Menschen und blinzeln.
 Sie haben den Gegenden verlassen, wo es hart war zu leben: denn man braucht Wärme. Man liebt noch den Nachbar und reibt sich an ihm: denn man braucht Wärme.

⁶⁵ “O autor de Zarathustra também insistiu – nisso mais semelhante ao real-idealista Hegel do que admitem a maioria dos exegetas de ambos – que desprezo fosse algo objetivo que não pode ser abolido pelo mero término subjetivo da desprezabilidade. A benevolência social-democrata não pode solucionar o problema do conflito entre verticalidade e horizontalidade na luta por reconhecimento. Sim, a presunção aparentemente livre de desprezo do último homem é determinada por Nietzsche justamente como a essência do objetivamente desprezível”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 54-55. Tradução: p 66-67.

Krankwerden und Misstrauen-haben gilt ihnen sündhaft: man geht achtsam einher. Ein Thor, der noch über Steine oder Menschen stolpert!

Ein wenig Gift ab und zu: das macht angenehme Träume. Und viel Gift zuletzt, zu einem angenehmen Sterben.

Man arbeitet noch, denn Arbeit ist eine Unterhaltung. Aber man sorgt dass die Unterhaltung nicht angreife.

Man wird nicht mehr arm und reich: Beides ist zu beschwerlich. Wer will noch regieren? Wer noch gehorchen? Beides ist zu beschwerlich.

Kein Hirt und Eine Heerde! Jeder will das Gleiche, Jeder ist gleich: wer anders fühlt, geht freiwillig in's Irrenhaus.

»Ehemals war alle Welt irre« - sagen die Feinsten und blinzeln.

Man ist klug und weiss Alles, was geschehn ist: so hat man kein Ende zu spotten. Man zankt sich noch, aber man versöhnt sich bald - sonst verdirbt es den Magen.

Man hat sein Lüstchen für den Tag und sein Lüstchen für die Nacht: aber man ehrt die Gesundheit.

»Wir haben das Glück erfunden« - sagen die letzten Menschen und blinzeln.⁶⁶

O último homem torna tudo pequeno, inclusive ele mesmo. A sociedade dos últimos homens é imagem da igualdade antropológica feita por baixo (*Jeder will das Gleiche, Jeder ist gleich*). O ato de piscar o olho (*blinzeln*) é o símbolo de um tácito pacto sobre a conformação do que se diz com a realidade. A nova configuração da

⁶⁶ “Oh! Chega o tempo em que o homem não dará mais à luz uma estrela. Oh! Chega o tempo do mais desprezível dos homens, que não pode mais desprezar a si próprio. Vejam! Mostro-lhes *o último homem*. ‘O que é amor? O que é criação? O que é nostalgia? O que é estrela’ – assim pergunta o último homem e pisca os olhos. A terra se tornou pequena então, e sobre ela saltita o último homem, que torna tudo pequeno. Sua estirpe é indestrutível, como a pulga; o último homem é o que mais tempo vive. ‘Nós inventamos a felicidade’ – dizem os últimos homens, e piscam os olhos. Abandonaram as regiões onde é duro viver, pois *se* precisa de calor. Inclusive, ama-*se* o vizinho e *se* esfrega nele, pois *se* precisa de calor. Adoecer e desconfiar, eles consideram perigoso: caminha-*se* com cuidado. Louco é quem continua tropeçando com pedras e com homens! Um pouco de veneno, de vez em quando, isso produz sonhos agradáveis. E muito veneno, por fim, para ter uma morte agradável. Continua-*se* trabalhando, pois o trabalho é um entretenimento. Mas evitamos que o entretenimento canse. Já não se torna nem pobre, nem rico: as duas coisas são demasiado molestas. Quem ainda quer governar? Quem ainda quer obedecer? Ambas as coisas são demasiado molestas. Nenhum pastor e um só rebanho! Cada um é o mesmo, cada um é igual: quem sente de outra maneira segue voluntariamente para o hospício. ‘Antigamente, todo mundo era louco’ – dizem os mais sutis e piscam o olho. É-*se* esperto e sabe-*se* de tudo, o que acontece é: assim *se* tem uma ridicularização sem fim. Ainda *se* discute, mas logo *se* reconcilia, senão estrofia o estômago. Tem-*se* seu prazerzinho para o dia e seu prazerzinho para a noite: mas preza-*se* a saúde. ‘Nós inventamos a felicidade’ – dizem os últimos homens, e piscam os olhos”. NIETZSCHE, Friedrich. *Also sprach Zarathustra*. IN: KSA, vol. 4, p 19 (as partículas *se* grifadas indicam a tradução de *man* do original alemão, no sentido de indeterminação do sujeito).

desprezabilidade é pronunciada pelos últimos homens como a felicidade que eles mesmos inventaram. Sobre essa felicidade como a nova desprezabilidade, observa Sloterdijk:

Es ist nicht die Selbstbefriedigung als solche, die sich hier das Prädikat verächtlich verdient hat; Verächtlichkeit ist die allzu befriedigt zur Schau gestellte Beschränktheit in der Selbstbefriedigung zur Schau gestellte Beschränktheit in der Selbstbefriedigung. Verächtlich ist der letzte Mensch in Zarathustras Augen, weil er hat haltmachen wollen bei den profanen, den endlichen, den in der Horizontalen erschöpften „Lüstchen“. Verächtlich sind für ihn die letzten Menschen, weil sie die aristokratischen Leidenschaften, die Passionen der Selbstüberschreitung und die kreative Verausgabung, zu einer Verrücktheit erklärt und damit begonnen haben, die Maßstäbe des herausgeforderten und gesteigerten Lebens insgesamt im Namen einer ausgeheilten Vernunft der Ebene verächtlich zu machen. (...) Verächtlich scheinen also jene Verächter, die abgestumpft sind gegen jede Regung, die über Wertungen, Wünsche und Verständigungsverfahren der selbstbefriedigenden Mitte hinausginge. Zarathustra nimmt es auf sich, den letzten Menschen zu verachten, weil sein Mitgefühl ihm verbietet, ein Menschenleben gutzuheißen, das von sich selbst so wenig verlangt, daß es schon die bloße Möglichkeit von Selbstverachtung abgelegt hat. Wer den Menschen weiterträumt, hütet die Möglichkeit, ihn auch noch zu verachten.⁶⁷

A felicidade do último homem é limitada aos seus pequenos prazeres (*Lüstchen*), portanto, segundo Sloterdijk, é uma felicidade esgotada na horizontal. Em Nietzsche, a estrutura da desprezabilidade torna-se mais complexa. A anterior missão histórica de acabar com todas as relações onde o ser humano é desprezível torna-se ela própria uma

⁶⁷ “Não foi a auto-satisfação como tal que mereceu aqui ser caracterizada como desprezível; desprezibilidade é a limitação demasiada satisfeita e exposta na auto-satisfação. O último homem aos olhos de Zarathustra é desprezível porque quis parar nos “desejozinhos” profanos, finitos, esgotados na horizontal. Para ele, desprezíveis são os últimos homens porque seu prazer não está aberto para cima. Eles lhe parecem dignos de desprezo sobretudo porque declararam ser um devaneio as paixões aristocráticas, as paixões de auto-superação e o esgotamento criativo, e com isso começaram a tornar desprezíveis os padrões de vida desafiada e elevada conjuntamente em nome de uma razão agora saudável da planície. (...) Portanto, desprezíveis parecem aqueles desprezadores embotados contra todo movimento que ultrapasse valorações, desejos e procedimentos de compreensão do centro auto-satisfeito. Zarathustra toma a seu cargo desprezar o último homem porque sua simpatia o proíbe aprovar uma vida humana que exige tão pouco de si própria que já perdeu a mera possibilidade de autodesprezo. Quem continua a almejar o homem, mantém a possibilidade de ainda poder desprezá-lo”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 55-56. Tradução: p 67-68.

reafirmação da desprezabilidade. O roteiro de desenvolver a massa como sujeito acaba por desenvolver a própria desprezabilidade, porém, como o problema de reconhecimento não é subjetivo, o desprezo toma a forma na figura do último homem. Se a missão de destruir as relações de desprezo do homem malogrou, coube a Nietzsche, através de Zarathustra, recuperá-la e resignificá-la: o último homem deve ser desprezado, essa é a máxima de Zarathustra que traduz a radicalidade anterior de tentar superar as estruturas de desprezo. Zarathustra despreza o último homem, mas, no sentido inverso, também é desprezado pelo último homem. Os últimos homens continuam com a prática de destruir todas as relações de desprezo, porém, tomam a si mesmos como parâmetro. O último homem torna-se a própria objetificação do desprezo, pois, embora não aceite qualquer valoração maior que ele mesmo, perdeu a possibilidade do autodesprezo (*Selbstverachtung*). Perder a possibilidade de se autodesprezar e promover uma redução antropológica na horizontal, essas duas ações juntam criam a aparência de que o desprezo foi dissolvido e acabou-se. O piscar dos olhos (*blinzeln*) dos últimos homens quando dizem que inventaram a felicidade é o pacto silencioso sobre o suposto fim do desprezo. Para Sloterdijk, aí reside a provocação de Nietzsche, ao tornar Zarathustra o grande desprezador de cima dos pequenos desprezadores de baixo:

Nietzsche unauslotbare Provokation besteht darin, daß er die Verachtung der Menge für alles, was ihre Einrichtung im Horizont überschreitet, zum Material und Widerstandsmasse macht für eine korrektive, eine potenzierende Verachtung. Mit Zarathustra Intervention gewinnt das Verachten eine komplexe Verfassung: In der zweiten Verachtung wird eine vorhergehende Verachtung gegen sich selbst gekehrt und umgewertet. (...)

Mit Notwendigkeit tritt nun auch die zweite oder zusammengesetzte Verachtung doppelt auf, einmal von unten als offensive Verachtung der Eliten durch die neuen flexibilisierten Massen, die ihren *way of life* zum Maß aller Dinge machen und sich ihrer verachtenden Beobachter entledigen wollen; und als Verachtung der Massen und ihres breiten Idioms durch die letzten

Elitären, die ihre Ziele von der Masse berachtet wissen und ahnen, daß es mit dem, was ihnen am Herzen liegt, in der aufziehenden Massenkultur ein für alle Mal vorbei ist. Was die zweite Position angeht, so wird es wohl für alle Zukunft kaum möglich sein, ihr einen eloquenteren Anwalt als Friedrich Nietzsche zu besorgen.⁶⁸

O desprezo que Zarathustra dirige ao último homem não é como o antigo desprezo das massas (ele almeja uma superação do homem através do conceito de *Übermensch*). Esse desprezo é a transformação do próprio desprezo da multidão por tudo (*Verachtung der Menge für alles*) que ultrapassa seu sistema de valoração em desprezo corretivo e potencializador. Ou seja, o desprezo é revalorizado verticalmente e dirigido contra aqueles que são incapazes de se autodesprezar (*os últimos homens*). Nietzsche, na *Genealogia da Moral*, expõe o conflito entre os valores verticais e horizontais, imputando ao filósofo a tarefa de resolver o problema de valoração:

Die Frage: was ist diese oder jene Gütertafel und »Moral« werth? will unter die verschiedensten Perspektiven gestellt sein; man kann namentlich das »werth wozu?« nicht fein genug aus einander legen. Etwas zum Beispiel, das ersichtlich Werth hätte in Hinsicht auf möglichste Dauerfähigkeit einer Rasse (oder auf Steigerung ihrer Anpassungskräfte an ein bestimmtes Klima oder auf Erhaltung der grössten Zahl), hätte durchaus nicht den gleichen Werth, wenn es sich etwa darum handelte, einen stärkeren Typus herauszubilden. Das Wohl der Meisten und das Wohl der Wenigsten sind entgegengesetzte Werth-Gesichtspunkte: *an sich* schon den ersteren für den höherwerthigen zu halten, wollen wir der Naivetät englischer Biologen überlassen... *Alle* Wissenschaften haben nunmehr der Zukunfts-Aufgabe des Philosophen vorzuarbeiten: diese Aufgabe

⁶⁸ “A incorrigível provocação de Nietzsche consiste no fato de que ele transforma o desprezo da multidão por tudo o que ultrapasse sua organização no horizonte em material e massa de resistência para um desprezo corretivo, potencializador. Com a intervenção de Zarathustra o desprezo ganha uma constituição complexa: no segundo desprezo, um desprezo anterior é dirigido e revalorado contra si mesmo. (...) Necessariamente aparece duas vezes também o segundo desprezo, ou desprezo composto, uma vez de baixo, como desprezo ofensivo das elites por parte das novas massas flexibilizadas, que fazem de seu modo de vida a medida de todas as coisas e querem libertar-se de seu observador que as despreza; e como desprezo das massas e de seu amplo idioma por meio dos últimos elitistas, que sabem desprezados seus objetivos pela massa e pressentem que na cultura de massas em organização acabou de uma vez por todas aquilo com que se importam. No que diz respeito a segunda posição, pelo resto dos tempos será quase impossível arrumar-lhe um defensor mais eloquente do que Friedrich Nietzsche”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 56-57. Tradução: p 68-69.

dahin verstanden, dass der Philosoph das *Problem vom Werthe* zu lösen hat, dass er die *Rangordnung der Werthe* zu bestimmen hat.⁶⁹

Nietzsche explicita que o bem da maioria (*das Wohl der Meisten*) e o bem dos poucos (*das Wohl der Wenigsten*) são valorações opostas, outorgando ao filósofo a tarefa, nada confortável na contemporaneidade, de resolver o problema do valor (*Problem vom Werthe*), que não pode ser resolvido, segundo Nietzsche, de outra forma que não a vertical (portanto, o filósofo deve definir hierarquias de valores - *Rangordnung der Werthe*). Neste sentido, o conflito entre verticalidade e horizontalidade (que é a essência do problema objetivo de reconhecimento das massas) é representado por duas formas de desprezo: de um lado, as novas massas flexibilizadas que desprezam ofensivamente as elites (*offensive Verachtung der Eliten durch die neuen flexibilisierten Massen*), munidos de seu modo de vida (*way of life*) que deve ser o padrão de medida para todas as coisas. Do outro lado, os últimos elitistas que desprezam as massas e seu modo de valoração (*Verachtung der Massen und ihres breiten Idioms durch die letzten Elitären*), cientes de que, para eles, não há lugar na cultura de massas. Nietzsche é o mais proeminente representante de um desprezo das massas potencializador, preocupado com as possibilidades de superação do homem. Mas Sloterdijk fornece também um exemplo de um eloquente representante dos desprezadores de baixo:

Besondere Erfolge erzielt zur Zeit auf diesem Feld der Philosoph Richard Rorty, der sich ohne Umschweife ins Lager der letzten

⁶⁹ “A questão: que vale esta ou aquela tábua de valores, esta ou aquela ‘moral’? deve ser colocada das mais diversas perspectivas; pois ‘vale para quê?’ jamais pode ser analisado de maneira suficientemente sutil. Algo, por exemplo, que tivesse valor evidente com relação à maior capacidade de duração possível de uma raça (ou ao acréscimo do seu poder de adaptação a um determinado clima, ou à conservação do maior número) não teria em absoluto o mesmo valor, caso se tratasse, digamos, de formar um tipo de homem mais forte. O bem da maioria e o bem dos raros são considerações de valor opostas: tomar o primeiro como de valor mais elevado *em si*, eis algo que deixamos para a ingenuidade dos biólogos ingleses... Todas as ciências doravante preparar o caminho para a tarefa futura do filósofo, sendo esta tarefa assim compreendida: o filósofo deve resolver o *problema de valor*, deve determinar a *hierarquia dos valores*.”. NIETZSCHE, Friedrich W. *Zur Genealogie der Moral*. Erste Abhandlung, § 17, nota final.

Menschen stellt – vorausgesetzt daß diese Amerikaner sind – und ihre Kritiker von Kierkegaard und Nietzsche zu Heidegger, Adorno und Foucault unverblümt als anstrengende, unangenehme, heroische Snobs bezeichnet, obwohl er sie weiter in prominenter Position auf seiner Lektüreliste führt. Als Verächter von unten der Verächter von oben predigt der Liberale Rorty, den die Luft von Virginia zum Sozialdemokraten gemacht hat, eine neue Version des amerikanischen Traums – den aufrechten Gang in die Banalität und notfalls eine zweite Trennung von Europa.⁷⁰

Rorty usa conscientemente a linguagem de Nietzsche contra Nietzsche, assumindo a posição do último homem e desprezando ativamente a posição representada por Zarathustra. Na sociedade de massas contemporânea, é cada vez mais a posição de Rorty que se torna regra, ao passo que o desprezo de Zarathustra pelo último homem passa a representar a caduca lembrança de uma forma de diferenciação que não mais existe (e, segundo a cultura de massa, nem deve existir).

Heidegger é o último pensador mencionado por Sloterdijk na sequência de seu roteiro do desenvolvimento filosófico do desprezo:

Den letzten eminenten Beitrag zum philosophischen Prozeß um das Verächtliche und sein Gegenteil hat Martin Heidegger in dem berüchtigten Man-Kapitel von *Sein und Zeit*, § 27, beigesteuert. (...) Zunächst aber hat Heidegger mit einem außerordentlichen Portrait das fahle Selbst des Man für die Theorie erschlossen. Was seinem Portraitisten am Man besonders auffällt, ist die Abwesenheit von allen Zügen, an denen sich das Eigentümliche, das radikal Individuelle und Unvertretbare einer zu sich entschlossenen Existenz aufzeigen ließe. In bezug auf die manhafte Masse gilt, ihrem Phänomenologen zufolge, stets die „unversehens schon übernommene Herrschaft der Anderen. Man selbst gehört zu den Anderen und verfestigt ihre Macht“. Wem aber sein Selbst auf diese man- und massenhafte Art gegeben ist – und das sind nach

⁷⁰ “Nesse campo, hoje em dia, obtém destacados êxitos o filósofo Richard Rorty, que sem rodeios se coloca no lugar dos últimos homens – pressupondo que estes sejam americanos – e chama cruamente seus críticos, de Kierkegaard e Nietzsche a Heidegger, Adorno e Foucault, de esnobes cansativos, desagradáveis, heróicos, embora continuem a fazer parte, em posição privilegiada, de sua lista de leitura. Como desprezador de baixo dos desprezadores de cima, o liberal Rorty, que os ares da Virgínia transformaram em social-democrata, prega uma nova versão do sonho americano – o andar apumado rumo à banalidade e, se preciso, uma segunda separação em relação à Europa”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 58. Tradução: p 71.

Heidegger „zunächst und zumeist“ alle ohne Ausnahme –, kann diese Einebnung nicht empfinden. (...)

Heidegger listige Evokation des Dasein im Modus des Man bezieht alle Einselnen ohne Ausnahme in die Verächtlichkeit des vorerst gültigen Befundes ein: Wir sind ja immer schon von den ihrerseits unterhöhlten Anderen in solchem Grade unterwandert, daß wir unter keinen Umständen imstande sind, zu unserer „eigenen“ Existenz zu finden. (...) Unter diesen Prämissen muß Verächtlichkeit als ein Existential erscheinen, das dem Dasein als solchem eingepägt ist, sofern es zunächst nichts anderes sein kann als verfallenes Mitsein mit verfallenen Anderen. (...) Es ist für Mensch im ersten Angang daher unmöglich, nicht verächtlich, nicht man-haft, nicht in die Niemand-Diktatur zerstreut zu leben, weil alle fürs erste nur als Man zu sich kommen und in der Regel so bleiben.⁷¹

A ditadura sem dono do impessoal (*das Man*) é o retrato que Heidegger faz do ser-o-ai (*Dasein*) do último homem de Nietzsche. Embora Heidegger também esteja interessado, a seu modo, em um projeto filosófico de mudança para o não-desprezo (para uma existência radicalizada e verdadeiramente nobre), o que é ressaltado por Sloterdijk é percepção de que todos chegamos primeiramente condicionados no modo impessoal. Assim, seguindo o roteiro do conceito de desprezo, chegamos com Heidegger a um modo

⁷¹ “A última contribuição eminente para o processo filosófico em torno do desprezível e seu contrário foi dada por Martin Heidegger em seu famoso capítulo acerca do *Man** [‘o impessoal’] em *Ser e tempo*, parágrafo 27. (...) Primeiramente, porém, com um retrato extraordinário, Heidegger revelou para a teoria o pálido *selbst* [si mesmo] do ‘impessoal’. O que especialmente salta aos olhos do retratista, no ‘impessoal’, é a ausência de todos os traços nos quais se pudesse apontar o característico, o radicalmente individual e insubstituível de uma existência decidida por si mesma. Em referência à massa do ‘impessoal’ sempre se considera, segundo o seu fenomenólogo, ‘inopinadamente o domínio já assumido dos outros. O próprio ‘impessoal’ faz parte dos outros e consolida seu poder’. A quem porém, foi dado o seu ‘si mesmo’ dessa maneira ‘impessoal’ e maciça – e são, segundo Heidegger, ‘primeira e primordialmente’ todos, sem exceção –, este não pode sentir esse nivelamento. (...) A evocação astuta de Heidegger acerca do estar-aí [*Dasein*] no modo “impessoal” inclui todos os indivíduos, sem exceção, na desprezabilidade do resultado primeiramente válido: estamos mesmo a tal ponto infiltrados pelos outros, de sua parte já minados, que sob nenhuma circunstância estamos em condições de ir ao encontro de nossa ‘própria’ existência. (...) Sob tais premissas o desprezo deve aparecer como um existencial que está fixado na existência como tal, contanto que primeiramente não possa ser outra coisa que a convivência decaída com outros decaídos. (...) Por isso, no início é impossível as pessoas não viverem desprezivelmente, não viverem na forma impessoal, não viverem dispersas na ditadura sem dono, porque todos chegam primeiro somente como ‘impessoal’ e geralmente assim permanecem”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 59-60. Tradução: p 72-74.

* Em *Ser e tempo*, Heidegger substantiva a palavra alemã *Man* a partir do sentido do pronome “se” usado impessoalmente – como em “diz-se que”. Mas a locução “o se” soa estranho e empregaremos em seu lugar “o impessoal”, cf. *Heidegger: história e verdade em Ser e Tempo*, de Jonathan Rée (São Paulo, UNESP, 2000, p.31. Tradução de José Oscar de Almeida Marques). (N.E.)

de existência que se dissolve na publicidade midiática vulgar, uma ditadura do ninguém na qual estamos todos condicionados existencialmente (pelo menos, a princípio), como escreve o próprio Heidegger em *Ser e tempo* no trecho citado por Sloterdijk:

In dieser Unauffälligkeit und Nichtfeststellbarkeit entfaltet das Man seine eigentliche Diktatur. Wir genießen und vergnügen uns, wie *man* genießt; wir lesen, sehen und urteilen über Literatur und Kunst, wie *man* sieht und urteilt; wir ziehen uns aber auch vom „großen Haufen“ zurück, wie *man* sich zurückzieht; wir finden empörend, was *man* empörend findet ... Die Öffentlichkeit verdunkelt alles und gibt das so Verdeckte als das Bekannte und jedem Zugängliche aus ... Jeder ist der Andere und Keiner er selbst. Das *Man* ... ist das *Niemand* ...⁷²

O trecho citado por Sloterdijk de *Assim falou Zaratustra* ecoa nas linhas citadas de *Ser e tempo*. O último homem, ao descrever as ações e características de sua sociedade, usa sempre o impessoal⁷³. Nos únicos momentos em que o último homem diz algo em primeira pessoa (Nós inventamos a felicidade - *Wir haben das Glück erfunden*), a afirmação é acompanhada do piscar de olhos. O roteiro filosófico da desprezabilidade torna-se até mais evidente ao aproximarmos a afirmação de Nietzsche: cada um quer o mesmo, cada um é igual (*Jeder will das Gleiche, Jeder ist gleich*) – com o que escreve Heidegger: cada um é o outro e nenhum é ele mesmo. O *Man* é o *ninguém* (*Jeder ist der Andere und Keiner er selbst. Das Man ist das Niemand*). A igualdade antropológica, mobilizada na modernidade para buscar resolver o problema do reconhecimento das massas, torna-se uma perigosa característica da desertificação do homem. Ao comentar

⁷² “Nessa impossibilidade de comprovação e incapacidade de constatação, o *Man* desenvolve sua verdadeira ditadura. Desfrutamos e nos divertimos como *Man* desfruta; lemos, vemos e julgamos literatura e arte como *Man* vê e julga; mas também nos retiramos do ‘grande monte’ como *Man* se retira; achamos revoltante o que *Man* acha revoltante (...) A opinião pública escurece tudo e entrega o assim oculto como o conhecido e acessível a cada um (...) Cada um é o outro e nenhum ele mesmo. O *Man* (...) é o *ninguém* (...)”. HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*, p 126-128. [Ed. Bras.: *Ser e tempo*. São Paulo, Vozes, 2001] IN: *Die Verachtung der Massen*, p 60. Tradução: p 73.

⁷³ *man braucht; man liebt; man geht; man arbeitet; man sorgt; man wird; man zankt; man versöhnt; man hat; man ehrt*. Ver nota X.

sobre a última vontade (a vontade do último homem - *letzte Wille*), Nietzsche, na *Genealogia da Moral*, adverte que o processo cultural de reconhecimento do homem caminha para uma situação de perigo:

Was zu fürchten ist, was verhängnissvoll wirkt wie kein andres Verhängniss, das wäre nicht die grosse Furcht, sondern der grosse *Ekel* vor dem Menschen; insgleichen das grosse *Mitleid* mit dem Menschen. Gesetzt, dass diese beiden eines Tages sich begatteten, so würde unvermeidlich sofort etwas vom Unheimlichsten zur Welt kommen, der »letzte Wille« des Menschen, sein Wille zum Nichts, der Nihilismus. Und in der That: hierzu ist Viel vorbereitet. Wer nicht nur seine Nase zum Riechen hat, sondern auch seine Augen und Ohren, der spürt fast überall, wohin er heute auch nur tritt, etwas wie Irrenhaus-, wie Krankenhaus-Luft, – ich rede, wie billig, von den Culturgebieten des Menschen, von jeder Art »Europa«, das es nachgerade auf Erden giebt. ... Und darum gute Luft! gute Luft! Und weg jedenfalls aus der Nähe von allen Irren- und Krankenhäusern der Cultur! Und darum gute Gesellschaft, *unsre* Gesellschaft! Oder Einsamkeit, wenn es sein muss! Aber weg jedenfalls von den üblen Dünsten der innerwendigen Verderbniss und des heimlichen Kranken-Wurmfrasses!... Damit wir uns selbst nämlich, meine Freunde, wenigstens eine Weile noch gegen die zwei schlimmsten Seuchen vertheidigen, die gerade für uns aufgespart sein mögen, – gegen den *grossen Ekel am Menschen!* gegen das *grosse Mitleid mit dem Menschen!*...⁷⁴

Permitindo-se uma aproximação interpretativa de nojo (*Ekel*) como desprezo e compaixão (*Mitleid*) como adulação, dado que as duas se referem ao ser humano, poder-se-ia considerar ambos os casos como tentativas de reconhecimento. Mas se, para Sloterdijk, a

⁷⁴ “O que é de temer, o que tem efeito mais fatal que qualquer fatalidade, não é o grande temor, mas o grande *nojo* ao homem; e também a grande *compaixão* pelo homem. Supondo que esses dois um dia se cassassem, inevitavelmente algo de monstruoso viria ao mundo, a ‘última vontade’ do homem, sua vontade do nada, o niilismo. E de fato, muita coisa aponta pra isso. Quem para farejar possui não apenas o nariz, mas também os olhos e ouvidos, sente, em quase toda parte que vai atualmente, algo semelhante a um ar de hospício, a um ar de hospital – falo, naturalmente, das áreas de cultura do homem, de toda espécie de ‘Europa’ sobre a terra. (...) Ar puro, portanto! Ar puro! E afastamento de todos os hospícios e hospitais da cultura! E portanto boa companhia, *nossa* companhia! Ou solidão, se tiver de ser! Mas afastamento dos maus odores da degradação interna e da oculta carcoma da doença!... Para que nós mesmo, meus amigos, ao menos por algum tempo ainda nos defendamos das duas mais terríveis pragas que podem estar reservadas para nós precisamente – *o grande nojo do homem e a grande compaixão do homem!*...”. NIETZSCHE, Friedrich W. *Zur Genealogie der Moral*. Dritte Abhandlung, § 14

adulação é o desprezo invertido (neste sentido torna-se mais clara a aproximação com os termos usados na *Genealogia*, compaixão como um nojo invertido), a tentativa de destruir todas as relações onde o homem é desprezado acaba por tornar o próprio desprezo um condicional existencial humano, o resultado poderia ser interpretado como o casamento do nojo pelo homem com a compaixão pelo homem: trazendo a luz do mundo a sinistra (*Unheimlichsten*) figura do último homem, a última vontade do homem (*letzte Wille des Menschen, sein Wille zum Nichts, der Nihilismus*), o niilismo, a desertificação. Oswaldo Giacoia Junior, em um artigo cujo objetivo é estabelecer uma relação entre aspectos centrais da filosofia da técnica de Heidegger e a figura do último homem de Nietzsche, comenta sobre esse perigo de desertificação:

Os últimos homens vivem o mais longamente. Eles não são apenas homens de rebanho e de séries; eles são também numerosos e minúsculos, como as pulgas. Porque não mais conseguem se elevar acima de si mesmos e para além de si mesmos, porque são impotentes para a travessia que os conduziria à verdade de sua essência, os últimos homens se perpetuam como infinita repetição do idêntico, eternos clones de si mesmos, numa versão macabra do eterno retorno nietzscheano. Esse é o perigo de desertificação que traz consigo a figura inquietante e silenciosamente ameaçadora do último homem: o perigo da integração sem resíduos nos circuitos desenfreados e devastadores do consumo e do desgaste técnico de todo ente ...

Aquilo sobre o que urge refletir é, pois, sobre a vertigem de que somos presa na era da técnica planetária, sobre a profundidade de nosso enredamento com essa figura sinistra do último homem; sobretudo sobre a incapacidade de, unicamente por nossas próprias forças e meios, conjurarmos essa sombria ameaça que turva o futuro do homem ...⁷⁵

O perigo de desertificação alcança seu cume na medida em que o projeto de desenvolver a massa como sujeito caminha para seu momento crítico:

⁷⁵ GIACIOIA JUNIOR, Oswaldo. “O último homem e a técnica moderna”. *Natureza humana*, jun. 1999, vol.1, no.1, p.50-51.

Das Projekt, die Masse als Subjekt zu entwickeln, erreicht sein kritisches Stadium, sobald wir die Regel aussprechen, daß alle Unterscheidungen als Unterscheidungen der Masse vollzogen werden sollen. ... Sie setzt alle Vokabulare und Kriterien außer Kraft, bei deren Gebrauch ihre Beschränkungen ausgesprochen werden könnten; sie delegitimiert alle Sprachspiele, die sie nicht gewinnt. Sie zerschlägt alle Spiegel, die ihr nicht versichern, sie sei die schönste im ganzen Land. ... In diesem Sinn ist das Projekt Massenkultur auf radikal anti-nietzscheanische Weise nietzscheanisch: Seine Maxime heißt Umwertung aller Wertungen als Umwandlung aller Vertikaldifferenz in Horizontaldifferenz.⁷⁶

Os valores do último homem seguem um movimento a favor da ditadura do *Man*, uma ditadura do ninguém (como escreve Heidegger: *Das Man ist das Niemand*). O imperativo da cultura de massa é a dissolver toda diferença vertical possível em diferenças horizontais. Mas a busca por reavaliações baseadas em diferenças horizontais traz consigo um incontornável problema:

Weil aber, wie gesehen, alle Unterschiede auf der Basis der Gleichheit, also einer im voraus festgesetzten Ununterschiedenheit, vorgenommen werden, sind alle modernen Unterscheidungen mehr oder weniger akut von der Indifferenz bedroht. Der Differenzkult der aktuellen Gesellschaft, wie er sich von der Mode bis in die Philosophie ausbreitet, hat seinen Grund darin, daß man alle horizontalen Differenzen zu Recht als schwache, widerrufliche, konstruierte empfindet.⁷⁷

⁷⁶ “O projeto de desenvolver a massa como sujeito alcança seu estágio crítico tão logo pronunciemos a regra de que todas as diferenciações devem ser realizadas como diferenciações da massa. (...) Ela anula todos os vocabulários e critérios que se prestem à manifestação de suas limitações; ela deslegitima todos os jogos de linguagem que não ganha. Ela estilhaça todos os espelhos que não lhe assegurem ser ela a mais bela em todo o país. (...) Nesse sentido, o projeto da cultura de massas é nietzscheano de uma forma profundamente antinietzscheana: sua máxima chama-se reavaliação de todos os valores como transformação de toda a diferença vertical em diferença horizontal”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 85-86. Tradução: p 105-106.

⁷⁷ “Mas já que, como foi visto, todas as diferenças são efetuadas com base na igualdade, portanto em uma impossibilidade preestabelecida de diferenciar, todas as diferenciações modernas estão em maior ou menor medida gravemente ameaçadas pela indiferença. O culto à diferença na sociedade atual, expandindo-se da moda à filosofia, tem seu motivo no fato de que se sente todas as diferenças horizontais, e com razão, como sendo fracas, revogáveis, construídas”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 86. Tradução: p 106-107.

A redução e homogeneização antropológica, o primeiro passo do projeto moderno caracterizado por Sloterdijk, impõe uma tarefa frívola à contemporaneidade: construir diferenças com base na igualdade. Se ainda se permitir uma idéia de identidade, também esta deve ser fundamentada na igualdade, segundo os princípios da cultura de massa:

Wo Identität war, soll Indifferenz werden, sprich eigentlich differente Indifferenz. Differenz, die keinen Unterschied macht, ist der logische Titel der Masse. Von nun an müssen Identität und Indifferenz als Synonyme verstanden werden. ... Masse sein heißt ..., sich unterscheiden, ohne daß es einen Unterschied macht. Differenzierte Indifferenz ist das formale Geheimnis der Masse und ihrer Kultur, die eine totale Mitte organisiert. Deren Jargon kann darum kein anderer sein als der eines abgeschliffenen Individualismus. Wenn wir schwören, daß alles, was wir tun, um anders zu sein, in Wahrheit nichts bedeutet, dürfen wir tun, was immer uns in den Sinn kommt. ... Nur darum haben wir uns im Laufe des vergangenen halben Jahrhunderts von einer schwarzen oder molaren Masse zu einer bunten molekularen wandeln können.⁷⁸

Não é por acaso que a publicidade midiática contemporânea gire em torno de imperativos como “seja diferente, seja você mesmo”. Diferença que não faz diferença (*Differenz, die keinen Unterschied macht*), indiferença diferenciada (*Differenzierte Indifferenz*), a massa molecular colorida contemporânea gravita e se define nessas expressões contraditórias. Ao contrário da massa negra e molar, onde todos aparecem juntos uniformemente iguais, é imperativo que os que formam as massas contemporâneas não pareçam iguais, deve-se ser o mais diferente possível, mas apenas na medida em que esse colorido particular não faça nenhuma diferença relevante:

⁷⁸ “Onde havia identidade, deve aparecer indiferença, ou melhor, indiferença diferente. Diferença que não faz diferença é o título lógico da massa. De agora em diante identidade e indiferença deve ser entendidas como sinônimos. (...) ser massa significa diferenciar-se sem que faça alguma diferença. Indiferença diferenciada é o mistério formal da massa e sua cultura, que organiza um centro total. Por essa razão, seu jargão não pode ser outro senão o de um individualismo afiado. Quando juramos que tudo o que fazemos para ser diferente em nada significa, podemos fazer o que sempre nos vem à mente. (...) Somente por isso, no decorrer no último meio século pudemos sair de uma massa preta ou molar para uma molecular colorida.” SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 86-87. Tradução: p 107.

Die Massenkultur setzt das Scheitern alles alles Sich-interessant-Machens, und das heißt Sich-besser-als-andere-Machens, voraus. Und dies zu Recht, denn es ist ihr Dogma, daß wir uns nur unter der Voraussetzung voneinander unterscheiden machen. Masse verpflichtet. ... nach dem großen Aufbruch in die Gleichheit und die Neuförmbarkeit von allem, wollen und sollen wir vor unseren Unterschieden da sein, sofern diese durchwegs gemacht, nicht gefunden sind. Die Priorität unserer Existenz vor unseren Eigenschaften und Werken setzt die Indifferenz als erstes und einziges Prinzip der Masse in Kraft.⁷⁹

A massa colorida e gaseiforme da contemporaneidade dita as regras da configuração humana contemporânea: as diferenciações verticais devem ser desprezadas e a identidade deve ser sempre buscada sob a forma de uma indiferença diferenciada. Os defensores das pretensões de desenvolver a massa servil como sujeito, de derrubar todas as relações de desprezo do homem, não esperavam que o desenvolvimento histórico desaguasse na sociedade do último homem, na qual é tão impossível reconhecer quanto diferenciar valores. Ainda assim, Sloterdijk, com um resquício de ironia, não deixa de admirar a possibilidade de observação desse movimento da história no desenvolvimento do desprezo:

Unter diesem Gesichtspunkt betrachtet, ist das zu Recht oder Unrecht so genannte „Projekt der Moderne“ mehr denn je eines der bewundernswertesten Unternehmen, das in der Geschichte der Menschheit zu beobachten war. Dies gilt nicht zuletzt im Hinblick darauf, daß die Demokratie auf eine beispiellose anspruchsvolle Weise an die Diskretion ihrer Mitglieder appelliert – an Diskretion im doppelten Sinn des Worts, als Unterscheidungskraft und als Taktgefühl, als Sinn für ungeschriebene Rangverhältnisse und als Respekt für informelle Ordnungen des Guten und des weniger Guten

⁷⁹ “A cultura de massas pressupõe o fracasso de todo fazer-se-interessante, e isto quer dizer fazer-se-melhor-do-que-os-outros. E isto com razão, pois é seu dogma que somente nos diferenciemos entre nós sob o pressuposto de que nossas diferenças não façam diferença. A massa compromete. (...) após a grande investida rumo à igualdade e a nova capacidade de moldagem de tudo, queremos e devemos existir antes de nossas diferenças, contanto que sejam feitas diretamente e não achadas. A prioridade de nossa existência ante nossas qualidades e obras desencadeia a indiferença como primeiro e único princípio da massa.” SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 87-88. Tradução: p 108-109.

– bei ständiger Rücksicht auf Gleichheitsbedürfnisse und Vergleichungsgewohnheiten.⁸⁰

A busca pelo reconhecimento de todos é a própria massa fazendo reconhecer-se como única na sociedade. Mas o que se apresenta como uma simples pretensão revela novas características quando é submetida ao desenvolvimento histórico. O grande “Projeto da Modernidade”, desenvolver a massa como sujeito, pode ser lido como o grande projeto democrático. Conseqüentemente, a constatação de um reconhecimento recusado (desprezo) das massas na história desvendaria uma inclinação antidemocrática do pensamento político ocidental. Pode-se lembrar, em um registro completamente diferente e distante de Sloterdijk, uma análise que tem como objetivo reconhecer o problema de reconhecimento da massa. John S. McClelland, em seu livro *The Crowd and The Mob: From Plato to Canetti*, defende uma tese diversa de Sloterdijk e busca diretamente o conceito de multidão na história, tentando assim explicar sua ausência por meio de uma varredura da idéia de *multidão* nos escritos filosóficos e políticos da história ocidental (ao contrário de Sloterdijk que busca no próprio conceito de desprezo essa explicação). Segundo McClelland, a multidão (*the crowd*) e a turba (multidão tumultuada, amotinada, violentamente ativa - *the mob*), dois fenômenos distintos, são tratadas de forma marginal pela reflexão política ocidental, como defende na introdução de *The Crowd and The Mob*:

Histories of political thought concentrate on a succession of justifications for forms of rule. What is to be ruled, the crowd, and what threatens rule, the mob, figure only on the sidelines. If the crowd gets in at all, what a particular thinker has to say about what it

⁸⁰ “Visto desse ponto de vista, o justa ou injustamente assim denominado “Projeto da Modernidade” é definitivamente o mais admirável empreendimento observado na história da humanidade. É sempre bom lembrar que a democracia apela, de modo inédito, para a discricção de seus membros – para a discricção no duplo sentido da palavra: como força de diferenciação e como sentimento de compasso, como sentido para inescritas relações de categoria e como respeito por ordens informais do bom e do menos bom – em constante consideração às necessidades de igualdade e hábitos de comparação”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 92-93. Tradução: p 114.

is like is either accepted at its face value, or dismissed as bias. Histories of political thought are written from the top looking down; by this I do not mean that historians of political thought are always ‘on the side’ of rulers, though a case could be made out for that; what I mean is that by attending to justification for forms of rule, historians of political thought have usually failed to see that justification for forms of rule are made that much more convincing if the ruled can be made out to be at best a crowd, therefore needing to be ruled, or at worst a mob, therefore threatening rule. This failing in the histories of political thought is surprising, because the compulsion to treat the ruled as a crowd and a mob began very early in the political thought of the West. It could almost be said that political theorizing was invented to show that democracy, the rule of men by themselves, necessarily turns into rule by the mob.⁸¹

Para McClelland, o que deve ser governado (a multidão) não é o centro da reflexão política na história ocidental. O pensamento ocidental sempre optou (desde Platão) por recusar reconhecimento ao coletivo governado. Os historiadores do pensamento político analisam a multidão a partir de cima, e essa perspectiva já pressupõe um desprezo pelas massas. Entretanto, este posicionamento superior não ocorre porque o pensador esteja sempre do lado dos que governam, mas antes porque, se a reflexão política no ocidente é vista como uma série de justificações de formas de governo, o pensador político percebe que é mais convincente tratar o objeto do governo (o povo, a massa humana) como uma multidão que *necessariamente precisa* ser governada, já que ela pode, facilmente, transformar-se em uma turba, que ameaça perigosamente qualquer governo instituído. McClelland vê nesse desprezo teórico pelas massas uma falha do pensamento político ocidental, e, a partir da genealogia desta falha, ele ousa afirmar que é possível que a “teorização política” no Ocidente seja concebida para evidenciar que a democracia (*the rule of men by themselves*) necessariamente torna-se o governo pela turba (*mob rule*). Desta forma, McClelland ilumina uma disposição antidemocrática que nasce com a

⁸¹ McCLELLAND, John S. *The Crowd and the Mob: from Plato to Canetti*. Pg. 1.

reflexão política ocidental e que a acompanharia, segundo ele, até *Massa e Poder* de Canetti. Essa disposição funda-se no desprezo das massas, e, portanto, na forma de reconhecimento recusado de modo unilateral pelos pensadores ao longo da história.

McClelland é um exemplo de como o desprezo das massas normalmente é associado a posturas antidemocráticas. Sloterdijk gira o argumento ao contrário, expondo como o conceito de desprezabilidade, característica por definição da massa, ao se mobilizar na história, alcança sua expressão e estágio crítico nas sociedades democráticas de massas. Mas ele observa que a democracia na cultura contemporânea de massas não resolve o problema de reconhecimento, ao contrário, condiciona o próprio existir humano a uma configuração de desprezabilidade cada vez mais radical.

O processo de reconhecimento da massa na sociedade é um exercício de poder, e, em outras palavras, um autêntico movimento democrático. A fórmula política citada atende fragilmente ao requisito de traduzir a idéia do desdobrar subjetivo da massa no sujeito, e ainda pode obscurecer as conseqüências desse movimento de reconhecimento das massas pós-modernas. O entretenimento de massas, princípio que rege os programas de comunicação das multidões da atualidade, produz uma bestialização cotidiana na sociedade (diferente daquela produzida pelo princípio de líder, que levou a Europa a batalhas fratricidas sem precedentes). A democracia das massas, no seu processo de valoração horizontal, leva a sociedade a um suspeito repúdio generalizado pelo desprezo do homem. No entanto, junto com esse desprezo, perde-se a possibilidade do autodesprezo e caem as possibilidades de diferenciações relevantes, reduzindo a sociedade a uma multidão de seres diferentes que não fazem diferença, ou seja, um pluralismo vazio de uma massa gasosa, colorida e entorpecida em seu próprio entretenimento ordinário.

IV - O horizonte dos processos de humanização

Os conflitos entre comunicações verticais e horizontais, que constituem a estrutura das lutas culturais contemporâneas, são travados em meio ao movimento de reconhecimento das massas pós-modernas. Pode-se ser que, nessas lutas, também estejam em jogo formas distintas de influenciar o ser humano. Os meios de comunicação também funcionam como meios de formação humana: programas de comunicação, mídias de massa, formam as multidões, seja adulando-as, seja ofendendo-as. Essa idéia do ser humano como ser influenciável é uma herança do humanismo, tal como Sloterdijk desenvolve a questão em seu ensaio *Regras para o Parque Humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo* (1999). A relação entre *Regras para o Parque Humano* e o problema delineado no *Desprezo das Massas* fica evidente no seguinte trecho:

Wer heute nach der Zukunft von Humanität und Humanisierungsmedien fragt, will im Grunde wissen, ob Hoffnung besteht, der aktuellen Verwilderungstendenzen beim Menschen Herr zu werden. Dabei fällt beunruhigend ins Gewicht, daß Verwilderungen, heute wie immer, gerade bei hoher Machtentfaltung aufzubrechen pflegen, sei es als unmittelbare kriegerische und imperiale Roheit, sei es als alltägliche Bestialisierung der Menschen in den Medien enthemmender Unterhaltung.⁸²

A grande questão contemporânea é saber em que medida as mídias de humanização (*Humanisierungsmedien*) são capazes de lidar com as atuais tendências embrutecedoras (*Verwilderungstendenzen*) do ser humano. As mídias de massa, enquanto comunicação

⁸² “Quem hoje se questiona sobre o futuro da humanidade e dos meios de humanização deseja essencialmente saber se subsiste alguma esperança de dominar as atuais tendências embrutecedoras entre os homens. Quanto a isto, tem uma perturbadora importância o fato de que o embrutecimento, hoje e sempre, costuma ocorrer exatamente quando há grande desenvolvimento do poder, seja como rudeza imediatamente bélica e imperial, seja como bestialização cotidiana das pessoas pelos entretenimentos desinibidores da mídia”. SLOTERDIJK, Peter. *Regeln für den Menschenpark*. § 6. Tradução *Regras para o Parque Humano*, p 16.

horizontal regida pelo princípio do entretenimento, produzem uma bestialização cotidiana (*alltägliche Bestialisierung*) das pessoas, de forma muito mais eficiente do que qualquer humanismo presente pudesse cogitar. As massas negras e molares do início do século passado, organizadas segundo o princípio de líder, produzem tal rudeza imediatamente bélica e imperial (*unmittelbare kriegerische und imperiale Roheit*). Hoje, nas mídias para as massas coloridas e gaseiformes, o que realmente as coordena é o entretenimento desinibidor de massas (*Medien enthemmender Unterhaltung*).

A questão dos dias atuais versa sobre a possibilidade de amansamento (*Zähmung*) e domesticação (*Domestikation*) das massas, ou seja, coloca-se inevitavelmente o desafio de buscar uma resposta à pergunta: que tipo de ser humano é formado frente às multidões cada vez maiores, frente aos intermináveis conflitos por reconhecimento na sociedade, às mídias cada vez mais embrutecedoras, ao inexorável avanço tecnológico?

Das Phänomen Humanismus verdient Aufmerksamkeit heute vor allem, weil es - wie auch immer verschleiert und befangen - daran erinnert, daß Menschen in der Hochkultur ständig von zwei Bildungsmächten zugleich in Anspruch genommen werden - wir wollen sie hier der Vereinfachung zuliebe schlicht die hemmenden und die enthemmenden Einflüsse nennen. Zum Credo des Humanismus gehört die Überzeugung, daß Menschen "Tiere unter Einfluß" sind und daß es deswegen unerlässlich sei, ihnen die richtige Art von Beeinflussungen zukommen zu lassen. Das Etikett Humanismus erinnert - in falscher Harmlosigkeit - an die fortwährende Schlacht um den Menschen, die sich als Ringen zwischen bestialisierenden und zähmenden Tendenzen vollzieht.⁸³

⁸³ “O fenômeno do humanismo hoje merece atenção antes de mais nada porque nos recorda – embora de forma velada e tímida – que as pessoas na cultura elitizada estão submetidas de forma constante e simultânea a dois poderes de formação – vamos aqui denominá-los, para simplificar, influências inibidoras e desinibidoras. Faz parte do credo do humanismo a convicção de que os seres humanos são ‘animais influenciáveis’ e de que é portanto imperativo prover-lhes o tipo certo de influências. A etiqueta ‘humanismo’ recorda – de forma falsamente inofensiva – a contínua batalha pelo ser humano que se produz como disputa entre tendências bestializadoras e tendências domesticadoras”. SLOTERDIJK, Peter. *Regeln für den Menschenpark*. § 6. Tradução: p 17

O humanismo toma o ser humano como animal influenciável e se dispõe a oferecer as corretas influências para que este desenvolva sua humanidade, sua plenitude enquanto humano. Nesse sentido, o humanismo luta ao lado das técnicas de amansamento (*zähmenden*) contra as técnicas de bestialização (*bestialisierenden*). No artigo “Corpos em fabricação”, Oswaldo Giacoia Junior ressalta a forma como Sloterdijk lida com problemático binômio amansamento / seleção (*Zähmung / Züchtung*):

Em julho 1999, quando ainda se comemorava o final do século XX - e a propósito de apresentar uma resposta à *Carta sobre o "humanismo"*, de Martin Heidegger -, o autor põe em questão o sentido e o papel da educação humanista na história do Ocidente, reformulando o léxico em que até então se formulara o problemático binômio domesticação (*Zähmung*) e seleção (*Züchtung*), entendidas como cruzamento fundamental no processo antropológico de autoconfiguração da humanidade. Para Sloterdijk, a história cultural do Ocidente foi marcada pela tensão entre as técnicas de cultura seletiva (*Züchtung*) e as forças civilizatórias de amansamento e domesticação (*Zähmung*) do "bicho homem". Para ele, o humanismo - insuficientemente fulminado pela desconstrução heideggeriana da metafísica - constitui, em verdade, um longo e importante capítulo dessa história; com ele se empreende uma colossal tarefa de amansar as forças selvagens e domesticar o homem pela via da escola e da leitura: de acordo com sua posição, é em chave antropológica que se deve complementar a *Lichtung* (clareira) heideggeriana, entendida como abertura para a transformação do homem em animal doméstico (*Haustier*).⁸⁴

O humanismo vale-se de técnicas na construção de sua concepção de ser humano:

Das latente Thema des Humanismus ist also die Entwilderung des Menschen, und seine latente These lautet: Richtige Lektüre macht zahm.⁸⁵

⁸⁴ GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. “Corpos em fabricação”. *Natureza humana*, jun. 2003, vol.5, no.1, p 182.

⁸⁵ “O tema latente do humanismo é, portanto, o desembrutecimento do ser humano, e sua tese latente é: as boas leituras conduzem a domesticação”. SLOTERDIJK, Peter. *Regeln für den Menschenpark*. § 6. Tradução: 17.

A leitura é uma ferramenta técnica do humanismo, leituras corretas conduzem ao amansamento (*macht zahm*) e desbrutalização do homem. Em termos práticos, o binômio amansamento / seleção (*Zähmung / Züchtung*) significa, para o humanismo, leitura e seleção (*Lesen / Auslesen*):

Gewiß war das Lesen eine menschenbildende Großmacht - und sie ist es, in bescheideneren Dimensionen, noch immer; das Auslesen jedoch - wie auch immer es sich vollzogen haben mag - war stets als die Macht hinter der Macht im Spiel. Lektionen und Selektionen haben miteinander mehr zu tun, als irgendein Kulturhistoriker zu bedenken willens und fähig war, und wenn es uns bis auf weiteres auch unmöglich scheint, den Zusammenhang zwischen Lesen und Auslesen hinreichend präzise zu rekonstruieren, so ist es doch mehr als eine unverbindliche Ahnung, daß dieser Zusammenhang als solcher seine Realität besitzt.⁸⁶

Mas as técnicas de formação humana do Humanismo não obtêm sucessos plausíveis na atual sociedade de massas, o que significa dizer que o livro não ocupa mais um lugar de destaque na cultura contemporânea, como observa Sloterdijk:

Durch die mediale Etablierung der Massenkultur in der Ersten Welt 1918 (Rundfunk) und nach 1945 (Fernsehen) und mehr noch durch die aktuellen Vernetzungsrevolutionen ist die Koexistenz der Menschen in den aktuellen Gesellschaften auf neue Grundlagen gestellt worden. Diese sind, wie sich ohne Aufwand zeigen läßt, entschieden post-literarisch, post-epistolographisch und folglich post-humanistisch. Wer die Vorsilbe post in diesen Formulierungen für zu dramatisch hält, könnte sie durch das Adverb marginal ersetzen - so daß unsere These lautet: Moderne Großgesellschaften können ihre politische und kulturelle Synthesis nur noch marginal über literarische, briefliche, humanistische Medien produzieren. ... Die Ära des neuzeitlichen Humanismus als Schul- und Bildungsmodell ist abgelaufen, weil die Illusion nicht länger sich halten läßt, politische und ökonomische Großstrukturen könnten

⁸⁶ “Certamente, a leitura teve um imenso poder na formação humana – e, em dimensões mais modestas, continua a tê-lo; a seleção, contudo – seja como for que tenha sido levada a cabo – sempre funcionou como a eminência parda por trás do poder. Lições e seleções têm mais a ver entre si do que qualquer historiador da cultura quis ou pôde levar em conta e, ainda que nos pareça impossível por hora reconstruir de forma suficientemente precisa a conexão entre leitura e seleção, considerar que essa conexão, enquanto tal, possui algo de real, é mais do que uma simples hipótese descompromissada”. SLOTERDIJK, Peter. *Regeln für den Menschenpark*. § 52. Tradução: 43.

nach dem amiablen Modell der literarischen Gesellschaft organisiert werden.⁸⁷

As mídias de massa formam indivíduos de massa completamente configurados para viver na multidão. A mudança da massa negra e molar para a massa gaseiforme e colorida da atualidade permite uma forma de influência muito mais efetiva que a primeira. O indivíduo não precisa mais ver os outros ao seu lado: basta-lhe participar dos programas de comunicação em massa para que já faça parte da massa. Hoje, o humanismo parece não funcionar mais no seu intento humanizador. A *Carta sobre o Humanismo*, de Martin Heidegger, pode ser observada como uma última tentativa de salvá-lo:

Sie fragen: Comment redonner un sens au mot «Humanisme»? «Auf welche Weise lässt sich dem Wort Humanismus ein Sinn zurückgeben?» Ihre Frage setzt nicht nur voraus, dass Sie das Wort «Humanisme» festhalten wollen, sondern sie enthält auch das Zugeständnis, dass dieses Wort seinen Sinn verloren hat.

Es hat ihn verloren durch die Einsicht, dass das Wesen des Humanismus metaphysisch ist und das heisst jetzt, dass die Metaphysik die Frage nach der Wahrheit des Seins nicht nur nicht stellt, sondern verbaut, insofern die Metaphysik in der Seinsvergessenheit verharrt. Allein eben das Denken, das zu dieser Einsicht in das fragwürdige Wesen des Humanismus führt, hat uns zugleich dahin gebracht, das Wesen des Menschen anfänglicher zu denken.⁸⁸

⁸⁷ “Com o estabelecimento midiático da cultura de massas no Primeiro Mundo em 1918 (radiodifusão) e depois de 1945 (televisão) e mais ainda pela atual revolução da internet, a coexistência humana nas sociedades atuais foi retomada a partir de novas bases. Essas bases, como se pode mostrar sem esforço, são decididamente pós-literárias, pós-epistolares e, conseqüentemente, pós-humanistas. Quem considera demasiado dramático o prefixo ‘pós-’ nas formulações acima poderia substituí-lo pelo advérbio ‘marginalmente’ – de forma que nossa tese diz: é apenas marginalmente que os meios literários epistolares e humanistas servem às grandes sociedades modernas para a produção de suas sínteses políticas e culturais. (...) A era do humanismo moderno como modelo de escola e de formação terminou porque não se sustenta mais a ilusão de que grandes estruturas políticas e econômicas possam ser organizadas segundo o amigável modelo da sociedade literária” SLOTERDIJK, Peter. *Regeln für den Menschenpark*. § 4. Tradução: 14.

⁸⁸ “O senhor pergunta: *Comment redonner un sens au mot ‘Humanisme’?* ‘De que maneira dar novamente à palavra humanismo um sentido?’ A sua pergunta não pressupõe apenas que o senhor que conservar a palavra ‘humanismo’; ela contém também a confissão de que a palavra perdeu seu sentido. Ela perdeu o sentido, pela convicção de que a essência do humanismo é de caráter metafísico e isto significa, agora, que a Metafísica não só coloca a questão da verdade do ser, mas a obstrui, na medida em que a metafísica persiste no esquecimento do ser. Mas o pensar que conduz a esta compreensão do caráter problemático da essência do

Nesta missiva, um dos mais imediatos e relevantes escritos filosóficos pós-1945, Heidegger adota, segundo Sloterdijk, uma voz trêmula. A pergunta de Jean Beaufret faz Heidegger refletir sobre a perda de sentido da palavra humanismo (*Humanisme*). Entretanto, é a data da carta e a constatação de que o humanismo perdera seu sentido funcional que são mais relevantes para Sloterdijk do que a proposta feita por Heidegger para uma re-significação da essência do humano⁸⁹. A formação do homem pela leitura, em vista de um projeto de domesticação que forma uma ‘comunidade amigável’, parece ter encontrado seus limites com o desfecho da Segunda Guerra mundial:

Für Heidegger führt vom Humanismus kein Weg zu dieser verschärften ontologischen Demutsübung; er meint in ihm vielmehr selbst einen Beitrag zur Aufrüstungsgeschichte der Subjektivität zu sehen. Tatsächlich deutet Heidegger die geschichtliche Welt Europas als das Theater der militanten Humanismen; sie ist das Feld, auf dem die menschliche Subjektivität ihre Machtergreifung über alles Seiende mit schicksalhafter Folgerichtigkeit ausagiert. Unter dieser Perspektive muß sich der Humanismus als natürlicher Komplize aller nur möglichen Greuel anbieten, die im Namen des menschlichen Wohls begangen werden können. Auch in der tragischen Titanomachie der Jahrhundertmitte zwischen Bolschewismus, Faschismus und Amerikanismus standen sich - aus Heideggers Sicht - lediglich drei Varianten derselben anthropozentrischen Gewalt und drei Kandidaturen für eine humanitär verbrämte Weltherrschaft gegenüber - wobei der Faschismus aus der Reihe tanzte, indem er seine Verachtung für hemmende Friedens- und Bildungswerte offener als seine Konkurrenten zur Schau stellte. Tatsächlich ist Faschismus die Metaphysik der Enthemmung - vielleicht auch eine Enthemmungsgestalt der Metaphysik. Aus Heideggers Sicht war der Faschismus die Synthese aus dem Humanismus und dem

humanismo levou-nos, ao mesmo tempo, a pensar a essência do homem mais radicalmente.” HEIDEGGER, Martin. *Über den Humanismus*, p 114-116 (Aubier). Tradução: p 28.

⁸⁹ Sloterdijk empreendeu uma análise mais precisa da proposta de Heidegger em um texto intitulado “A domesticação do Ser, por uma clarificação da clareira”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Domestikation des Seins. Für eine Verdeutlichung der Lichtung*, IN: „Nicht gerettet. Versuche nach Heidegger“. Frankfurt/M, Suhrkamp, 2001.

Bestialismus - das heißt die paradoxe Koinzidenz von Hemmung und Enthemmung.⁹⁰

O grande objetivo do projeto da modernidade é, para Heidegger, a tomada de poder sobre todos os seres. Neste sentido, para Heidegger, fascismo, bolchevismo, americanismo, são formas apenas superficialmente distintas de humanismos militantes. O fascismo errou por ter mostrado, de forma muito mais explícita do que os outros, seu desprezo por valores inibitórios. Contudo, Sloterdijk afirma que o fenômeno do humanismo possui significados que vão além de uma mera formação humana:

Diese Andeutungen machen deutlich: Mit der Humanismus-Frage ist mehr gemeint als die bukolische Vermutung, daß lesen bildet. Es geht in ihr um nicht weniger als um eine Anthropodizee - das heißt eine Bestimmung des Menschen angesichts seiner biologischen Offenheit und seiner moralischen Ambivalenz. Vor allem aber ist die Frage, wie der Mensch zu einem wahren oder wirklichen Menschen werden könne, von hier an unausweichlich als eine Medienfrage gestellt, wenn wir unter Medien die kommunionalen und kommunikativen Mittel verstehen, durch deren Gebrauch sich die Menschen selbst bilden zu dem, was sie sein können und sein werden.⁹¹

⁹⁰ “Para Heidegger, esse intenso exercício ontológico de humildade não é alcançado por nenhum caminho que parta do humanismo; o que ele julga ver neste último é, mais propriamente, uma contribuição a história do armamento da subjetividade. De fato, Heidegger interpreta o mundo histórico da Europa como o teatro dos humanismos militantes; ele é o campo no qual subjetividade humana leva a cabo, com fatídica consequência, sua tomada de poder sobre todos os seres. Sob essa perspectiva, o humanismo se oferece como cúmplice natural de todos os possíveis horrores que podem ser cometidos em nome do bem humano. Mesmo na trágica titanomaquia da metade do século entre bolchevismo, o fascismo e o americanismo exibiram-se, na visão de Heidegger, somente três variações dessa mesma força antropocêntrica e três candidaturas a um domínio humanitariamente ornado de mundo – dentre as quais o fascismo errou o passo ao exhibir mais abertamente que seus concorrentes seu desprezo por valores inibitórios pacíficos e educacionais. De fato, o fascismo é a metafísica da desinibição – talvez mesmo uma forma desinibida da metafísica. Na visão de Heidegger, o fascismo foi a síntese do bestialismo e do humanismo; isto é, a paradoxal confluência de inibição e desinibição” SLOTERDIJK, Peter. *Regeln für den Menschenpark*. § 25. Tradução: 30-31.

⁹¹ “Estas considerações deixam claro que a questão do humanismo significa mais que a bucólica suposição de que a leitura forma. Ela envolve nada menos que uma antropodiceia – isto é, uma definição do ser humano em face de sua abertura biológica e de sua ambivalência moral. Acima de tudo, porém, a questão de como o ser humano poderia se tornar um ser humano verdadeiro ou real está aqui em diante inevitavelmente colocada como uma questão de mídia, se entendermos por mídias os meios comunitários e comunicativos pelos quais os homens se formam a si mesmos para o que podem, e o que vão, se tornar”. SLOTERDIJK, Peter. *Regeln für den Menschenpark*. § 8. Tradução: 19-20

O futuro da humanidade, o futuro do que será conhecido como humano, é uma questão de mídia. Essa afirmação ganha ecos catastróficos quando inserida nos dias atuais, em que cada vez mais o comportamento de massa é desenvolvido subjetivamente pelo indivíduo⁹², onde, para usar as palavras de Zarathustra: o deserto cresce. A massa gaseiforme e colorida, como Sloterdijk a descreve, é a expressão do resultado histórico do desdobrar subjetivo da massa na modernidade. Entretanto, a atualidade continua sendo um cenário de conflito entre os partidários das influências domesticadoras (em certo sentido, humanizadoras) e os partidários das influências bestializadoras (evolucionistas e sedutores). Sloterdijk, ao comentar sobre a possível relevância futura do pensamento de Nietzsche, observa que já na contemporaneidade travam-se lutas titânicas entre os representantes da verticalidade e da horizontalidade:

Etwas hiervon war Nietzsche gegenwärtig, als er es wagte, sich selbst im Ausblick auf seine Fernwirkungen als eine *force majeure* zu bezeichnen. Man kann das Ärgernis, das durch diese Äußerung in die Welt gesetzt wurde, auf sich beruhen lassen, da es zur Beurteilung solcher Präntionen um viele Jahrhunderte, wenn nicht um Jahrtausende zu früh ist. Wer hat Atem genug, sich eine Weltzeit vorzustellen, in der Nietzsche so historisch sein wird, wie Plato es für Nietzsche war? Es genügt, sich klarzumachen, daß die nächsten langen Zeitspannen für die Menschheit Perioden der gattungspolitischen Entscheidung sein werden. In ihnen wird sich zeigen, ob es der Menschheit oder ihren kulturellen Hauptfraktionen gelingt, zumindest wirkungsvolle Verfahren der Selbstzähmung auf den Weg zu bringen. Auch in der Gegenwartskultur vollzieht sich der Titanenkampf zwischen den zähmenden und den bestialisierenden Impulsen und ihren jeweiligen Medien. Schon größere Zähmungserfolge wären Überraschungen angesichts eines Zivilisationsprozesses, in dem eine beispiellose Enthemmungswelle anscheinend unaufhaltsam rollt.⁹³

⁹² A obra *The Lonely Crowd* (1950), do sociólogo americano David Riesman, oferece um rico estudo sobre o desenvolvimento subjetivo de comportamentos de massa pelos americanos.

⁹³ “Nietzsche já tinha algo disso em mente quando ousou designar-se a si mesmo, tendo em vista seu pensamento, como uma *force majeure*. Podemos deixar de lado a irritação provocada mundo afora por essa observação, já que falta ainda muito tempo – séculos, se não milênios – para o julgamento adequado de tais

O gênero humano (*Menschheit*) encontra-se na alvorada de um período em que decisões políticas quanto à espécie (*gattungspolitischen Entscheidung*) serão incontornáveis⁹⁴. Já nos dias atuais, observam-se lutas culturais titânicas entre os impulsos de amansamento (*zähmenden*) e os bestializadores (*bestialisierenden*) e suas respectivas mídias, embora, frente às vitórias cada vez mais certas das mídias horizontais de massas e a onda desinibidora (*Enthemmungswelle*) que as acompanha, seja muito difícil imaginar a obtenção de novos sucessos em técnicas de amansamento. Fato consumado é que a mera leitura não funciona como mídia com poder de influenciar (amansar) de modo geral a sociedade. O humanismo já não é mais eficaz no propósito de domesticar o ser humano. Frente a essa constatação, convém avaliar se ainda existem chances para algum processo de humanização, se esse conflito não estaria perdido frente à bestialização cotidiana dos homens na sociedade atual. Esse é o desafio que o século XXI nos apresenta. A polêmica gerada em torno do texto *Regras para Parque Humano*⁹⁵ no *establishment* filosófico

pretensões. Quem teria o fôlego suficiente para imaginar uma época do mundo em que Nietzsche será tão histórico como Platão o era para Nietzsche? Basta que tenhamos a noção de que as próximas grandes etapas do gênero humano serão períodos de decisão política quanto à espécie. Nelas se revelará se a humanidade ou suas elites culturais conseguiram pelo menos encaminhar procedimentos efetivos de autodomesticação. Na própria cultura contemporânea trava-se uma luta titânica entre os impulsos domesticadores e os bestializadores, e seus respectivos meios de comunicação. Seria surpreendente a obtenção de sucessos mais significativos no campo da domesticação, diante de um processo de civilização em que uma onda desinibidora sem precedentes avança de forma aparentemente irrefreável”. SLOTERDIJK, Peter. *Regeln für den Menschenpark*. § 55. Tradução: 45-46

⁹⁴ Interessante notar que no mesmo ano da publicação do *Regras do Parque Humano*, 1999, Suzan George publica na França *O Relatório Lugano*. Trata-se de eloqüente exemplo de como decisões políticas quanto à espécie humana tornam-se problemas viscerais no alvorecer do século XXI. Como destacado por Laymert Garcia dos Santos no prefácio à edição brasileira, Suzan George revela com precisão a lógica contemporânea da globalização: lógica do extermínio.

⁹⁵ Sobre o *affaire* Sloterdijk: “É verdade que certas discussões científicas que se realizam pacificamente nos Estados Unidos ou na Inglaterra enfrentam, na Alemanha, dificuldades e constrangimentos peculiares. Embora os programas eugenistas tenham sido aceitos por biólogos de todo o mundo e das mais variadas tendências ideológicas até a Segunda Guerra Mundial, foram sobretudo as práticas nazistas que trouxeram à idéia de melhoria genética o opróbrio do qual não conseguem se livrar. (...) É compreensível, então, que o trabalho de Sloterdijk tenha ferido susceptibilidades. Mas, mesmo levando-se isso em conta, a magnitude da reação indica que há outros interesses mais profundos em jogo. E, de fato, o que se processa, de forma não muito disfarçada, é uma guerra de sucessão no *establishment* filosófico universitário alemão. Sloterdijk não poupa críticas à presente situação da Teoria Crítica e dos herdeiros da Escola de Frankfurt que, para ele, não

alemão traduz a própria preocupação de Sloterdijk com a forma que a sociedade reagiria a essas questões, pois o avanço tecnológico entra como um fator decisivo, como escreve Sloterdijk:

Es ist die Signatur des technischen und anthropotechnischen Zeitalters, daß Menschen mehr und mehr auf die aktive oder subjektive Seite der Selektion geraten, auch ohne daß sie sich willentlich in die Rolle des Selektors gedrängt haben müßten. Man darf zudem feststellen: Es gibt ein Unbehagen in der Macht der Wahl, und es wird bald eine Option für Unschuld sein, wenn Menschen sich explizit weigern, die Selektionsmacht auszuüben, die sie faktisch errungen haben.⁹⁶

O desenvolvimento tecnológico começa a abrir possibilidades antes impensáveis em relação ao próprio desenvolvimento do gênero humano. Ao aproximar as idéias de Sloterdijk aos problemas mais importantes da filosofia de Nietzsche, Oswaldo Giacoia Junior reforça que a questão da autodeterminação da moderna consciência científica é uma das preocupações centrais da filosofia nietzscheana, como evidencia no trecho:

Se, depois da "morte de Deus", não se pode mais acreditar nem numa legalidade na natureza, nem numa ordenação moral do mundo - universalmente gravada nas tábuas de carne dos corações humanos -, então os "espíritos livres, muito livres" - como legítimos e cumulados herdeiros da emancipação iluminista - terão de tomar em suas próprias mãos a instituição de novas tábuas de valor, que darão sustentação à legislação para os próximos milênios. Também para Nietzsche o homem moderno não tem mais escolha: já não lhe é possível recuar dos limiares de autodeterminação definitivamente conquistados; o caminho é para frente e ascendente: o "último homem" deve ser superado, o homem deve superar a si mesmo,

mais possuem respostas para as questões que se colocam para a terceira geração do pós-guerra. A figura emblemática de Jürgen Habermas se apresenta, para Sloterdijk, desgastada e em franco declínio. Rei morto, rei posto. Nos três anos passados desde a conferência de Elmau, não há muitas dúvidas de que Peter Sloterdijk, principalmente por sua hábil exposição midiática, surge hoje como o mais visível nome dos meios filosóficos na Alemanha". MARQUES, José Oscar de A. "Sobre as Regras para o Parque humano de Peter Sloterdijk". Publicado em *Natureza Humana*. Vol. IV, 2002, pág. 363-381.

⁹⁶ "É a marca da era técnica e antropotécnica que os homens mais e mais se encontram no lado ativo ou subjetivo da seleção, ainda que não precisem ter se dirigido voluntariamente para o papel do selecionador. Pode-se ademais constatar: há um desconforto no poder de escolha, e em breve será uma opção pela inocência recusar-se explicitamente a exercer o poder de seleção que de fato se obteve". SLOTERDIJK, Peter. *Regeln für den Menschenpark*. § 54. Tradução: 44-45.

dando lugar ao Além-do-Homem. No capítulo sobre a "Auto-Superação", do segundo livro de *Assim falou Zaratustra*, Nietzsche afirma que lá onde há vida, há também obediência. Entretanto, obediência sempre pressupõe comando: "Mas, onde encontrei viventes, lá ouvi também o discurso sobre obediência. Todo vivente é alguém que obedece. E o segundo é isso: manda-se naquele que não pode obedecer a si próprio"*.⁹⁷

Embora o último homem deva ser superado, não escapa a Nietzsche que a sociedade de últimos homens reproduz indefinidamente um projeto de ser humano nivelado por baixo, castrando a própria possibilidade de seu futuro. Para Nietzsche, é evidente que o processo civilizacional europeu caminha para a desertificação. Essa era antropotécnica já é genialmente intuída, no fim do século XIX, em *Além do Bem e do Mal*:

Nenne man es nun "Civilisation" oder "Vermenschlichung" oder "Fortschritt", worin jetzt die Auszeichnung der Europäer gesucht wird; nenne man es einfach, ohne zu loben und zu tadeln, mit einer politischen Formel die demokratische Bewegung Europa's: hinter all den moralischen und politischen Vordergründen, auf welche mit solchen Formeln hingewiesen wird, vollzieht sich ein ungeheurer *physiologischer* Prozess, der immer mehr in Fluss geräth, - der Prozess einer Anähnlichung der Europäer, ihre wachsende Loslösung von den Bedingungen, unter denen klimatisch und ständisch gebundene Rassen entstehen, ihre zunehmende Unabhängigkeit von jedem bestimmten milieu, das Jahrhunderte lang sich mit gleichen Forderungen in Seele und Leib einschreiben möchte, - also die langsame Heraufkunft einer wesentlich übernationalen und nomadischen Art Mensch, welche, physiologisch geredet, ein Maximum von Anpassungskunst und -kraft als ihre typische Auszeichnung besitzt.⁹⁸

⁹⁷ GIACOIA JUNIOR, Oswaldo. "Corpos em fabricação". *Natureza humana*, jun. 2003, vol.5, no.1, p.175-202.

* NIETZSCHE, F. *Also Sprach Zarathustra II. Von der Selbst-Überwindung*. IN: KSA 4, p 147.

⁹⁸ "Chame-se 'civilização', 'humanização' ou 'progresso' aquilo em que se vê a distinção dos europeus; chame-se-lhe, simplesmente, sem louvar ou censurar, e utilizando uma fórmula política, o movimento democrático da Europa: por trás de todas as fachadas morais e políticas a que remetem essas fórmulas, efetua-se um tremendo processo *fisiológico*, que não pára de avançar – o processo de homogeneização dos europeus, seu crescente libertar-se das condições em que surgem as raças ligadas a clima e classe, sua independência cada vez maior de todo meio determinado, que durante séculos se inscreveria com exigências iguais no corpo e na alma - ou seja, a lenta ascensão de um tipo de homem essencialmente supranacional e nômade, que fisiologicamente possui, como marca distintiva, o máximo em força e arte de adaptação". NIETZSCHE, Friedrich W. *Jenseits von Gut und Böse*. § 242.

O processo histórico de desenvolvimento da massa como sujeito encontra uma fiel descrição nas palavras de Nietzsche: o processo de uniformização, homogeneização do europeu (*der Prozess einer Anähnlichung der Europäer*). Civilizar, humanizar, progredir, democratizar, são os imperativos do movimento cultural de reconhecimento das massas. Nesse sentido, a cultura de massas envolve o problema do tipo de seres humanos que devem ser produzidos. Em Nietzsche, é possível discernir as características gerais deste processo. No parágrafo 242 de *Além do bem e do Mal*, ele distingue dois tipos de indivíduos (dominados e os dominadores) produzidos no horizonte do europeu em evolução:

Die selben neuen Bedingungen, unter denen im Durchschnitt eine Ausgleichung und Vermittelmässigung des Menschen sich herausbilden wird - ein nützlich arbeitames, vielfach brauchbares und anstelliges Heerdenthier Mensch -, sind im höchsten Grade dazu angethan, Ausnahme-Menschen der gefährlichsten und anziehendsten Qualität den Ursprung zu geben. Während nämlich jene Anpassungskraft, welche immer wechselnde Bedingungen durchprobirt und mit jedem Geschlecht, fast mit jedem Jahrzehend, eine neue Arbeit beginnt, die *Mächtigkeit* des Typus gar nicht möglich macht; während der Gesamt-Eindruck solcher zukünftiger Europäer wahrscheinlich der von vielfachen geschwätzigen willensarmen und äusserst anstellbaren Arbeitern sein wird, die des Herrn, des Befehlenden bedürfen wie des täglichen Brodes; während also die Demokratisirung Europa's auf die Erzeugung eines zur *Sklaverei* im feinsten Sinne vorbereiteten Typus hinausläuft: wird, im Einzel- und Ausnahmefall, der *starke* Mensch stärker und reicher gerathen müssen, als er vielleicht jemals bisher gerathen ist, - Dank der Vorurtheilslosigkeit seiner Schulung, Dank der ungeheuren Vielfältigkeit von Übung, Kunst und Maske. Ich wollte sagen: die Demokratisirung Europa's ist zugleich eine unfreiwillige Veranstaltung zur Züchtung von *Tyrannen*, - das Wort in jedem Sinne verstanden, auch im geistigsten.⁹⁹

⁹⁹ “As mesmas novas condições em que se produzirá, em termos gerais, um nivelamento e mediocridade do homem – um homem animal de rebanho, útil, laborioso, variamente versátil e apto -, são sumamente adequadas a originar homens de exceção, da mais perigosa e atraente qualidade. Pois enquanto essa tal força de adaptação, que está sempre a testar condições cambiantes e começa um novo trabalho a cada geração, cada decênio quase, não permite em absoluto a *pujança* do tipo; enquanto a impressão geral causada por esses futuros europeus será, provavelmente, a de trabalhadores bastante utilizáveis, múltiplos, faladores e fracos de

Por trás do rótulo de democratização, existe uma profunda diferenciação de tipos e funções de indivíduos na sociedade de massas. A produção e formação do ser humano, mesmo neste sentido massificado, são uma questão de poder (democracia é uma questão de tomada de poder da multidão sobre si mesma), como observa Sloterdijk, ao comentar as observações de Zarathustra sobre a cidade onde tudo ficou menor:

Wenn Zarathustra durch die Stadt geht, in der alles kleiner geworden ist, nimmt er das Ergebnis einer bislang erfolgreichen und unumstrittenen Züchtungspolitik wahr: Die Menschen haben es - so scheint es ihm - mit Hilfe einer geschickten Verbindung von Ethik und Genetik fertiggebracht, sich selber kleinzuzüchten. Sie haben sich selbst der Domestikation unterworfen und eine Zuchtwahl in Richtung auf haustierliche Umgänglichkeit bei sich selbst auf den Weg gebracht. Aus dieser Einsicht entspringt Zarathustras eigentümliche Humanismus-Kritik als Zurückweisung der falschen Harmlosigkeit, mit der sich der neuzeitliche gute Mensch umgibt. Tatsächlich, es wäre nicht harmlos, wenn Menschen Menschen in Richtung auf Harmlosigkeit züchteten.¹⁰⁰

A verdadeira estrutura da desprezabilidade do programa hegeliano-marxista de reconhecimento do ser humano, almejando destruir todas as relações de desprezo em que o homem é considerado rebaixado e servil, vem à tona na constatação de que não é inócuo que homens criem homens com vista à inocuidade (*es wäre nicht harmlos, wenn Menschen Menschen in Richtung auf Harmlosigkeit züchteten*). Dessa forma, também se revela que o

vontade, necessitados do senhor, do mandante, como do pão de cada dia; enquanto a democratização da Europa resulta, portanto, na criação de um tipo preparado para a *escravidão* no sentido mais sutil: o homem *forte*, caso singular e de exceção, terá de ser mais forte e rico do que jamais foi (...). Quero dizer que a democratização da Europa é, simultaneamente, uma instituição involuntária para o cultivo de *tiranos* – tomando a palavra em todo sentido, também no mais espiritual”. NIETZSCHE, Friedrich W. *Jenseits von Gut und Böse*. § 242.

¹⁰⁰ “Quando Zarathustra atravessa a cidade na qual tudo ficou menor, ele se apercebe do resultado de uma política de criação até então próspera e indiscutível: os homens conseguiram - assim lhe parece – com ajuda de uma hábil combinação de ética e genética, criar-se a si mesmos para serem menores. Eles próprios se submeteram à domesticação e puseram em prática sobre si mesmo uma seleção direcionada para produzir uma sociabilidade à maneira de animais domésticos. Dessa percepção se origina a peculiar crítica ao humanismo de Zarathustra, como rejeição da falsa inocuidade da qual se cerca o bom ser humano moderno. Não seria inócuo que homens criassem homens com vista à inocuidade” SLOTERDIJK, Peter. *Regeln für den Menschenpark*. § 49. Tradução: p 40.

humanismo, para além de seu mero aspecto pacificador, funcionou como uma forma ativa de antropotécnica. Portanto, frente ao fracasso do projeto do humanismo, deve-se observar de que forma essa antropotécnica poderia subsistir. É nesse sentido que Sloterdijk expressa a seguinte preocupação:

Aber sobald in einem Feld Wissensmächte positiv entwickelt sind, machen Menschen eine schlechte Figur, wenn sie - wie in den Zeiten eines früheren Unvermögens - eine höhere Gewalt, sei es den Gott oder den Zufall oder die Anderen, an ihrer Stelle handeln lassen wollen. Da bloße Weigerungen oder Demissionen an ihrer Sterilität zu scheitern pflegen, wird es in Zukunft wohl darauf ankommen, das Spiel aktiv aufzugreifen und einen Codex der Anthropotechniken zu formulieren. Ein solcher Codex würde rückwirkend auch die Bedeutung des klassischen Humanismus verändern - denn mit ihm würde offengelegt und aufgeschrieben, daß *humanitas* nicht nur die Freundschaft des Menschen mit dem Menschen beinhaltet; sie impliziert auch immer - und mit wachsender Expliztheit -, daß der Mensch für den Menschen die höhere Gewalt darstellt.¹⁰¹

Com o desenvolvimento de uma antropotécnica será necessário que o homem assuma de forma ativa a tarefa de implementá-la. Se não assumir, quem inevitavelmente irá ditar as regras para o que o homem deve ser tornar será a massa subjetivamente desenvolvida no indivíduo (ou, usando a terminologia de Heidegger: *das Man*). A massa produzirá indivíduos de massa, com consciências de massa. Se, de fato, a tecnologia vier a nos propiciar uma intervenção mais radical na domesticação e amansamento do ser humano, a que interesses (ou interesses de quem) servirá essa intervenção? Se a forma consciente for negligenciada, assumirão o controle os interesses regulados segundo a cultura de massas, com todas as características dessa cultura de massas midiaticizadas pós-

¹⁰¹ “Mas tão logo poderes de conhecimento se desenvolvam positivamente em um campo, as pessoas farão uma má figura se – como na época de uma anterior incapacidade – quiserem deixar agir em seu lugar um poder mais elevado, seja ele Deus, o acaso, ou os outros. Já que as meras recusas ou abdições costumam falhar devido a sua esterilidade, será provavelmente importante, no futuro, assumir de forma ativa o jogo e formular um código das antropotécnicas. Um tal código também alteraria de forma retroativa o significado do humanismo clássico – pois não inclui só a amizade do ser humano pelo ser humano; ela implica também – e de maneira crescentemente explícita – que o homem representa o mais alto poder para o homem”. SLOTERDIJK, Peter. *Regeln für den Menschenpark*. § 54. Tradução: p 45.

moderna. Isso equivaleria, para usar a sinistra figura da desertificação, a produção em massa do último homem:

Rund, rechtlich und gütig sind sie mit einander, wie Sandkörnchen
rund, rechtlich und gütig mit Sandkörnchen sind.¹⁰²

Ao visualizar o último homem como um grão de areia, a imagem de um deserto que cresce inexoravelmente serve como retrato da sociedade midiática de massas do século XXI. Ecoa a afirmação de Zarathustra: o deserto cresce. O aviso vem de uma aparente característica da massa ressaltada pelo fenomenólogo do espírito das massas humanas, Elias Canetti:

Es ist wichtig, als erstes einmal festzustellen, daß die Masse sich nie gesättigt fühlt. Solange es einen Menschen gibt, der nicht von ihr ergriffen ist, zeigt sie Appetit. Ob sie diesen auch behalten würde, wenn sie wirklich *alle* Menschen in sich aufgenommen hätte, kann niemand sicher sagen, doch ist es sehr zu vermuten.¹⁰³

Sloterdijk, ao comentar sobre a situação da Arte na atual cultura da uniformidade, coloca em questão se o progresso da desertificação não tardará em iniciar uma campanha contra o extraordinário:

Ich sehe in all dem Spuren eines immer selbstsicherer werdenden Hasses gegen die Ausnahme, die noch eine Ausnahme im älteren Sinne darstellt, Spuren eines Grolls gegen das, was in seiner Art nie zu ersetzen sein wird und was man eben darum erst recht so rasch und würdelos wie möglich ersetzen will – weil nur das Austauschbare die Norm der Indifferenz erfüllt; darüber hinaus auch Spuren einer verlegenen Verzweiflung, die sich regt angesichts von allem, was an das verlorene Reich der Gnade erinnert. Vielleicht sollte man es, so wenig opportun es sein mag, noch einmal sagen: In der Welt nach der Gnade war die Kunst das Asyl der übriggebliebenen Ausnahmen. Sie war ein Feld im abendlichen

¹⁰² “São corretos, leais e benévolos uns para com os outros, como são corretos, leais e benévolos entre si os grãos de areia” NIETZSCHE, F. *Also sprach Zarathustra*. Von der verkleinernden Tugend, § 2.

¹⁰³ “É importante estabelecer, antes de tudo, que a massa jamais se sente saciada. Enquanto houver alguém que não se tenha deixado apanhar por ela, ela demonstrará apetite. Se seguiria demonstrando-o, uma vez tendo realmente absorvido a *totalidade* dos homens, isso ninguém pode afirmar com certeza, embora seja de se supor que sim”. CANETTI, Elias. *Masse und Macht*, p 13. Tradução: p 17.

Himmel, in dem von Zeit zu Zeit ein tanzender Stern aufging. Wen wundert es nach der vorgetragenen Analyse, wenn die entschlossen vorrückende Einheitskultur, die nur noch beliebige Differenzen vor dem Hintergrund von Ununterschiedenheit gelten lassen kann, jetzt Anstalten trifft für ihre nächsten Schläge in dem unbefristeten finalen Feldzug gegen das Außerordentliche?¹⁰⁴

A cultura de massas compromete qualquer tentativa de diferenciação relevante.

Porém, o deserto cresce dentro de nós. Sloterdijk demonstra uma preocupação com essa massificação no interior do próprio homem no desfecho de seu texto *O Desprezo das Massas*, quanto ressalta o conceito de cultura:

Kultur in dem normativen Sinn, na den zu erinnern nötig ist wie nie zuvor, umfaßt den Inbegriff von Versuchen, die Masse in uns selber herauszufordern, sich gegen sich selbst zu entscheiden. Sie ist eine Differenz zum Besseren, die es, wie alle relevant Unterscheidungen, nur gibt, sooft und solange sie gemacht wird.¹⁰⁵

É necessário rejeitar a simples adulação da massa. É, antes, melhor provocá-la, desafiá-la. Só que provocar essa massa pós-moderna é provocar nossa própria subjetividade contra nós mesmos. A massificação do ser humano dissolve todas as diferenças relevantes (a massa colorida, fragmentada) e bestializa a democracia como um perigoso governo pela turba. A cultura é essa diferença relevante que só existe enquanto um exercício de provocação, não de adulação. Em suma, o século XXI parece nos descortinar uma

¹⁰⁴ “Vejo em tudo isso vestígios de um ódio que se torna cada vez mais seguro de si, para com a exceção que ainda representa uma exceção no sentido mais antigo, vestígios de rancor daquilo que em sua maneira nunca poderá ser substituído e que justamente por isso se quer substituir de forma tão rápida e indigna quanto possível – porque somente o permutável preenche a norma da indiferença; além disso, vejo ainda vestígios de um desespero embaraçado, que se move sobretudo em vista daquilo que lembra o reino perdido da graça. Talvez, por menos oportuno que possa parecer, se devesse dizer mais uma vez: no mundo que sucedeu à graça, a arte foi o asilo das exceções que restaram. Ela foi um campo no céu noturno, no qual de tempos em tempos nascia uma estrela. Exposta a análise, a quem admiraria se a cultura da uniformidade em franco progresso, que só suporta determinadas diferenças diante do pano de fundo de indiferenciabilidade, agora prepare os próximos golpes da derradeira e sem data marcada campanha contra o extraordinário?” SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 94. Tradução: p 116.

¹⁰⁵ “Cultura no sentido normativo, é mais do que nunca necessário lembrar, abrange a quintessência das tentativas de provocar a massa em nós mesmos para decidir-se contra si mesmo. Ela é uma diferença para melhor que, como todas as diferenciações relevantes, somente perdurará enquanto e sempre que for feita”. SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen*, p 95. Tradução: p 117.

sociedade futura do último homem. Se é verdade que o deserto cresce, também é verdade que vivemos no seio de um conflito em que nada foi decidido, nem nada é certo. Torna-se necessário, portanto, interpretar e compreender as forças em conflito e as consequências deste para o que conhecemos como humanidade. A preocupação com o desenvolvimento e o gerenciamento do gênero humano, no século XXI, não pode ser negligenciada e, nesse sentido, torna-se necessária uma maior compreensão da possibilidade de superação da cultura de massas. Uma abordagem positiva do fenômeno das massas humanas é possível, ela se inicia ao reconhecermos seriamente que as multidões proporcionam um grande desafio ao pensamento filosófico.

Posfácio

In Frankfurt zum erstenmal war ich ihr ohne Widerstand verfallen. Seither war mir immer bewußt geblieben, wie *gern* man der Masse verfällt. Eben das war mir zum Gegenstand des Staunens geworden. Ich sah Masse um mich, aber ich sah auch Masse in mir

Elias Canetti, *Die Fackel im Ohr*¹⁰⁶

Aos 20 anos, o jovem Elias Canetti, depois de um passeio pelas montanhas, reserva, durante uma semana, todas as manhãs para o início de seu projeto: escrever um livro sobre as massas. Escolheu para essas manhãs a leitura da *Psicologia das Massas e análise do Eu*, de Sigmund Freud. O livro em nenhum momento parecia coerente com a lembrança que o próprio Canetti tinha do arrebatamento da massa; nada havia, no ensaio de Freud, que indicasse um reconhecimento do fenômeno. Isto o fez compreender que uma abordagem competente das massas consistia um desafio muito maior do que havia imaginado. Somente 35 anos mais tarde Canetti daria a público *Massa e Poder*. Certamente não foi a arrogância que o fez observar posteriormente sobre seu livro: “acredito que peguei o século pela garganta”¹⁰⁷.

¹⁰⁶ “Em Frankfurt eu sucumbira a ela pela primeira vez, sem oferecer resistência. Desde então sempre estive ciente do quanto se *gosta* de sucumbir à massa. Era isto, precisamente, o que me causara tanto espanto. Eu via a massa ao meu redor, mas também via a massa dentro de mim (...)”. CANETTI, Elias. *Die Fackel im Ohr. Lebensgeschichte 1921-1931*. p 143. Tradução: p 139.

¹⁰⁷ “Gestern ist das Manuskript von *Masse und Macht* nach Hamburg abgegangen. 1925, vor vierunddreißig Jahren, hatte ich den ersten Gedanken zu einem Buch über die Masse. Aber der wirkliche Keim dazu war noch früher: eine Arbeiterdemonstration in Frankfurt anlässlich des Todes von Rathenau, ich war siebzehn Jahre alt. Wie immer ich es ansehe, mein ganzes erwachsenes Leben war von diesem Buche erfüllt, aber seit ich in England lebe, also seit über zwanzig Jahren, habe ich, wenn auch mit tragischen Unterbrechungen, kaum an etwas anderem gearbeitet. War es diesen Aufwand wert? Sind mir viele andere Werke so entgangen?

Peter Sloterdijk, o pensador no palco, é hábil em exposições e intervenções midiáticas. O texto *Desprezo das Massas* originou-se da polêmica intitulada “Sintoma de Munique”¹⁰⁸, que girava em torno da mudança de um cargo público de direção de teatro. Sloterdijk enxergou neste momento um sintoma do espírito do tempo e algum tempo depois publicou o ensaio. O texto *Regras do parque humano* não teve a mesma oportunidade de uma tranqüila maturação: foi publicado em jornal tão logo iniciou-se a polêmica em torno de seu discurso, sob a justificativa de que, em alguns momentos, o interesse público deve prevalecer sobre o interesse do autor.

Wie soll ich es sagen? Ich mußte tun, was ich getan habe. Ich stand unter einem Zwang, den ich nie begreifen werde. Ich habe davon gesprochen, bevor viel mehr als die Absicht zu dem Buche da war. Ich habe es mit dem größten Anspruch angemeldet, um mich besser daran zu ketten. Während jeder, der mich kannte, mich dazu antrieb, es zu vollenden, habe ich es nicht um eine Stunde früher abgeschlossen, als mir richtig schien. Die besten Freunde, die ich hatte, verloren in den Jahren ihren Glauben an mich, es dauerte zu lange, ich konnte es ihnen nicht verargen. Jetzt sage ich mir, daß es mir gelungen ist, dieses Jahrhundert an der Gurgel zu packen”. [Ontem, o manuscrito de *Massa e Poder* foi enviado para Hamburgo. Em 1925, há trinta e quatro anos atrás, tive a primeira idéia de um livro sobre a massa. Mas, seu verdadeiro gérmen era ainda mais anterior: uma manifestação de trabalhadores em Frankfurt, por ocasião da morte de Rathenau; eu tinha dezessete anos. Como constato continuamente, toda minha vida de adulto está ocupada por este livro; mas desde que eu vivo na Inglaterra, ou seja, há mais de vinte anos, salvo algumas trágicas interrupções, eu mal trabalhara em qualquer outra coisa. Valeu a pena este esforço? Não perdi assim muitas outras obras? Como devo dizê-lo? Eu tive que fazer o que fiz. Eu estava sob uma coação que nunca vou entender. Já falava deste livro quando não havia nada mais do que apenas a intenção de escrevê-lo. Anunciei-o como uma obra de enormes pretensões a fim de que me atasse mais a ele. Apesar de que todos que me conheciam me impeliaram a terminá-lo, eu não o terminei nem uma hora antes do que me pareceu que devia ser. Durante todos esses anos, meus melhores amigos perderam sua fé em mim, demorou muito tempo, eu não poderia culpá-los. Agora digo a mim mesmo que eu consegui agarrar este século pela garganta]. CANETTI, Elias. *Die Provinz des Menschen. Aufzeichnungen 1942-1972*. p 242-243.

¹⁰⁸ Em 1999, o novo *Kulturintendant* de Munique, Julian Nida-Rümelin, recusou-se a renovar o contrato de Dieter Dorn, diretor de longa data do *Münchener Kammerspiele*, substituindo-o por Frank Baumbauer. Em 15 de fevereiro, a crítica de teatro Christine Dössel escreve um artigo no *Süddeutsche Zeitung* defendendo que a era de Dieter Dorn chegara ao final e que não havia nenhum problema nessa substituição. Alguns dias depois, Sloterdijk publica no *Süddeutsche Zeitung* um artigo intitulado “Das Münchner Symptom”, identificando o episódio e o artigo de Christine Dössel como um sintoma das lutas culturais dos tempos modernos (entre a *high-culture* e *low-culture*). Em 6 de março, Julian Nida-Rümelin responde com um artigo intitulado: “Tertiärphilosophie: Ist Peter Sloterdijk high? - Der Artikel des Kollegen Sloterdijk zum intendantenwechsel an den Kammerspielen ist der bisher ahnungsloseste Kommentar zum Thema” [Filosofia-terciária: Peter Sloterdijk está *alto*? O artigo do colega Sloterdijk sobre a mudança feita pelo intendente no *Kammerspielen* é o comentário mais ‘sem noção’ sobre o tema]. Em primeiro de julho de 1999, Sloterdijk, convidado pela *Bayerische Akademie der Schönen Künste* de Munique, profere uma palestra onde já expõe as bases do ensaio *Die Verachtung der Massen*, publicado pela Suhrkamp no ano seguinte.

Ao mobilizar as leituras destes textos de Canetti e Sloterdijk, as conclusões em relação ao horizonte de possibilidades da humanidade costumam ser catastróficas. Porém, de formas distintas, os dois pensadores tornam-se contra-exemplos das próprias conclusões que às vezes somos levados a tirar. Ainda que se reconheça a massa ao olhar para si mesmo, ainda é possível ser provocativo e almejar o extraordinário.

Bibliografia Principal

CANETTI, Elias. *Masse und Macht*. Hamburg, Claassen. Tradução brasileira: *Massa e Poder*. Tradução de Sérgio Tellaroli. São Paulo, Companhia das letras, 1995.

GIACOIA Jr., Oswaldo. “O último homem e a técnica moderna”. *Natureza Humana. Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas*. São Paulo (PUC), Vol. I n.1 , 1999, p.33-52.

———. “Corpos em fabricação”. *Natureza Humana. Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas*. São Paulo (PUC), Vol. V n.1, 2003, p.175-202.

GÜNZEL, Stephan. “*Masse als ästhetisches Problem*”. *Ästhetik. Ephemeres und Historisches*, hg. v. Renate Resche, Hamburg: Kovac, 2002, p 125-142.

———. “Der Begriff der *Masse* im ästhetisch-literarischen Kontext. Einige signifikante Positionen”. *Archiv für Begriffsgeschichte* 45, 2003, p 151-166.

HEIDEGGER, Martin. *Über den Humanismus*, Verlag A. Francke, Berne, 1947. Tradução francesa de Roger Munier: “Lettre sur l’humanisme”. Aubier Editions, 1983. Tradução brasileira de Rubens Eduardo Frias: “Carta sobre o humanismo”. São Paulo, Ed. Moraes, 1991.

MARQUES, José Oscar de Almeida. “Sobre as *Regras para o parque humano* de Peter Sloterdijk”. *Natureza Humana. Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas*. São Paulo (PUC), Vol. IV n. 2, 2002, p.363-381.

MCCLELLAND, John S. *The Crowd and the Mob: from Plato to Canetti*. London, Unwin Hyman, 1989.

NIETZSCHE, Friedrich W. *Sämtliche Werke. Kritische Studienausgabe* (KSA). Ed. Colli e M. Montinari, Berlin/New York/München, de Gruyter/DTV, 1980.

———. *Also sprach Zarathustra – Ein Buch für Alle und Keinen*, KSA 4, 1883–1885. Tradução de Mário da Silva: *Assim falou Zaratustra*. Círculo do Livro, São Paulo, s/d.

———. *Jenseits von Gut und Böse – Vorspiel einer Philosophie der Zukunft*, KSA 5, 1886. Tradução de Paulo César de Souza: *Além do Bem e do Mal*, São Paulo, Companhia das letras, 1992.

———. *Zur Genealogie der Moral – Eine Streitschrift*, KSA 5, 1887. Tradução de Paulo César de Souza: *Genealogia da Moral*, São Paulo, Companhia das letras, 1999.

PLATÃO. *Platonis Opera*, ed. John Burnet, Clarendon Press Oxford, 1902.

———. *A República*. Introdução, tradução e notas de Maria Helena da Rocha Pereira, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1973.

SLOTERDIJK, Peter. *Die Verachtung der Massen: Versuch über Kulturkämpfe in der modernen Gesellschaft*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, 2000. Tradução brasileira: *O Desprezo das Massas: ensaio sobre lutas culturais na sociedade moderna*. Tradução de Claudia Cavalcanti. São Paulo, Estação Liberdade, 2002.

———. *Regeln für den Menschenpark – Ein Antwortschreiben zu Heideggers Brief über den Humanismus*. Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1999. Tradução brasileira: *Regras para o parque humano - uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanismo*. Tradução de José Oscar de Almeida Marques. São Paulo, Estação Liberdade, 2000.

YAVETZ, Zvi. *La plèbe et le prince: foule et vie politique sous le haut-empire romain*. Ed. La Découverte, Paris, 1984.

Bibliografia de Apoio

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza*. Brasiliense, São Paulo, 1982.

CANETTI, Elias. *Die Fackel im Ohr. Lebensgeschichte 1921-1931*. Carl Hanser Verlag, München/Wien, 1980. Tradução de Kurt Jahn: *Uma luz em meu ouvido. História de uma vida 1921-1931*. Companhia das Letras, São Paulo, 1988.

———. *Die Provinz des Menschen. Aufzeichnungen 1942-1972*. Fischer Taschenbuch Verlag, 2003.

CARLYLE, Thomas. *On Heroes, Hero-Worship, and the Heroic in History*, IN Project Gutenberg: <http://www.gutenberg.org/files/1091/1091-h/1091-h.htm>

CHANTRAINE, Pierre. *Dictionnaire Étymologique de la Langue Grecque. Histoire des Mots Tome III*, Editions Klincksieck, Paris, s/d.

FREUD, Sigmund. *Massenpsychologie und Ich-Analyse. Die Zukunft einer Illusion*, Fischer Taschenbuch Verlag, Frankfurt am Main, 1993.

GEIGER, R. L. “Democracy and the crowd: the social history of an idea in France and Italy, 1890-1914”. *Societas*. Vol. 7, 1977.

GEORGE, Suzan. *O Relatório Lugano*. Tradução de Afonso Teixeira Filho, Boitempo, São Paulo, 2002.

GINER, S. *Mass Society*. Londres, 1976.

HERF, Jeffrey. *O Modernismo Reacionário*. Tradução de Cláudio Frederico da S. Ramos. Editora Ensaio, UNICAMP, 1993.

LE BON, Gustave. *Psychologie des foules*. Paris, s/d.

———. *The Crowd: a Study of Popular Mind*. Electronic Text Center, University of Virginia Library, E.U.A., 1995.

LOPARIC, Zeljko. “A fabricação dos humanos”. *Manuscrito*, v. 28 n.2, p. 391-415. jul-dez 2005.

LORENZ, Dagmar C. G (org.). *A Companion to the Works of Elias Canetti*. Boydell & Brewer, Rochester/NY, EUA, 2004.

MAIA, Antonio Cavalcanti. “Biopoder, biopolítica e o tempo presente”. In: *O Homem-Máquina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 77-108.

MAURER, Reinhart. “Carta de Reinhart Maurer a Volker Gerhardt”. *Natureza Humana. Revista Internacional de Filosofia e Práticas Psicoterápicas*, Dez 2000, vol.2, no.2, p.420-426.

———. “O que existe de propriamente escandaloso na filosofia da técnica de Heidegger”. *Natureza Humana*, Dez 2000, vol.2, no.2, p.403-419.

MARX, Karl. „Zur Kritik der Hegelschen Rechtsphilosophie“. IN S. Landshut (Org.), *Die Frühschriften*. Stuttgart, 1968.

PLATÃO. *Leis*. Tradução de Carlos Alberto Nunes, Coleção Diálogos, Universidade Federal do Pará, 1980.

———. *Político*. Tradução de Jorge Paleikat e João Cruz Costa, Coleção Os Pensadores, Abril Cultural, São Paulo, 1972.

RIESMAN, David. *The Lonely Crowd: A study of changing American character*. Tradução brasileira: *A multidão solitária*. São Paulo, Perspectiva, 1971.

RUBERCY, E. BUHAN, D. *Douze questions posées a Jean Beaufret a propos de Martin Heidegger*. Ed. Aubier Montaigne, Paris, 1983.

SESONSKE, A. *Plato's Republic: Interpretation and Criticism*. Wadsworth Publishing Company, Belmont, California, 1966.

SLOTERDIJK, Peter. *Eurotaoismus – Zur Kritik der politischen Kinetik*. Tradução portuguesa de Paulo Osório de Castro: *A Mobilização Infinita*. Lisboa, 1989.

SPINOZA, Baruch. *Ethica Ordine Geometrico Demonstrata*, IN: “Spinoza Opera”, vol.II ed. Carl Gebhardt, Heidelberg 1925.

TARDE, Gabriel. *L'Opinion et la Foule*, Paris, Presses Universitaires, 1989.

———. *Écrits de psychologie sociale*. 1898.